

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
DOUTORADO

ELIANA PICCOLI ZORDAN

**A SEPARAÇÃO CONJUGAL NA CONTEMPORANEIDADE:  
MOTIVOS, CIRCUNSTÂNCIAS E CONTEXTOS**

Prof. Dra. Marlene Neves Strey  
Orientadora

Porto Alegre  
2010

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
DOUTORADO

ELIANA PICCOLI ZORDAN

**A SEPARAÇÃO CONJUGAL NA CONTEMPORANEIDADE:  
MOTIVOS, CIRCUNSTÂNCIAS E CONTEXTOS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, como parte dos requisitos para obtenção do Grau de Doutor em Psicologia

Prof. Dra. Marlene Neves Strey  
Orientadora

Porto Alegre  
2010

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
DOUTORADO

**A SEPARAÇÃO CONJUGAL NA CONTEMPORANEIDADE:  
MOTIVOS, CIRCUNSTÂNCIAS E CONTEXTOS**

Eliana Piccoli Zordan

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

Dra. Marlene Neves Strey  
Orientadora – Presidente

Dra. Adriana Wagner  
(UFRGS)

Dra. Denise Falcke  
(UNISINOS)

Dra. Helena Beatriz K. Scarparo  
(PUCRS)

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Eneida e Arthur pelo apoio incondicional que sempre deram aos meus projetos de estudos e desenvolvimento.

Ao Redenzio pela compreensão, paciência e tolerância com a minha ausência e pelo suporte que dava às nossas filhas e à nossa casa enquanto eu “viajava” em busca dos meus sonhos.

Às queridas filhas Johara e Mariash com quem curto o prazer de compartilhar meu aprendizado e conquistas, ao mesmo tempo em que vibro com o aprendizado e conquistas delas.

À Tia Tânia modelo, incentivadora e desbravadora que não mediu esforços para abrir as portas para que eu pudesse ficar dois dias por semana em Porto Alegre, o que não teria sido possível sem a sua influência.

Ao meu irmão Paulo Roberto que, à distância e a seu modo, procurava estar presente nesta jornada.

Ao Dr. Leonel Dario Lanius pela sensibilidade, compreensão e apoio à qualificação dos profissionais de saúde.

À colega Vera Izabel Padilha Pereira que com seu conhecimento e competência profissional abriu caminhos para esta trajetória de quatro anos.

À minha primeira orientadora nesta caminhada, professora Dra. Adriana Wagner, por todas as aprendizagens e oportunidades que me proporcionou, as quais deram uma nova luz a minha vida.

À minha orientadora, professora Dra. Marlene Neves Strey, que me acolheu com carinho, contribuindo com novas perspectivas sobre a pesquisa e a arte da escrita.

Aos colegas dos Grupos de Pesquisa pelas contribuições em toda essa caminhada de aprendizagens, em especial à Ananda Armani, cuja parceria de todas as horas foi muito gratificante.

À CAPES pela bolsa de estudos que financiou parte destes estudos.

À Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões URI – Campus de Erechim, nas pessoas do Diretor Geral Prof. Me. Luiz Mário Silveira Spinelli, do Diretor Acadêmico Prof. Dr. Arnaldo Nogaro e Diretor Administrativo Prof. Me. Paulo Sponchiado, por concederem a licença para aperfeiçoamento e pela compreensão nos momentos em que precisei me afastar da Universidade para realizar as atividades relativas ao Doutorado.

À Prof. Me. Jacqueline Enricone, coordenadora do Curso de Psicologia da URI – Campus de Erechim, pelo apoio e incentivo.

Aos juizes da Comarca de Erechim que, sensíveis à relevância da pesquisa, permitiram o acesso aos processos judiciais.

A(o)s colegas, amigo(a)s e aluno(a)s que indicaram mulheres e homens para participarem do estudo qualitativo.

A(o)s mulheres e homens que se dispuseram a compartilhar suas experiências para ampliarmos nossa compreensão sobre o fenômeno da separação conjugal.

Às alunas do curso de Psicologia da URI – Campus de Erechim Cláudia Dallagnol, Daniele Miotto e Patrícia Silveira de Oliveira que contribuíram com suas discussões sobre o tema. De modo especial à Karla Albertoni que contribuiu para a categorização e digitou todos os dados das revistas.

Aos motoristas anônimos da empresa UNESUL que me transportaram em segurança seis horas por noite, duas noites por semana, durante quatro anos.

## RESUMO

Esta tese trata da dissolução do vínculo conjugal. Envolve reflexão teórica, trabalho de campo com análise de processos judiciais de separação, entrevistas com pessoas separadas, de ambos os sexos e análise dos conteúdos de revistas femininas e masculinas, que dizem respeito a relacionamentos amorosos, sexualidade, padrões de comportamento e relações de gênero. A base teórica é o modelo ecológico-sistêmico e as teorias de gênero. O volume da tese é composto de 5 artigos, cada um analisando aspectos diferentes do tema central que são as relações amorosas: sua manutenção e dissolução. No estudo empírico dos processos judiciais, utilizamos metodologia quantitativa e nos outros metodologia qualitativa através da análise de conteúdo. As separações conjugais são um fenômeno complexo no qual estão envolvidos aspectos pessoais, individuais, mas também aspectos contextuais que abrangem desde a família de origem de cada indivíduo, sua rede social e profissional, os quais, por sua vez são permeados pelas crenças, ideologias, sistemas políticos e econômicos que caracterizam a cultura de determinada sociedade. A separação pode ocorrer em qualquer etapa do ciclo vital do indivíduo, do casal e da família, não está restrita a um grupo específico de características sócio-demográficas, podendo, também por isso, ser considerada uma crise vital. A constatação de que as uniões não são mais obrigatoriamente para toda a vida, mas sim que podem ser rompidas a qualquer momento, gera maior instabilidade e aumento de ansiedade. Isso pode levar a maior investimento para a manutenção das relações, ou por outro lado, pode levar a menor comprometimento, pouco investimento. A pesquisa nos processos judiciais encontrou os seguintes motivos alegados: brigas frequentes, agressões do cônjuge, legalização de uma situação já existente, alcoolismo do cônjuge, agressões com envolvimento dos filhos, abandono do lar pelo homem, ameaça de morte e não cumprimento dos deveres do casamento. Já nas entrevistas, os motivos de maior relevância foram a traição, a não aceitação dos papéis tradicionais, isto é, a relação de dominação do homem e o papel de provedor exclusivo do homem. Isto mostra que as pessoas estão desejosas de uma relação mais igualitária, em que os homens aceitam que as mulheres tenham mais direitos, mas que estes também sejam acompanhados de deveres. Os conteúdos veiculados nas revistas ditas femininas e masculinas demarcam o espaço do feminino e do masculino com objetivos distintos e com pouca chance de promover o encontro e a satisfação mútua. As revistas servem tanto como espelho do que existe na sociedade como para propor formas de comportamento e relações, às vezes na direção de superação de estereótipos, às vezes na sua

confirmação e cristalização. Comparando-se os dois perfis subentendidos nessas revistas e supondo que elas possam ter algum tipo de interferência na vida das pessoas, não é de admirar que existam tantos desencontros entre ambos os sexos.

*Palavras-chave:* separação conjugal, motivos, contextos, relações de gênero, padrões de comportamento.

## ABSTRACT

This dissertation concerns the dissolution of the conjugal bond. It involves theoretical reflection, field work with analysis of judicial proceedings of separation, interviews with separated persons from both sexes, and content analyses of men's and women's magazines concerning love relationships, sexuality, behavior patterns, and gender relations. The theoretical basis is Bronfenbrenner's Ecological Systems model and gender theory. The dissertation volume is composed of five articles, each one analyzing different aspects of the central theme: the maintenance and dissolution of love relationships. In the empirical study of judicial proceedings we utilized quantitative methodology; in the other studies, we utilized a qualitative methodology of content analysis. Conjugal separations are a complex phenomenon which involves personal, individual, and contextual aspects covering individuals' family of origin, their professional and social networks which are permeated with beliefs, ideologies, and political and economic systems that characterize the culture of a given society. Separation can occur at any stage of the individual, couple, and family vital cycle, and is not restricted to a specific group of socio-demographic characteristics; thus, it can be considered a vital crisis. The observation that unions are no longer obligatory for life, and can be broken at any moment, generates greater instability and anxiety. This fact can lead to greater investment in relationship maintenance, or can lead to less commitment and little investment. Analysis of judicial proceedings found the following alleged separation motives: frequent fights and arguments, spousal aggression, legalization of a *de facto* separation, spousal alcoholism, aggressions involving children, abandonment of the home by men, death threats, and the non-fulfillment of marital duties. In the interviews, the motives of principal relevance for separation were infidelity and the non-acceptance of traditional roles, that is, the relational dominance of men and the role of men as exclusive providers. The findings demonstrate that people desire a truer and more egalitarian relationship, in which men accept that women have more rights, but that these rights also be accompanied by duties. The content of men's and women's magazines demarcates masculine and feminine space with distinctive objects and with little chance of promoting togetherness and mutual satisfaction. The magazines serve as a mirror of what exists in society and also propose forms of behavior and relationship, at times in the direction of overcoming stereotypes, at other times confirming and crystallizing stereotypes. In comparing the

two implicit profiles in these magazines and supposing that they have some type of interference in people's lives, it is no wonder that there are so many mismatches between both sexes.

*Keywords:* conjugal separation; motives, contexts, gender relations, behavior patterns.

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| LISTA DE TABELAS   | 12 |
| LISTA DE FIGURAS   | 13 |
| LISTA DE QUADROS   | 14 |
| NÚMERO DA ÁREA DO CNPQ   | 15 |
| INTRODUÇÃO   | 16 |
| REFERÊNCIAS  | 22 |
| OS ARTIGOS   | 24 |
| O CASAMENTO E A SEPARAÇÃO CONJUGAL NA<br>CONTEMPORANEIDADE: UM OLHAR ECOLÓGICO-SISTÊMICO       | 25 |
| Resumo   | 25 |
| Abstract   | 25 |
| Introdução   | 26 |
| Considerações Finais   | 37 |
| Referências  | 39 |
| SEPARAÇÃO CONJUGAL: UMA LEITURA PSICOSSOCIAL DOS<br>PROCESSOS JUDICIAIS                        | 45 |
| Resumo   | 45 |
| Abstract   | 45 |
| Introdução   | 46 |
| Método   | 47 |
| <i>Fonte de Dados</i>  | 48 |
| Resultados e Discussão   | 48 |
| Conclusão  | 56 |
| Referências  | 58 |
| AMOR ETERNO OU VÁRIAS PAIXÕES: O RELACIONAMENTO AMOROSO<br>NAS REVISTAS FEMININAS E MASCULINAS | 60 |
| Resumo   | 60 |

|   |    |
|---|----|
| Abstract  | 60 |
| Introdução  | 61 |
| Método  | 63 |
| <i>Procedimentos</i>  | 64 |
| Análise e Discussão dos Resultados  | 64 |
| Considerações Finais  | 70 |
| Referências   | 72 |
| <br>  |    |
| COISAS DE MULHERES E COISAS DE HOMENS: PADRÕES DE<br>COMPORTAMENTO E RELAÇÕES DE GÊNERO EM REVISTAS<br>FEMININAS E MASCULINAS | 76 |
| Resumo  | 76 |
| Abstract  | 76 |
| Introdução  | 77 |
| Método  | 78 |
| <i>Procedimentos</i>  | 79 |
| Análise e Discussão dos Resultados  | 80 |
| Considerações Finais  | 88 |
| Referências   | 90 |
| <br>  |    |
| SEPARAÇÃO CONJUGAL: ASPECTOS IMPLICADOS NESSA DECISÃO,<br>REVERBERAÇÃO E PROJETOS FUTUROS                                     | 92 |
| Resumo  | 92 |
| Abstract  | 92 |
| Introdução  | 94 |
| Método  | 95 |
| Participantes   | 95 |
| <i>Instrumentos</i>   | 95 |
| <i>Procedimentos</i>  | 96 |
| Resultados  | 96 |

|  |     |
|--|-----|
| <i>Caso 1 – Antônio</i>  | 96  |
| <i>Caso 2 – Pedro</i>  | 97  |
| <i>Caso 3 – Ivan</i>   | 98  |
| <i>Caso 4 – Anete</i>  | 99  |
| <i>Caso 5 – Naira</i>  | 101 |
| <i>Caso 6 – Telma</i>  | 102 |
| <i>Caso 7 – Neiva</i>  | 102 |
| <i>Caso 8 – Márcia</i>   | 103 |
| Discussão  | 104 |
| <i>a) Por que se casaram</i>   | 104 |
| <i>b) Motivos que levaram à separação</i>  | 105 |
| <i>c) Aspectos pessoais, familiares e contextuais implicados na decisão de separação</i> | 105 |
| <i>d) Reverberação da separação para o indivíduo</i>                                     | 106 |
| <i>e) Projeto futuro quanto a relacionamento amoroso</i>                                 | 106 |
| Considerações Finais   | 107 |
| Referências  | 109 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS   | 112 |
| ANEXOS   | 114 |
| Anexo 1 – Termo de Compromisso da Pesquisadora   | 115 |
| Anexo 2 – Ficha de Levantamento de Dados   | 116 |
| Anexo 3 – Parecer de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa                            | 117 |
| Anexo 4 – Registro de Levantamento das Revistas  | 118 |

## LISTA DE TABELAS

|  |      |
|--|------|
| <b>Tabela 1</b> - Profissão das mulheres e dos homens ao casar e ao solicitar separação/dissolução | p.49 |
| <b>Tabela 2</b> - Idade das mulheres e dos homens ao casar/unir                                    | p.50 |
| <b>Tabela 3</b> - Idade das mulheres e dos homens ao solicitar separação/dissolução                | p.50 |
| <b>Tabela 4</b> - Tempo de casamento/união ao solicitar separação/dissolução                       | p.51 |
| <b>Tabela 5</b> - Motivos alegados para separação/dissolução                                       | p.52 |
| <b>Tabela 6</b> - Preditores de Grupo Consensual e Litigioso - Classificação de Resultados         | p.55 |
| <b>Tabela 7</b> - Função Discriminante Canonical – Autovalor                                       | p.55 |

## LISTA DE FIGURAS

**Figura 1** – A separação conjugal sob a abordagem teórica ecológico-sistêmica

p.28

## LISTA DE QUADROS

**Quadro 1** – Caracterização das revistas analisadas

p.63

NÚMERO DA ÁREA DO CNPQ

7.07.00.00-1 Psicologia

## INTRODUÇÃO

Ao organizar este volume retomo as motivações, os questionamentos, as revisões de literatura, os estudos empíricos e as reflexões da trajetória percorrida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, para, desta forma, descrever o aprendizado desenvolvido.

Durante essa caminhada foram importantes as disciplinas que cursei no Programa e também os cursos complementares oferecidos pela Universidade ou organizados pelo Grupo de Pesquisa em Dinâmica das Relações Familiares. Todos eles contribuíram para minha formação como professora universitária e como pesquisadora, satisfazendo as minhas expectativas e atendendo plenamente ao que vim buscar no Doutorado.

Todas estas experiências me auxiliaram a produzir os vários trabalhos que foram apresentados em mostras, simpósios, fóruns e congressos, e, especialmente os artigos e o capítulo de livro no qual colaborei. Alguns desses já publicados, outros por publicar, centrados no tema da construção da conjugalidade, sua ruptura ou manutenção. Tema sobre o qual venho refletindo desde o Mestrado e também nas disciplinas que ministro na Universidade, disciplinas estas relacionadas à personalidade, às abordagens psicoterapêuticas, às relações familiares, à saúde e ao Direito, associando, ainda, à prática clínica no atendimento psicoterápico individual, de casais e de famílias.

O interesse pelas relações amorosas/conjugais decorre da trajetória profissional na clínica desde a época em que atendia crianças e constatava que, muitas vezes, os casais buscavam avaliação psicológica e/ou psicoterapia para os filhos e, algum tempo depois, se separavam, surgindo para mim a hipótese de que a busca de atendimento era uma forma de se aproximar de um profissional de ajuda, ou que as coisas de casal estavam interferindo no papel parental. Essa observação me levou a buscar aprofundar leituras, estudos e pesquisas relacionadas à vida amorosa/conjugal, pois também observo o quanto esse é um aspecto importante da vida das pessoas que, geralmente, preocupam-se mais quando os relacionamentos chegam ao fim, sendo que, algumas vezes não o aceitam, partindo até para os crimes passionais e homicídios seguidos de suicídio.

As observações na clínica, no cotidiano e na mídia têm me levado a questionar: as relações amorosas seriam como a saúde que as pessoas não se preocupam em cuidar e se desesperam quando perdem?

Partindo destas observações e destes questionamentos, este estudo teve como objetivos identificar como se caracterizam as separações conjugais na contemporaneidade. Neste trabalho, as separações conjugais são definidas como separações oficializadas, mesmo que as uniões não tenham sido legalizadas inicialmente, portanto separações de casamentos registrados em cartório e de uniões reconhecidas como estáveis pelo juiz.

Para responder a esta questão realizei dois estudos teóricos e três empíricos que olharam para o fenômeno da separação conjugal sob diferentes perspectivas. O primeiro estudo teórico compreendeu uma revisão da literatura sobre separação conjugal a partir do modelo ecológico-sistêmico (Bronfenbrenner, 1977, 1996) e o segundo, uma revisão sobre três modelos teóricos relacionados ao sentimento amoroso: a Teoria Triangular do Amor (Sternberger, 1986, 1988) o amor confluyente (Giddens, 1993) e o amor líquido (Bauman, 2004), que constituíram o ensaio temático desta tese. Estes trabalhos foram apresentados no Exame de Qualificação.

O primeiro estudo empírico foi um levantamento documental desenvolvido no Fórum de Erechim. Para realizá-lo solicitei autorização dos juízes que a concederam mediante a assinatura de um termo de compromisso (Anexo 1). Após, criei uma ficha para registrar os dados sociodemográficos, as características das uniões, os motivos alegados para a separação, o tipo de separação (consensual, litigiosa, dissolução de união de fato) e o desfecho do processo judicial (Anexo 2). Após, os dados foram submetidos ao tratamento estatístico através do programa SPSS (Bisquera, Sarriera & Martinez, 2004).

Os resultados destes estudos foram apresentados e discutidos na Qualificação, sendo que até este momento eu estava sendo orientada pela Prof. Dra. Adriana Wagner. Após a sua saída do Programa de Pós-Graduação da PUCRS passei a ser orientada pela Prof. Dra. Marlene Neves Strey e, conseqüentemente, ingressei no seu Grupo de Pesquisa sobre Relações de Gênero. Essa vivência foi muito significativa, pois ampliou a experiência com pesquisas e o contato com outras teorias que trazem novas reflexões. Nesse momento foi necessário traçar, junto com a nova orientadora a continuidade desta investigação estabelecendo uma associação com a linha de pesquisa de seu grupo.

Neste sentido, retomamos o modelo ecológico-sistêmico que considera a pessoa e o ambiente ecológico em suas subdivisões: microssistema, mesossistema, exossistema, macrossistema e cronossistema. Identificamos que, através do levantamento dos processos judiciais, tínhamos informações predominantemente sobre a pessoa e o exossistema, isto é, como a

legislação e o poder judiciário lidam com as separações conjugais, dissoluções de uniões estáveis, separações de bens e guarda de filhos. Com as entrevistas previstas no projeto do Doutorado iríamos ter mais informações sobre a pessoa e o microsistema. Considerando a importância da mídia na contemporaneidade e a relação que estabelece com as pessoas e sobre seu comportamento, optamos por acrescentar aos estudos já realizados e previstos um levantamento sobre como as revistas femininas e masculinas abordam questões associadas ao relacionamento afetivo-sexual, aos padrões de comportamento e às relações de gênero, o que acrescentaria mais dados a respeito do exossistema, buscando ser coerente com o modelo teórico que dá sustentação para este estudo.

Foi a partir deste momento que pude lançar as sementes de um grupo de pesquisa com alunas do curso de psicologia, no qual eu trabalho, para me auxiliarem na coleta de dados das revistas, e na transcrição das entrevistas previstas, bem como nas discussões sobre este material. Passei a me dedicar à escolha das revistas, seleção das seções, elaboração das categorias, seleção e transcrição dos conteúdos, à revisão bibliográfica na perspectiva da mídia, dos padrões de comportamento e das relações de gênero que era algo que ainda não tinha feito.

Assim, o segundo estudo empírico foi um levantamento documental em revistas femininas e masculinas buscando identificar e analisar os conteúdos vinculados a relações amorosas, sua manutenção e ruptura, padrões de comportamento e relações de gênero, os quais estão intrinsecamente relacionados ao fenômeno estudado.

Paralelamente, desenvolvi o terceiro estudo empírico, o qual estava previsto no projeto, isto é as entrevistas. Iniciei contatando com pessoas que poderiam indicar mulheres e homens que preenchessem os critérios para participarem desta investigação e, posteriormente a marcar entrevistas com as mesmas.

A ideia inicial do projeto de entrevistar pessoas dos grupos encontrados no levantamento documental, com as seguintes características:

- Tiveram filhos – ficaram casados por até sete anos;
- Tiveram filhos – ficaram casados de oito a 21 anos;
- Tiveram filhos – ficaram casados mais de 22 anos;
- Não tiveram filhos – ficaram casados por até sete anos;
- Não tiveram filhos – ficaram casados de oito a 21 anos;
- Não tiveram filhos – ficaram casados por mais de 22 anos.

foi atingida em parte, os grupos dos quais não encontrei nenhum representante foi o das pessoas que não tiveram filhos – ficaram casados de oito a 21 anos e que não tiveram filhos – ficaram casados por mais de 22 anos. Todas as mulheres indicadas e contatadas aceitaram participar da entrevista no primeiro contato estabelecido. Entre os homens indicados, houve maior dificuldade de comunicação. Com um deles tentei contato por telefone várias vezes, deixei recado duas vezes, mas não houve retorno. Com o outro cheguei a marcar a entrevista, mas ele não compareceu e não entrou mais em contato comigo.

Esse percurso me levou a concluir que refletir sobre a separação conjugal é refletir também sobre as uniões conjugais, uniões estas que desde o século XIX passaram a estar alicerçadas no sentimento amoroso e que permanecem na contemporaneidade vinculadas ao amor, embora, nos dias atuais o desejo de encontrar o par idealizado coexista com a facilidade em romper essa relação e seguir buscando a “próxima metade da laranja” (Silva Neto, Mosmann & Lomando, 2009).

Nesta perspectiva, constatei que as separações conjugais, formalizadas ou não, mais ou menos conflituosas, mais ou menos aceitas pelo contexto, sempre estiveram presentes nas sociedades e motivadas por circunstâncias semelhantes às atuais, pois, como afirma Puga (2007), no século XVIII, os divórcios amigáveis, as separações de comum acordo já estavam presentes no cotidiano dos casais no Brasil e, também naquela época, a maioria dos pedidos de anulação e de divórcio eram solicitados pelas mulheres. Os motivos dessas separações eram: “o adultério, o concubinato, o abandono do lar, a impotência, as sevícias e as doenças contagiosas ou incuráveis” (p. 164).

Mas e o que caracteriza as separações conjugais na contemporaneidade?

O que caracteriza hoje é a menor durabilidade das uniões, menor tolerância aos conflitos, menos paciência, mais imediatismo. Constata-se que as mulheres continuam sendo a maioria a buscar uma definição para a situação que estão vivendo, parecem se preocupar mais com a relação conjugal, com a conjugalidade, entendida como “derivado da palavra conjugar, que dá a idéia de união, de ligação entre duas pessoas” (Diehl, 2002, p.137) e com a vivência de casal definido como “grupo humano integrado por dois membros relacionados por vínculo de afeto e no qual é possível a maturação da pessoa (...) tornam possível a aquisição de uma estabilidade pessoal, uma coesão interna segundo a necessidade profunda de cada um dos membros” (Rios Gonzalez, 2005). Assim, se a mulher não está satisfeita com esta parceria toma a iniciativa de romper o contrato firmado anteriormente.

A maior frequência das separações está associada a vários fatores sociais e a fatores pessoais. Inicialmente comentarei os aspectos sociais. Entre eles destacam-se a independização das mulheres, o seu ingresso no mercado de trabalho e a possibilidade de se manter financeiramente não necessitando permanecer numa união apenas por questões econômicas.

Outro aspecto social que contribui para isso são os novos valores que passaram a reger a sociedade contemporânea, ou seja, a instantaneidade (Bauman, 1998, 2004), o culto ao corpo, aos prazeres físicos, a liberação sexual, a repulsa ao sofrimento (Costa, 1999), o consumismo, o hedonismo (Goldenberg, 2001), a rapidez e mudança tecnológica (Calligaris, 2001), a descartabilidade (Justo, 2005; Perlin & Diniz, 2005) a efemeridade (Justo, 2005), entre outros.

Além disso, a sociedade não discrimina mais tanto as pessoas separadas e em novas uniões, assim sofrem menos sanções externas do que em outros tempos. Por exemplo, nos anos setenta, os clubes sociais de Erechim e Porto Alegre não aceitavam nos seus quadros pessoas cujo estado civil fosse: separado, desquitado, divorciado, “amontado”. A possibilidade de aceitação pela sociedade das rupturas e das novas relações é um peso a menos a ter que ser carregado pelas pessoas envolvidas, já que a separação, por si só, é uma experiência dolorosa.

Quanto aos fatores pessoais, constata-se que, neste novo contexto, as pessoas passaram a assumir como valores centrais para as suas vidas a autonomia, a independência, a individualidade e a liberdade (Coelho, 2000; Heilborn, 2004; Pais, Cairns & Pappámikail, 2005), o que também contribui para o aumento das separações.

Este tema é relevante pela importância que as relações afetivas têm na vida das pessoas, independente da etapa do ciclo vital em que se encontram (Silva Neto et al., 2009), pois como expressou uma das entrevistadas “assim, para tuas pacientes que estiverem na minha idade e quiserem se separar tem que pensar três vezes porque na hora tu sofre da separação, depois dá uma acalmada, mas depois tu fica sozinha, porque os filhos têm a vida deles, os amigos também, e tu fica só”.

Assim, a partir dos trabalhos teóricos e empíricos descritos estruturei este volume que compreende um artigo teórico e quatro artigos empíricos:

- O primeiro, um artigo teórico, apresenta a construção de uma visão ecológica sistêmica do fenômeno da separação conjugal na contemporaneidade. Este artigo aplica o modelo ecológico-sistêmico à separação conjugal, interrelacionando todos os aspectos que contribuem para o entendimento desse fenômeno. Este artigo intitulado *O Casamento e A Separação Conjugal na*

*contemporaneidade: um olhar Ecológico-Sistêmico* explicita a complexidade do fenômeno, a partir do que ocorre com os indivíduos diretamente envolvidos na relação, suas histórias transgeracionais e pessoais e as influências que recebem dos diferentes sistemas, ficando evidente a valorização crescente das aspirações individuais em detrimento do coletivo, do social e da família.

- O segundo artigo, *A separação conjugal na contemporaneidade: uma leitura psicossocial dos processos jurídicos* trata do levantamento documental realizado no Fórum de Erechim e que aponta, entre outros resultados significativos, que 22,4% das pessoas que iniciam um processo judicial no Fórum o abandonam ou se reconciliam.

- No terceiro artigo *Amor eterno ou várias paixões: o relacionamento amoroso nas revistas femininas e masculinas* constatamos que os conteúdos apresentados pelas revistas podem contribuir para colocar ambos os sexos em lados opostos com objetivos distintos e pouca chance de promover o encontro e a satisfação mútua.

- O quarto artigo *Coisas de mulher e coisas de homem: padrões de comportamento e relações de gênero nas revistas femininas e masculinas* sugere que as revistas servem tanto como espelho do que existe na sociedade como para propor formas de comportamento e relações, às vezes na direção de superação de estereótipos e às vezes na sua confirmação e cristalização.

- Por fim, o quinto artigo: *Casamento e separação: os dilemas da vida em comum* apresenta os dados das entrevistas com pessoas que vivenciaram o processo de separação conjugal, explicitando as frustrações e os conflitos que levam à dissolução matrimonial, as repercussões deste fato em suas vidas e os projetos amorosos após a separação.

Estes artigos baseiam-se numa bibliografia básica sobre separação conjugal, complementada por bibliografia específica de cada um deles e serão submetidos a diferentes revistas.

## REFERÊNCIAS

- Bauman, Z. (1998). *Mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Bisquerra, R., Sarriera, J. C., & Martinez, F. (2004). *Introdução à estatística: enfoque informático com o pacote estatístico SPSS*. Porto Alegre: Artmed.
- Bronfenbrenner, U. (1977). Toward an experimental ecology of human development. *American Psychologist*, 32, 513-531.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Calligaris, C. (2001, 07 de junho). A paixão pelo novo e o casamento. *Folha de São Paulo*, São Paulo, Ilustrada, E, 8-11.
- Coelho, S. V. (2000). As transformações da família no contexto brasileiro: uma perspectiva das relações de gênero. *Psique*, 10(16), 7-24.
- Diehl, A. (2002). O novo homem e a nova mulher: novos padrões sexuais de conjugalidade. In A. Wagner (org), *Família em cena: tramas, dramas e transformações* (pp.135-158). Petrópolis: Vozes.
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- Goldenberg, M. (2001). Sobre a invenção do casal. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 1(1), 89-104.
- Heilborn, M. L. (2004). *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Justo, J. S. (2005). O ficar na adolescência e paradigmas do relacionamento amoroso na contemporaneidade. *Revista do Departamento de Psicologia – UFF*, 17(1), 61-77.
- Pais, J. M., Cairns, D., & Pappámikail, L. (2005). Jovens europeus: retrato da diversidade. *Tempo Social*, 17(2), 109-140.
- Perlin, G., & Diniz, G. (2005). Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade? *Psicologia clínica*, 17(2), 15-29.
- Puga, V. L. (2007). Casar e separar: dilema social histórico. *Esboços*, 17, 157-172.

Silva Neto, J. A., Mosmann, C. P., & Lomando, E. (2009). *Relações amorosas & internet*. São Leopoldo: Sinodal.

Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychological Review*, 93 (2), 119-136.

Sternberg R. J. (1988). *El triángulo del amor: intimidad, pasión y compromiso*. Barcelona: Paidós.

**OS ARTIGOS**

## O CASAMENTO E A SEPARAÇÃO CONJUGAL NA CONTEMPORANEIDADE: UM OLHAR ECOLÓGICO- SISTÊMICO

### Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir o fenômeno das separações conjugais na contemporaneidade a partir do modelo ecológico-sistêmico (Bronfenbrenner, 1977, 1996). Este modelo considera quatro aspectos inter-relacionados: *pessoa*, *processo*, *contexto* e *tempo*, sendo que o contexto é subdividido em: *microsistema*, *mesossistema*, *exossistema*, *macrossistema* e *cronossistema*. Através da revisão teórica e de resultados de estudos empíricos buscamos demonstrar o entrelaçamento de cada um desses elementos do contexto contemporâneo na compreensão da separação conjugal, observando que há associação mútua entre maior número de separações e maior flexibilidade e tolerância das famílias e da sociedade em geral em conviver com a pluralidade e diversidade de uniões conjugais.

*Palavras-chave:* separação conjugal, modelo ecológico-sistêmico, uniões conjugais.

## THE MARRIAGE AND CONJUGAL SEPARATION IN CONTEMPORANEITY: AN ECOLOGICAL SYSTEM VIEW

### Abstract

The purpose of this article is to discuss the phenomenon of conjugal separation in contemporaneity based on an Ecological Systems model (Bronfenbrenner, 1977, 1996). This model considers four interrelated aspects: *person*, *process*, *context* and *time*, with context divided into: *microsystem*, *mesosystem*, *exosystem*, *macrosystem* and *chronosystem*. Through theoretical revision and examining results of empirical studies, the authors seek to demonstrate the intertwining of these elements of contemporary context to better comprehend conjugal separation. It is noted that there is a mutual influence between the increase in separations and the greater flexibility and tolerance of families and of society in general in coexisting with the plurality and diversity of conjugal unions.

*Keywords:* conjugal separation, Ecological Systems model, conjugal unions.

## Introdução

A união conjugal entre um homem e uma mulher visando compartilhar aspectos de suas vidas, sempre esteve presente na história da humanidade, assumindo diferentes características de acordo com o contexto político, social, religioso, cultural e econômico de cada momento histórico. O casamento é, portanto, uma construção social que tem como finalidade garantir a reprodução dos grupos de maneira controlada (Puga, 2007).

No entanto, a partir do século XVIII surge o amor romântico como valor cultural e base ideal para o casamento. Modelo esse que chega ao século XX, porém passa a coexistir com diferentes estilos de vida e arranjos conjugais, já que a sociedade contemporânea não vê o casamento como única possibilidade ou como obrigação. Aceita-se que as pessoas optem por estilos de vida que incluem ficar solteiro, viver com um parceiro de qualquer dos sexos, divorciar-se, casar-se novamente e não ter filhos (Papalia, Olds & Feldman, 2006).

Nesse novo contexto as separações conjugais são cada vez mais frequentes nas sociedades ocidentais, havendo elevada porcentagem de separações e divórcios nos diferentes países. As pesquisas indicam que, nos Estados Unidos, quase 50% dos casais optam pelo divórcio diante da insatisfação conjugal (Bradbury, Fincham & Beach, 2000; Peck & Manocherian, 2001). Já, na França em torno de um terço dos primeiros casamentos termina em divórcio (Troya, 2000).

O índice de divórcio nas primeiras uniões (50%) e de redivórcio nas segundas uniões (60%) em alguns países, como Estados Unidos e Espanha, está levando os estudiosos do tema a considerarem a separação não mais como uma crise acidental e sim como uma crise normativa (Carter & McGoldrick, 2001; Ríos González, 2005). Entretanto, o fato da separação ser cada vez mais frequente não a isenta de representar uma interrupção do ciclo de vida familiar tradicional, que leva a uma profunda transformação e está associada a mudanças, ganhos e perdas no grupo familiar (Carter & McGoldrick, 2001).

Neste artigo, buscamos compreender a separação a partir de um olhar mais amplo, considerando o contexto no qual ela se insere. Para tal, escolhemos o modelo ecológico-sistêmico (Bronfenbrenner, 1977, 1996; Bronfenbrenner & Ceci, 1994; Bronfenbrenner & Evans, 2000; Bronfenbrenner & Morris, 1998; Koller, 2004; Moraes, 2004; Vasconcellos, 2003) por considerarmos que pode dar conta da amplitude desse fenômeno. Além disso, essa abordagem também tem sido adotada em vários estudos sobre família no Brasil (Ceconello & Koller, 2003; De

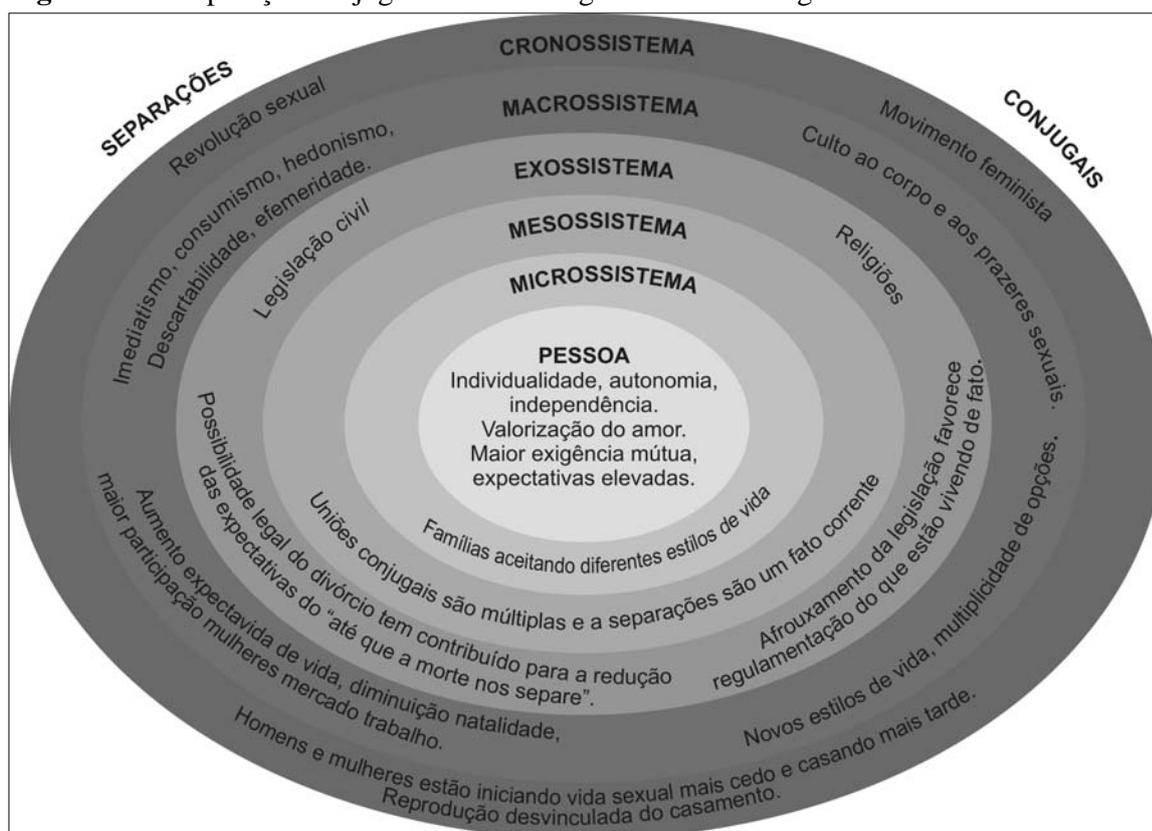
Antoni & Koller, 2000; De Bem & Wagner, 2006; Dessen & Costa Júnior, 2005; Martins & Szymanski, 2004; Reichert & Wagner, 2007; Staudt & Wagner, 2008).

Esta abordagem teórica considera quatro aspectos multidirecionados inter-relacionados: *pessoa*, *processo*, *contexto* e *tempo*. *Pessoa* refere-se às características do indivíduo: convicções, temperamento, metas, motivações. *Processo* diz respeito às ligações entre os diferentes níveis de desenvolvimento constituídos pelos papéis e atividades da vida diária da pessoa. *Contexto* abrange o ambiente no qual o indivíduo está inserido, denominado ambiente ecológico e definido como um conjunto de sistemas interdependentes, vistos topologicamente como uma organização de encaixes, de estruturas concêntricas, em que uma está contida na seguinte (Bronfenbrenner, 1996). *Tempo* considera a passagem do tempo e eventos históricos que alteram o desenvolvimento dos indivíduos e das sociedades como um todo.

Assim, é a partir destes conceitos de *pessoa* e de *ambiente ecológico* e suas subdivisões em: *microsistema*, *mesossistema*, *exossistema*, *macrossistema* e *cronossistema*, as quais serão explicitadas posteriormente, que buscaremos identificar as várias influências que cada um desses sistemas exerce sobre a maneira de pensar, sentir e vivenciar o casamento e a separação conjugal.

Para melhor compreensão das idéias que vamos apresentar, representamos graficamente na figura a seguir a interseção entre os diversos sistemas implicados no fenômeno das separações conjugais e a interdependência entre eles (Figura 1). Destacamos que, embora estejamos descrevendo separadamente, essas influências são dinâmicas, circulares e recíprocas.

**Figura 1** – A separação conjugal sob a abordagem teórica ecológico-sistêmica



Fonte: Modelo de Bronfenbrenner (1996) adaptado pela autora.

Nessa figura temos uma representação gráfica do modelo conceitual teórico que dá suporte para este estudo incluindo todos os níveis e variáveis que passaremos a descrever a seguir.

Partindo do nível *peessoal* constatamos que o casamento continua sendo associado ao amor (Machado, 2001; Rocha-Coutinho, 2004; Roudinesco, 2003; Zagury, 2003; Zeglio & Rodrigues Jr., 2007) e importante para ambos os sexos, porém com significados distintos. Para homens significa “constituir família” enquanto que para mulheres é definido como “relação amorosa” (Féres-Carneiro, 1997, 2001). Observamos, também, que o casamento atualmente representa uma relação muito intensa na vida da pessoa por envolver um elevado grau de intimidade e grande investimento afetivo (Féres-Carneiro, 2001).

Considerando essa perspectiva pessoal um estudo realizado com adolescentes brasileiros sobre projetos vitais, família e casamento constatou que o casamento já não ocupa um lugar de destaque nos seus projetos de vida, os quais estão mais voltados para a busca da felicidade, da realização pessoal e da realização profissional (Wagner, Falcke & Meza, 1997). Esses resultados

são corroborados também por pesquisas com adultos jovens, de ambos os sexos, que ao serem investigados, enfatizam seus projetos individuais (Coelho 2000; Féres-Carneiro, 1997, 1998, 1999; Zordan & Wagner, 2009).

Embora se constate modificações nos projetos de vida de jovens e adultos jovens, bem como na forma de viver a conjugalidade, outras pesquisas com adolescentes brasileiros indicam que 42% incluem o casamento em seus planos de vida, sendo que, entre os adolescentes do nível socioeconômico mais privilegiado, essa porcentagem aumenta para 70% (Zagury, 2003). Entre adultos jovens, a porcentagem dos que manifestaram desejo de casar algum dia foi ainda mais alta representando 92,9% da amostra do estudo realizado por Zordan (2003) com 197 pessoas.

Ainda nesse sentido, outra investigação com universitárias de classe média urbana brasileira, desenvolvida por Rocha-Coutinho (2004), constatou que o casamento oficial parece ter perdido a importância, mas o ritual e o aspecto simbólico da união continuam sendo importantes. Todas as entrevistadas casadas tinham passado pelo ritual do casamento religioso seguido de festa e a maioria das solteiras afirmou querer casar na igreja com véu e grinalda.

Corroborando esses resultados, Perlin e Diniz (2005), em sua investigação com 222 homens e mulheres casados e funcionário(a)s de diversas instituições públicas de Brasília, entre outros achados, identificaram que homens e mulheres consideram o relacionamento conjugal como uma parte importante de suas vidas e estão empenhado(a)s em fazer tudo que puderem para permanecerem em uma união satisfatória e duradoura.

Esses dados confirmam a coexistência de diferentes valores pessoais, a predominância de interesses individuais e a valorização da conjugalidade de tipo relacional, a qual valoriza a autonomia, a independência, a individualidade e a liberdade como valores centrais da pessoa moderna (Coelho, 2000; Heilborn, 2004; Pais, Cairns & Pappámikail, 2005).

Em contrapartida, quando se busca na literatura os aspectos pessoais envolvidos na separação conjugal, encontram-se estudos realizados por Carter e McGoldrick (2001) os quais sugerem que as mulheres que casam antes dos 20 anos ou após os 30 anos apresentam uma maior probabilidade de vir a se divorciar. Essas pessoas podem estar respondendo a estresses familiares que tornam mais difícil o processo de união, as que casam mais cedo podem estar fugindo de suas famílias de origem ou buscando uma família que nunca tiveram. As que casam mais tarde podem estar respondendo a um conflito entre casamento e carreira e sua ambivalência em relação à perda de sua independência e identidade num casamento. Em relação aos homens, observaram que um

número crescente também parece estar evitando o comprometimento e, prefere viver sozinho a envolver-se na dinâmica que abrange o casamento.

Além disso, entre os fatores pessoais que contribuem para a separação conjugal, os autores apontam expectativas frágeis de permanência do casamento, critérios de seleção pouco adequados (Gimeno, 1999), a hipervalorização do individualismo, a busca pela realização pessoal e o maior grau de exigência das mulheres economicamente independentes (Goldenberg, 2001). Também identificam maior exigência mútua não aceitando que o casamento não corresponda às expectativas elevadas (Féres-Carneiro, 1998), a ascensão do *status* feminino e o fato de ambos os cônjuges serem igualmente bem-sucedidos (Carter & McGoldrick, 2001). As experiências vividas na família de origem também repercutem no êxito ou fracasso do casamento (Conger, Cui, Bryant & Elder, 2000; Zuckerman, 1994). Pessoas provenientes de lares desfeitos apresentam maior propensão às separações e divórcios do que os filhos de pais que permanecem casados (Jablonski, 2007).

Nesse sentido, Peck e Manocherian (2001), a partir de várias pesquisas realizadas por diferentes autores, relacionaram os fatores etiológicos associados à instabilidade conjugal, entre eles: *idade* (esposas com menos de 18 anos, maridos com menos de 20), *gravidez pré-conjugal*, *instrução* (homens com menor escolaridade e mulheres com maior escolaridade), *salário* (mulheres com melhor renda têm maior probabilidade de se divorciar do que as com baixos salários), *emprego* (quando o marido tem emprego e salários instáveis, ou quando seu salário diminui em relação ao ano anterior, o casamento corre maior risco), *nível sócio-econômico* (pessoas relativamente desfavorecidas tendem a arriscar-se mais), *raça* (os casais negros apresentam um índice de divórcio mais elevado do que os brancos e nos casamentos inter-raciais o risco é ainda maior) e *linha de transmissão intergeracional* (o divórcio parece ser mais frequente em determinadas famílias, apesar dos estudos de correlação entre o divórcio dos pais e a instabilidade conjugal na geração seguinte terem resultados mistos). Observa-se que os fatores de instabilidade apontados nestas investigações estão atrelados ao casamento tradicional, aos papéis de gênero tradicionais, à expectativa do homem como cabeça do casal e provedor da família.

No que se refere à linha de transmissão intergeracional como um fator etiológico de instabilidade conjugal, os estudos na realidade brasileira sugerem que talvez não seja o padrão de divórcio em si, mas os fatores econômicos relacionados a ele o que conduz os filhos a casamentos precoces com parceiros mal escolhidos (Féres-Carneiro & Magalhães, 2005; Féres-Carneiro, Magalhães & Ziviani, 2006).

Também Gimeno (1999), já no final dos anos noventa, afirmava que a ruptura com a família extensa e o isolamento social são fatores preditores de fracasso matrimonial. Em seus estudos encontrou que diferenças em aspectos-chave da vida familiar e pessoal, tais como valores, hábitos, interesses, o exercício de papéis familiares ou na educação de filhos causam crises dolorosas e lesivas para a convivência.

Ainda nessa perspectiva, Ríos González (2005) destaca que as falhas no início da formação do casal, isto é, no período caracterizado como do Sistema Familiar de Origem (SFO) para o Sistema Familiar Criado (SFC) ou da filiação à conjugalidade estão na raiz de muitos fracassos a curto e a longo prazo. O fracasso seria caracterizado por não tomar consciência de ser esposo ou esposa substituindo o fato de ser filho ou filha. Ele afirma que uma coisa é casar-se, outra, qualitativamente distinta, é sentir-se casado(a). Nesta aparente simplicidade é onde se desenvolvem os conflitos de casal decorrentes de uma imperfeita ou inadequada independência da própria família. Ele acrescenta que não é tarefa exclusiva do novo casal, as famílias de origem também precisam modificar-se para favorecer uma adaptação de casal que não desencadeie inaptações com as famílias originárias.

Os primeiros anos de casamento costumam ser um período de muita satisfação conjugal para várias pessoas, entretanto é, também, a época do índice mais elevado de divórcios. O grau de desilusão e desapontamento mútuo, normalmente, corresponde ao grau de idealização do relacionamento, pois durante o namoro, o impulso para o relacionamento, provavelmente, evitará a percepção das dificuldades potenciais (Carter & McGoldrick, 2001). Essas autoras também chamam a atenção para o fato de que pessoas, que já viviam juntas ao oficializar uma relação através do casamento, podem perceber mudanças no relacionamento, as quais podem estar associadas ao peso das denominações marido e esposa ou de passar definitivamente da juventude para a idade adulta.

Embora a separação, às vezes, possa ser considerada a melhor solução para um casal, ela é vivenciada como uma experiência extremamente dolorosa, havendo um luto a ser elaborado (Féres-Carneiro, 2003a, 2003b), e que, muitas vezes, é mais difícil de ser elaborado do que no caso de viuvez (Ríos González, 2005).

Para além do que a mulher e o homem pensam e sentem em relação a suas expectativas e experiências amorosas, temos as influências do *microssistema* definido como o contexto mais imediato, a família de origem, o ambiente cotidiano da casa, da escola, do trabalho ou do bairro,

incluindo relacionamentos bidirecionais diretos com pais, irmãos, colegas, vizinhos, amigos. No que se refere às questões que envolvem as uniões amorosas, observa-se que, atualmente, as famílias estão menos conservadoras revelando maior aceitação de diferentes estilos de vida que incluem ficar solteiro, viver com um parceiro de qualquer um dos sexos, divorciar-se, casar-se novamente, e não ter filhos (Papalia et al., 2006). Neste caso o microsistema tende a favorecer os processos de separação, pois se inclina a aceitar com mais facilidade tais situações.

A família, os colegas de trabalho, os amigos, também estabelecem relações entre si que vão ampliando a rede de relações que caracterizam o mesossistema. Neste sentido, no *mesossistema*, constata-se que no trabalho e nos grupos sociais vem aumentando o número de pessoas separadas e em novas uniões. As pessoas já estão se dando conta de que as uniões não são mais por uma vida, mas por um período aleatório que, em mais de um terço dos casos termina em divórcio (Roudinesco, 2003). Pesquisa realizada na zona sul da cidade do Rio de Janeiro constatou que as uniões conjugais são múltiplas e a separação um fato usual (Heilborn, 2004).

*O exossistema* é compreendido como as relações entre dois ou mais ambientes em que um deles não envolve a pessoa em desenvolvimento, mas a afeta diretamente. Nesse sentido temos as informações, programas, reportagens e novelas veiculadas na mídia, também as alterações e atualizações da legislação relacionada a casamento, separações e família.

A mídia tanto escrita quanto televisiva mostra a coexistência de valores tradicionais e contemporâneos, ora enfatizando o relacionamento amoroso de forma romântica, envolvendo os investimentos econômicos que são feitos para sua oficialização, especialmente no chamado “mês das noivas” (maio), ora escancarando os conflitos conjugais e separações do(a)s famoso(a)s e, ainda, em outros momentos discutindo a crise do casamento.

Como afirma Gimeno (1999) a possibilidade legal do divórcio tem contribuído para que cada vez sejam mais raras as expectativas de contrair um casamento para toda a vida. No Brasil, o divórcio foi regulamentado em 1977 pela Lei nº 5.515/77 e, posteriormente, pela Constituição de 1988. A Constituição de 1988 reduziu o prazo para a conversão da separação judicial em divórcio e instituiu um regramento mais abrangente para o divórcio direto. A alteração do Código Civil Brasileiro, em 2002 (Lei 10406/2002), reuniu a lei do divórcio e suas atualizações.

Além disso, a Lei nº 11.441, de quatro de janeiro de 2007, estabeleceu a possibilidade da separação consensual e do divórcio consensual serem realizados por via administrativa, quando não houver filhos menores ou incapazes do casal e observados os requisitos legais quanto aos prazos,

podendo ser realizados por escritura pública, da qual constarão as disposições relativas à descrição e à partilha dos bens comuns e à pensão alimentícia e, ainda, ao acordo quanto à retomada pelo cônjuge de seu nome de solteiro(a) ou à manutenção do nome adotado quando se deu o casamento. Na visão dos operadores do direito novamente o casamento foi tratado diferentemente das uniões estáveis e, nesse caso, “fica mais fácil dissolver um casamento do que uma união estável” (Rosa, 2007).

Contudo, os operadores do Direito destacam que este regula, frequentemente, o que é hegemonicamente aceito socialmente acerca da conjugalidade (Colares, 2001). Nesta perspectiva, Farias (2001) afirma: “a *liberdade de casar*, tratada doutrinariamente como característica elementar do ato matrimonial, transforma-se, após a celebração regular e válida do casamento, em *liberdade de continuar casado*”.

Acompanhando os novos tempos, a legislação está mais flexível e aberta para lidar com os novos arranjos conjugais. As uniões estáveis passaram a ser reconhecidas como entidades familiares pela Constituição Federal de 1988, podendo seu rompimento ser legalizado através da dissolução de sociedades de fato (Farias, 2004; Soares, 2000; Souza, 2000; Venosa, 2002).

Assim, o maior número de pedidos de separação vem fazendo com que a legislação facilite a regularização de uniões e separações, ao mesmo tempo em que o afrouxamento da legislação faz com que mais rapidamente as pessoas tomem decisões e busquem regulamentar a situação que estão vivendo de fato. Exemplo disso, a recente aprovação, em primeiro turno, pelo Senado da Proposta de Emenda à Constituição (PEC 28/2009) que acaba com os prazos para pedido de divórcio, suprimindo a exigência da prévia separação judicial por mais de um ano ou de comprovada separação de fato por mais de dois anos ([www.senado.gov.br](http://www.senado.gov.br)).

Ampliando a ideia de contexto, temos o denominado *macrossistema*, ao qual pertencem a cultura, as crenças, as ideologias, os sistemas políticos e econômicos. Neste sentido, o período histórico que estamos vivendo, denominado contemporaneidade ou pós-modernidade, foi historicamente gestado nos anos 50 e surgiu nos anos 60 como uma crítica à modernidade, sem, contudo, substituí-la (Müller, 1999).

Nas sociedades ocidentais contemporâneas, constata-se que os contextos se caracterizam pela menor exigência social para as relações amorosas do que em outras épocas, sendo que a escolha pelo casamento e o que caracteriza essa relação é, cada vez mais, uma opção e uma determinação de cada um dos membros do casal.

Já em meados dos anos 90, Paterniani (1997) ao se referir às mudanças sociais identificava quatro tendências universais que repercutem diretamente na concepção de casamento e nas várias modalidades de casal: 1) o *aumento na expectativa de vida*, que trouxe como consequência maior possibilidade de crise no relacionamento e também a maior disponibilidade de tempo para tentar novas relações; 2) a *diminuição dos índices de natalidade*, que faz com que a procriação não seja o elemento central da relação de casal; 3) a *maior participação das mulheres no mercado de trabalho*, que trouxe grandes e profundas mudanças para o casal e para a estrutura familiar e 4) O *aumento dos índices de divórcio* associado à redução do caráter sagrado do casamento diminuiu os sentimentos de culpa por uma eventual separação. As separações consensuais passaram a ser mais comuns e encaradas com maior naturalidade pela sociedade.

Esses aspectos também foram identificados na sociedade brasileira nas últimas décadas, principalmente nas camadas médias e altas dos grandes centros metropolitanos. Essa transformação dos costumes se manifesta através da liberdade do exercício da sexualidade para ambos os sexos fora de uma relação estável, do aumento de arranjos conjugais, da ampla aceitação do divórcio e da maternidade voluntária fora do casamento (Heilborn, 1995, 2004).

Esses dados sugerem que estamos diante de expectativas sociais mais baixas quanto ao casamento, que não é considerado mais como uma obrigação como em outras épocas, bem como da dissolução dos papéis tradicionais associados ao gênero (Araújo, 2005; Goldenberg, 2001; Jablonski, 2003, 2005). Além disso, a premissa da durabilidade é questionada mesmo antes do início do relacionamento (Garcia & Tassara, 2003).

Apesar de todas essas mudanças nos âmbitos sociais, econômicos, políticos, a repressão exercida pelas religiões continua um fato marcante. Estudos desenvolvidos com jovens brasileiros já no final da década de 90 confirmavam que a maior religiosidade estava associada à valorização do casamento e à proibição de meios artificiais de anticoncepção, da coabitação e do sexo pré-conjugal (Jablonski, 1998). Corroborando esses achados, outra investigação realizada com casais brasileiros sobre satisfação conjugal encontrou que todos os casais que se diziam satisfeitos eram católicos praticantes e estes destacaram a importância de sua crença religiosa nos momentos difíceis pelos quais passaram (Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt & Sharlin, 2004).

Ainda que o modelo matrimonial seja suficientemente forte para motivar que a maioria das pessoas das culturas modernas acabe se casando (Silva Neto & Strey, 2007), nos países nórdicos, o casamento parece ter mudado de posição na ordem simbólica: nem legitima o início da

convivência, nem é uma exigência relacionada ao nascimento de filhos. Parece isto sim assumir o significado de um reconhecimento *a posteriori*. De rito de passagem parece tornar-se cada vez mais um rito de confirmação, mas não muito necessário. Nesse sentido, a coabitação tem se tornado cada vez mais comum e alguns autores passam a considerar como um estágio da relação conjugal e do ciclo de vida dos casais (McGinnis, 2003; Menezes & Lopes, 2007; Wu & Hart, 2002). A coabitação também vai assumindo, por sua vez, características de instituição social, com parciais reconhecimentos legais (relativamente ao acesso à casa, aos direitos recíprocos, entre outros).

Ainda considerando o cenário da vida moderna, Bauman (2004) aborda a fragilidade dos laços humanos que leva a desejos conflitantes de apertar os laços e, ao mesmo tempo, mantê-los frouxos. Afirma que a parceria passa a ser vista, assim como os bens de consumo, como algo que deve ser instantâneo, usado uma só vez, sendo eminentemente descartável. Acrescentando que “nem mesmo os casamentos, ao contrário da insistência sacerdotal, são feitos no céu, e o que foi unido por seres humanos estes podem – e têm permissão para desunir, e o farão se tiverem uma oportunidade” (p.45).

Também Gomes (2003), ao analisar os vínculos amorosos contemporâneos e os novos sentidos psíquicos da instituição do casamento, questiona três possibilidades para o entendimento do fenômeno: 1) estaríamos vivendo um período de generalizada superficialidade vincular com conseqüente desregramento sexual, numa sociedade cada vez menos normativa e mais leniente; 2) ao contrário, os dispositivos sexuais repressores estariam mais fortes do que nunca, tendo mudado de aparência para melhor controlar e enquadrar; 3) pela primeira vez na história estaria predominando o livre arbítrio e a busca do sentido desalienado de si, através de múltiplas experiências sexuais e afetivas, permitidas e até promovidas pelos mecanismos de institucionalização do humano.

Atualmente, o que se pode constatar nas sociedades ocidentais é que os valores estão mais flexíveis e favorecendo que o homem e a mulher possam buscar novas formas de convivência e de satisfação de suas necessidades e desejos afetivos, relacionais, sociais, sexuais, econômicos. Neste sentido, a sociedade reforça a idéia de que as pessoas são livres para optar, escolher e construir seus estilos de vida e relacionamento (Goldenberg, 2000). Surgem, assim, diferentes arranjos conjugais, nos quais coexistem aspectos classificados como do casamento tradicional com os típicos do casamento moderno.

Ampliando a visão sobre os sistemas que influenciam o desenvolvimento das pessoas chegamos ao *cronossistema* que compreende a dimensão do tempo, abrangendo mudanças normativas ou não normativas, podendo incluir mudanças na estrutura familiar, no local de residência, no emprego ou mudanças culturais mais amplas como guerras e ciclos econômicos.

No que se refere à instituição casamento e aos novos arranjos conjugais esses foram influenciados principalmente pela Revolução Sexual nos anos sessenta e pelo Movimento Feminista na década de setenta. Entre as principais consequências desses movimentos sobressaem-se a emancipação feminina, a sexualidade desvinculada da reprodução, a independência econômica da mulher, as mudanças nas relações de poder entre homem e mulher, a desestabilização do modelo masculino tradicional, relações de gênero mais democráticas baseadas na busca pelo direito à igualdade e respeito à diferença (Araújo, 2005) com a consequente flexibilização dos domínios femininos e masculinos (Aun, Vasconcellos & Coelho, 2006).

Ao mesmo tempo podemos observar mudanças e permanências na forma como as pessoas vivem seus casamentos. Constatamos que modelos e padrões são descartados em determinados períodos e resgatados em outros sugerindo que cada geração quer contestar os valores e crenças da geração precedente (Zordan, Falcke & Wagner, 2005).

Nesse sentido, considerando a importância do contexto sócio-cultural para entender os fenômenos que envolvem o casamento e a separação nos deteremos nos dados e pesquisas brasileiras. Vários estudos têm sido realizados nos cursos de pós-graduação nas áreas da Psicologia, Direito, Sociologia, Economia, Serviço Social. Os resultados sugerem que o casamento tem assumido outra posição no ciclo evolutivo vital, pois homens e mulheres estão iniciando sua vida sexual mais cedo e casando-se mais tarde, permanecendo mais tempo na casa dos pais (Henriques, Jablonski & Féres-Carneiro, 2004; Silveira & Wagner, 2006; Wendling, 2002).

No que se refere à separação, os resultados têm demonstrado sua natureza social, identificando causas psicossociais que permeiam os conflitos conjugais e que levam à ruptura do vínculo matrimonial, associando os fatores psicológicos e destacando a influência da família de origem e do meio social sobre as pessoas que vivenciam o processo de separação (Jorge, 2003; Nogueira, 2006; Silva, 2001; Viegas, 2006).

As investigações mostram que a maior frequência das separações conjugais emerge no momento em que as relações conjugais se caracterizam, de um lado, pela crescente idealização do relacionamento baseado no amor e na livre escolha do(a) parceiro(a) e, por outro, pela menor

tendência para a manutenção das uniões, pois os relacionamentos só se mantêm enquanto proporcionam satisfação suficiente para ambos os cônjuges. Além disso, cada vez mais as pessoas precisam conciliar demandas contraditórias, como profissão e tarefas domésticas, projetos individuais e projetos do casal. Nestas circunstâncias, observa-se que diante de uma crise conjugal, as pessoas acreditam que a solução mais rápida é a separação para se ver livre do sofrimento, havendo uma tendência à desresponsabilização e pouca reflexão sobre a vivência da conjugalidade e sua dissolução (Féres-Carneiro, 1998, 2001, 2003a, 2003b; Jablonski, 2007; Nogueira, 2006).

Outro fator presente nas investigações é que as relações íntimas, como as que unem as pessoas em casamento, são marcadas também pelo fato de serem atravessadas por relações monetárias. A mercantilização fica muito mais expressa nos momentos de tensão e é no momento do rompimento que se revela a dimensão contratual do casamento civil: a separação corresponde ao momento de se fazer cálculos e assegurar direitos (Digiovanni, 2003; Varela, 2005).

Constatamos, também, que após a separação ou divórcio, os indivíduos antes envolvidos na união têm possibilidade de novos casamentos ou de dar curso ao seu respectivo projeto individual, com ou sem novas uniões formalizadas. As separações também reiteram o valor dado ao casamento, na tentativa de recomposição da família, com o recasamento. Em todos esses movimentos de uniões, separações, novas uniões observa-se a interdependência dos diversos sistemas no qual o fenômeno está inserido.

### **Considerações Finais**

As separações conjugais são um fenômeno complexo no qual estão envolvidos aspectos pessoais, individuais, mas também aspectos contextuais que abrangem desde a família de origem de cada indivíduo, sua rede social e profissional, os quais, por sua vez são permeados pelas crenças, ideologias, sistemas políticos e econômicos que caracterizam a cultura de determinada sociedade. A cultura pode ser mais ou menos permissiva, mais ou menos repressora. Nas sociedades ocidentais atuais há menos pressão para a manutenção de “casamentos de fachada”, aceitando-se com maior naturalidade a ruptura de relações e o estabelecimento de novas uniões.

Neste sentido, para investigar e compreender o fenômeno das separações conjugais na contemporaneidade é necessário levar em consideração todo o entorno e estar atento e aberto para o novo, para a diversidade. Da mesma forma, para trabalhar na clínica com as situações relacionadas às separações conjugais e suas consequências é importante preparar-se para lidar com essa

complexidade, lembrando que, geralmente, as pessoas fazem escolhas buscando a felicidade e evitando o sofrimento, mas este não é um caminho linear.

### Referências

- Araújo, M. F. (2005). Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. *Psicologia Clínica, 17*(2), 41-52.
- Aun, J. G., Vasconcellos, M. J. E., & Coelho, S. V. (2006). *Atendimento sistêmico de famílias e redes sociais*. Belo Horizonte: Ophicina de Arte e Prosa.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Bradbury, T. N., Fincham, F., & Beach, S. R. H. (2000). Research on the nature and determinants of marital satisfaction: a decade in review. *Journal of the Marriage and the Family, 62*, 964-980.
- Bronfenbrenner, U. (1977). Toward an experimental ecology of human development. *American Psychologist, 32*, 513-531.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bronfenbrenner, U., & Ceci, S. (1994). Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective: a bioecological model. *Psychological Review, 101*, 568-586.
- Bronfenbrenner, U., & Evans, G. (2000). Developmental science in the 21st century: Emerging questions, theoretical models, research designs and empirical findings. *Social Development, 9*, 115-125.
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (1998). The ecology of developmental processes. In W. Damon, & R. M. Lerner (orgs.), *Handbook of child psychology I*, (pp. 993-1028). New York: John Wiley.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (2001). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artmed.
- Ceconello, A. M., & Koller, S. H. M. (2003). Inserção ecológica na comunidade: uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 16*(3), 515-524.
- Coelho, S. V. (2000). As transformações da família no contexto brasileiro: uma perspectiva das relações de gênero. *Psique, 10*(16), 7-24.
- Colares, M. (2001). Casamento e “casamentos”. *Jus Navigandi*. Acesso em 22 de março, 2007, em <http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=2091>.

- Conger, R., Cui, M., Bryant C. M., & Elder, G.H. (2000). Competence in early adult romantic relationships: a developmental perspective on family influences. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79(1), 224-237.
- De Antoni, C., & Koller, S. H. M. (2000). A visão de família entre as adolescentes que sofreram violência intrafamiliar. *Estudos de Psicologia*, 5(2), 347-381.
- De Bem, L. A. & Wagner, A. (2006). Reflexões sobre a construção da parentalidade e o uso de estratégias educativas em famílias de baixo nível sócioeconômico. *Psicologia em Estudo*, 11(1) 63-71.
- Dessen, M., & Costa Júnior, A. (2005). *A ciência do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed.
- Digiovani, R. (2003). *Rasuras nos álbuns de família: um estudo sobre separações conjugais em processos jurídicos*. Tese de Doutorado. Ciências Sociais. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.
- Farias, C. C. (2001). Novos paradigmas na separação judicial e no divórcio: possibilidade de retratação unilateral e indeferimento do pedido de homologação de acordo. *Jus Navigandi*. Acesso em 23 de março, 2007 em <http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=2345>
- Farias, C. C. (2004). Redesenhando os contornos da dissolução do casamento. In R. Pereira (coord.), *Afeto, Ética, Família e o Novo Código Civil*, (pp. 118). Belo Horizonte: Del Rey.
- Féres-Carneiro, T. (1997). Escolha amorosa e interação conjugal na heterossexualidade e na homossexualidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 10(2), 354-368.
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 379-394.
- Féres-Carneiro, T. (1999). Conjugalidade: um estudo sobre as diferentes dimensões da relação amorosa heterossexual e homossexual. In T. Féres-Carneiro (org.), *Casal e família: entre a tradição e a transformação*, (pp. 96-117). Rio de Janeiro: Nau.
- Féres-Carneiro, T. (2001). Casamento contemporâneo: construção da identidade conjugal. In T. Féres-Carneiro (org.), *Casamento e família: do social à clínica*, (pp. 67-80). Rio de Janeiro: Nau.
- Féres-Carneiro, T. (2003a). Construção e dissolução do laço conjugal. In T. Féres-Carneiro (org.), *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*, (pp. 201-214). Rio de Janeiro: PUC-Rio.

- Féres-Carneiro, T. (2003b). Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. *Estudos de Psicologia*, 8(3), 367-374.
- Féres-Carneiro, T. & Magalhães, A. S. (2005). Conjugalidade dos pais e projeto dos filhos frente ao laço conjugal. In T. Féres-Carneiro (org.), *Família e casal: efeitos da contemporaneidade*, (pp. 111-121). Rio de Janeiro: EDUPUC-Rio.
- Féres-Carneiro, T., Magalhães, A., & Ziviani, C. (2006). Conyugalidad de los padres y proyectos de vida de los hijos frente al matrimonio. *Cultura y Educación*, 18(1), 95-108.
- Garcia, M. L. T., & Tassara, E. T. (2003). Problemas no casamento: uma análise qualitativa. *Estudos de Psicologia*, 8(1) 127-133.
- Gimeno, A. (1999). *La familia: el desafío de la diversidad*. Barcelona: Ariel.
- Goldenberg, M. (org.) (2000). *Os novos desejos*. Rio de Janeiro: Record.
- Goldenberg, M. (2001). Sobre a invenção do casal. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 1(1), 89-104.
- Gomes, P. B. (2003). Novas formas de conjugalidade: visão panorâmica da atualidade. In P. B. Gomes (org.), *Vínculos amorosos contemporâneos: psicodinâmica das novas estruturas familiares*, (pp. 13-39). São Paulo: Callis.
- Heilborn, M. L. (1995). O que faz um casal, casal? Conjugalidade, igualitarismo e identidade sexual em camadas médias e urbanas. In I. Ribeiro. & A. C. Ribeiro (org.), *Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade contemporânea*, (pp. 91-124). São Paulo: Loyola.
- Heilborn, M. L. (2004). *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Henriques, C. R., Jablonski, B., & Féres-Carneiro, T. (2004). A “geração canguru”: algumas questões sobre o prolongamento da convivência familiar. *Psico*, 35(2), 195-205.
- Jablonski, B. (1998). *Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo*. Rio de Janeiro: Agir.
- Jablonski, B. (2003). Afinal, o que quer um casal? Algumas considerações sobre o casamento e a separação na classe média carioca. In T. Féres-Carneiro (org.), *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*, (pp. 141-168). São Paulo: Loyola.
- Jablonski, B. (2005). Atitudes de jovens solteiros frente à família e ao casamento: novas tendências? In T. Féres-Carneiro (org.), *Família e casal: efeitos da contemporaneidade*, (pp.

93-110). Rio de Janeiro: PUC-Rio.

- Jablonski, B. (2007). O cotidiano do casamento contemporâneo: a difícil e conflitiva divisão de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres. In T. Féres-Carneiro (org.), *Família e casal: saúde, trabalho, modos de vinculação*, (pp. 203-228). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Jorge, M. M. (2003). *Separação conjugal em famílias de baixa renda*. Dissertação de Mestrado. Psicologia. Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto.
- Koller, S.(org) (2004). *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Machado, L. Z. (2001). Famílias e individualismo: tendências contemporâneas no Brasil. *Comunicação, Saúde e Educação*, 4(8), 11-26.
- Martins, E., & Szymanski, H. (2004). A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 4(1), 63-77.
- McGinnis, S. L. (2003). Cohabiting, dating and perceives costs of marriage: a model of marriage entry. *Journal of Marriage and Family*, 65(1), 105-116.
- Menezes, C. C., & Lopes, R. C. S. (2007). A transição para o casamento em casais coabitantes e não-coabitantes. *Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 17(1), 52-63.
- Moraes, M. C. (2004). *Pensamento eco-sistêmico: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI*. Petrópolis: Vozes.
- Müller, B. (1999). O amor contemporâneo: indiferença e solidariedade. *Psyche*, 3(3), 39-47.
- Nogueira, C. S. S. (2006). *Novas formas de lidar com o processo da separação conjugal na modernidade líquida*. Dissertação de Mestrado. Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
- Norgren, M. B., Souza, R. M., Kaslow, F., Hammerschmidt, H., & Sharlin, S. A. (2004) Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9(3), 575-584.
- Pais, J. M., Cairns, D., & Pappámikail, L. (2005). Jovens europeus: retrato da diversidade. *Tempo Social*, 17(2), 109-140.
- Papalia, D., Olds, S. & Feldman, R. (2006). *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed.
- Paterniani, A. L. S. (1997). A aventura amorosa do casal contemporâneo. *Revista da Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana*, 8(1), 46-60.

- PEC – Proposta de Emenda à Constituição, nº 28 de 2009. Acesso em 10 de dezembro, 2009, em [http://www.senado.gov.br/sf/atividade/Materia/Detalhes.asp?p\\_cod\\_mate=91651](http://www.senado.gov.br/sf/atividade/Materia/Detalhes.asp?p_cod_mate=91651).
- Peck, J. S., & Manocherian, J. R. (2001). O divórcio nas mudanças do ciclo de vida familiar. In B. Carter & M. McGoldrick, *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*, (pp. 291-320). Porto Alegre: Artmed.
- Perlin, G., & Diniz, G. (2005). Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade? *Psicologia Clínica*, 17(2), 15-29.
- Puga, V. L. (2007). Casar e separar: dilema social histórico. *Esboços*, 17, 157-172.
- Reichert, C. B., & Wagner, A. (2007). Considerações sobre a autonomia na contemporaneidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia* 7(3), 405-418.
- Ríos González, J. A. (2005). *Los ciclos vitales de la familia y la pareja*. Madrid: CCS
- Rocha-Coutinho, M. L. (2004). Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil. *Temas em Psicologia da SBP*, 12(1), 2-17.
- Rosa (2007). Acesso em 23 de abril, 2007, em <http://www.espacovital.com.br/novo/noticia>.
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Silva Neto, J. A., & Strey, M. N. (2007). La representación social del lazo conyugal y género: desafíos de la contemporaneidad. *Cuadernos de Terapia Familiar*, 21, 147-168.
- Silva, C. E. V. (2001). *Sem “nós” dois, o que resta sou “eu”: os caminhos da separação conjugal*. Tese de Doutorado. Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Silveira, P. G., & Wagner, A. (2006). Ninho cheio: a permanência do adulto em sua família de origem. *Estudos de Psicologia*, 23(4), 441-453.
- Soares, O. (2000). *União estável*. Rio de Janeiro: Forense.
- Souza, A. M. L. M. (2000). *Aspectos polêmicos da união estável*. Rio de Janeiro: Lumen Juris.
- Staudt, A.C. P. & Wagner, A. (2008). Paternidade em tempos de mudança. *Psicologia, Teoria e Prática*, 10, 174-185.
- Troya, E. (2000). *De qué está fecho el amor - organizaciones de la parej occidental entre el siglo XX y el siglo XXI*. Buenos Aires: Lumen.
- Varela, N. A. (2005). *Até que a vida nos separe: relações íntimas, gênero e transação econômica*. Dissertação de Mestrado. Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- Vasconcellos, M. J. E. (2003). *Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência*. Campinas: Papyrus.

- Venosa, S. S. (2002). *Direito civil: direito de família*. São Paulo: Atlas.
- Viegas, I. L. F. (2006). *A desvinculação amorosa na relação conjugal*. Dissertação de Mestrado. Psicologia. Universidade São Marcos, São Paulo.
- Wagner, A., Falcke, D., & Meza, E. B. (1997). Crenças e valores dos adolescentes acerca de família, casamento, separação e projetos de vida. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 10(1), 155-167.
- Wendling, M. I. (2002). *"Asas para voar, raízes para voltar": a saída dos filhos da casa dos pais*. Dissertação de Mestrado. Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Wu, Z., & Hart, R. (2002). The effects of marital and nonmarital union transition on health. *Journal of Marriage and Family*, 64(20), 420-432.
- Zagury, T. (2003). O adolescente e a felicidade. *Ciência e Saúde Coletiva*, 8(3), 681-689.
- Zeglio, C., & Rodrigues Jr., O. M. (2007). *Amor e sexualidade: como sexo e casamento se encontram*. São Paulo: Iglu.
- Zordan, E. P. (2003). *O casamento na contemporaneidade: motivos expectativas, atitudes e mitos*. Dissertação de Mestrado. Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Zordan, E. P., Falcke, D., & Wagner, A. (2005). Copiar ou (re)criar? Perspectivas histórico-contextuais do casamento. In A. Wagner (org.), *Como se perpetua a família?: a transmissão dos modelos familiares*, (pp.47-65). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Zordan, E. P. & Wagner, A. (2009). Projetos vitais de adultos jovens solteiros: uma reflexão sobre o lugar do casamento. *Contextos Clínicos*, 2(2), 91-96.
- Zuckerman, M. (1994). Impulsive unsocialized sensation seeking: the biological foundation of a basic dimension of personality. In J. E. Bates & T. D. Wachs (Eds.), *Temperament: individual differences at the interface of biology and behavior*, (pp. 219-255). Washington, DC: American Psychological Association.

## **SEPARAÇÃO CONJUGAL: UMA LEITURA PSICOSSOCIAL DOS PROCESSOS JUDICIAIS**

### **Resumo**

A separação conjugal é um fenômeno cada vez mais habitual nas sociedades ocidentais. Nesta perspectiva, este estudo documental levantou os motivos, as circunstâncias e os contextos das separações conjugais a partir dos registros em 152 processos judiciais arquivados de 1992 a 2006 no Fórum de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. Os dados foram submetidos à análise descritiva, comparativa e discriminante. Os motivos mais citados foram: brigas e discussões frequentes, agressões do cônjuge, legalização da separação, alcoolismo do cônjuge, agressões com envolvimento dos filhos. Conclui-se que a separação conjugal pode ocorrer em qualquer etapa do ciclo vital, não estando restrita a um grupo específico de características sócio-demográficas.

*Palavras-chave:* separação conjugal, motivos, circunstâncias, contextos, ciclo vital.

## **CONJUGAL SEPARATION: A PSYCHO-SOCIAL READING OF JUDICIAL PROCEEDINGS**

### **Abstract**

Conjugal separation is an increasingly habitual phenomenon in Western societies. Given this perspective, this documentary study examined the motives, circumstances, and contexts of conjugal separations in records of 152 judicial proceedings from 1992 to 2006 in the tribunal of a city in the interior of Rio Grande do Sul state. Data were submitted to a descriptive, comparative and discriminative analysis. The most cited motives were: frequent fights and arguments, spousal aggression, to give legal validity to separation, spousal alcoholism, aggressions involving children. The conclusion was that conjugal separation can occur at any stage of the vital cycle, not being restricted to a specific group of socio-demographic characteristics.

*Keywords:* conjugal separation, motives, circumstances, contexts, vital cycle.

## Introdução

No Brasil, os dados do censo do IBGE (2007) mostram que de 2001 a 2005 aumentou o número de casamentos, ao mesmo tempo em que as separações judiciais de 2005 tiveram um incremento de 7,4% em comparação com o ano de 2004. Essas evidências demonstram que as pessoas continuam achando o casamento importante e, conseqüentemente, querendo casar-se. Entretanto, já não é essencial em tais uniões que elas durem “até que a morte os separe”. Pesquisa realizada na zona sul da cidade do Rio de Janeiro corrobora esses dados ao constatar que as uniões conjugais são múltiplas e a separação um fato recorrente (Heilborn, 2004).

Entre os fatores que contribuíram para essas mudanças podemos citar: as famílias e a sociedade em geral estão menos conservadoras e aceitam com naturalidade diferentes estilos de vida, que incluem ficar solteiro, viver com um parceiro de qualquer um dos sexos, divorciar-se, casar-se várias vezes e não ter filhos (Papalia, Old & Feldman, 2006); o predomínio de interesses individuais e a valorização da conjugalidade de tipo relacional, a qual valoriza a autonomia, a independência, a individualidade e a liberdade como valores centrais da pessoa moderna (Coelho, 2000; Heilborn, 2004; Pais, Cairns & Pappámikail, 2005); o aumento da expectativa de vida; a profissionalização da mulher, sua independência econômica; a diminuição dos índices de natalidade; a maior liberdade do exercício da sexualidade para ambos os sexos fora de uma relação estável; a desvinculação da reprodução; a maternidade voluntária fora do casamento, e a redução do caráter sagrado do casamento (Carter & McGoldrick, 2001; Gimeno, 1999; Heilborn, 1995, 2004; Jablonski, 1998, 2003; Paterniani, 1997).

Buscando conhecer melhor esse fenômeno, vários estudos foram desenvolvidos para identificar os motivos que levam às separações conjugais. Alguns resultados apontam a ascensão do *status* feminino e o fato de ambos os cônjuges serem igualmente bem-sucedidos (Carter & McGoldrick, 2001), diferenças em aspectos-chave da vida familiar e pessoal, tais como valores, hábitos, interesses, o exercício de papéis familiares ou na educação de filhos, a ruptura com a família extensa e o isolamento social (Gimeno, 1999).

Nesta perspectiva, outras pesquisas desenvolvidas nos cursos de pós-graduação no Brasil nas áreas da Psicologia, Direito, Sociologia, Economia e Serviço Social têm demonstrado a natureza social da separação. Essas investigações identificam causas psicossociais que permeiam os conflitos conjugais e que levam à ruptura do vínculo matrimonial, associando os fatores

psicológicos e destacando a influência da família de origem e do meio social sobre as pessoas que vivenciam o processo de separação (Jorge, 2003; Nogueira, 2006; Silva, 2001; Viegas, 2006).

Em outros estudos brasileiros, os motivos identificados foram: o alcoolismo, a infidelidade conjugal, a incompatibilidade de gênios, o desgaste da dimensão amorosa, a busca pela realização pessoal e o maior grau de exigência das mulheres economicamente independentes (Goldenberg, 2001; Porreca, 2004; Rey, 1997; Viegas, 2006). Ainda em relação aos motivos, porém considerando as diferenças entre os gêneros, encontrou-se que os homens se separam mais por incompatibilidade ou por abandonarem o lar. Como fatores preditores de separação conjugal podem ser citados: a idade dos cônjuges, o número de filhos e a idade dos filhos (Lopes, 2006).

Partindo dessa revisão da literatura sobre o tema da separação conjugal como um fenômeno complexo e frequente, que envolve fatores pessoais, familiares e contextuais, este estudo buscou levantar os motivos, circunstâncias e contextos das separações conjugais a partir de registros em processos judiciais. desenvolveu-se o estudo com o intuito de atingir os seguintes objetivos previamente propostos: levantar os motivos alegados para a separação conjugal nos processos judiciais, verificar semelhanças e diferenças quanto às variáveis sócio-demográficas e motivos alegados para a separação e estabelecer o perfil discriminante de casais que demandam separação judicial.

### **Método**

Os dados para a análise documental foram coletados nos registros dos processos de separação conjugal do Fórum de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. Inicialmente foi feito um contato com a juíza de família da Comarca para expor o projeto, apresentar outros estudos semelhantes e solicitar a autorização para fazer o levantamento. A juíza da vara de família e o juiz diretor do Fórum permitiram o levantamento de dados mediante a assinatura de um termo de compromisso pela pesquisadora. Este projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS sob o registro CEP 07/03976 (Anexo 3).

Após, foi realizada a leitura dos processos e foram coletados os dados pertinentes ao estudo, os quais foram registrados e organizados numa ficha criada para esse fim, a qual continha variáveis sócio-demográficas (sexo, idade, escolaridade, profissão, nível socioeconômico), o tipo de ação

judicial, as características da união conjugal, os motivos alegados para a separação/dissolução e o desfecho do processo judicial (Anexo 2).

### ***Fonte de Dados***

Os dados foram coletados nos processos judiciais guardados no Arquivo do Fórum. Estes estavam dispostos em caixas identificadas segundo os tipos de demanda. Do total de caixas, 40 estavam identificadas como contendo processos na área de família, sendo que havia em cada caixa uma média de 10 relacionados ao tema da separação conjugal ou dissolução de união de fato. A amostra desse estudo foi constituída pela primeira metade das caixas identificadas como contendo processos de família. Cada caixa era aberta e os processos relacionados à separação conjugal e à dissolução de união estável eram separados. A amostra inicial abrangeu 180, entretanto, 28 foram eliminados porque não continham todas as informações que estavam sendo levantadas para este estudo. A amostra final foi constituída por 152 processos de separações conjugais, classificados pelo tipo de ação em: litigiosos (69 casos, 45,4%), consensuais (51 casos, 33,6%) e dissoluções de uniões de fato (32 casos, 21,1%).

Os dados foram coletados nos processos judiciais arquivados no período de 1992 a 2006 e submetidos à análise descritiva (frequências e porcentagens das respostas), à análise comparativa (qui-quadrado) e à análise discriminante, através do programa estatístico SPSS (Bisquerra, Sarriera, & Martinez, 2004).

### **Resultados e Discussão**

O nível sócio-econômico foi investigado de forma individual e não do casal, utilizando o critério de classificação de Hollingshead (1975), a partir do nível ocupacional e do nível de escolaridade. Encontrou-se na amostra pesquisada, quatro níveis sócio-econômicos (NSE), sendo estes: baixo, médio-baixo, médio, médio-alto. No nível médio-alto foram agrupados dois extratos, o nível alto e médio-alto, devido à baixa frequência de casos do nível alto (cinco casos entre as mulheres e quatro entre os homens).

Constata-se que no caso das mulheres predominou o nível sócio-econômico baixo (64,0%), enquanto que entre os homens houve maior concentração nos níveis baixo (41,3%) e médio-baixo (32,7%), totalizando 74,0%.

Com a relação à *escolaridade* das mulheres, 9,3% não possuem estudo, 64,7% concluíram o ensino fundamental, 20,0% concluíram o ensino médio e 6,0% possuem ensino superior. Já quanto aos homens, 6,7% não possuem estudo, 63,3% concluíram o ensino fundamental, 24,7% concluíram o ensino médio e 5,3% possuem ensino superior. Portanto, nessa amostra, predomina o nível de ensino fundamental tanto para as mulheres quanto para os homens.

No que se refere à variável profissão, levantamos a profissão da mulher e do homem exercida à época do casamento e aquela do momento da solicitação da separação, a partir do nível de escolaridade exigido para as mesmas, expressas na tabela a seguir:

**Tabela 1** - Profissão das mulheres e dos homens ao casar e ao solicitar separação/dissolução

|                                | Mulheres       |                  | Homens         |                  |
|--------------------------------|----------------|------------------|----------------|------------------|
|                                | data casamento | pedido separação | data casamento | pedido separação |
| Dona de casa/não trabalha fora | 44,4%          | 33,5%            | 0%             | 9,3%             |
| Profissões ensino fundamental  | 33,3%          | 45,4%            | 76,1%          | 66,8%            |
| Profissões ensino médio        | 16,0%          | 14,5%            | 20,4%          | 21,9%            |
| Profissões ensino superior     | 6,3%           | 6,6%             | 3,5%           | 2,0%             |
| Total                          | 100 %          | 100 %            | 100 %          | 100 %            |

No grupo das mulheres, no momento da separação, diminuiu a porcentagem das que se dedicavam às tarefas do lar (33,6%) e de nível médio (14,5%), aumentando a porcentagem das que exercem atividades de nível fundamental (45,4%) e superior (6,6%). Os dados apontam que houve mobilidade na atividade profissional das mulheres, no entanto, não é possível precisar se esta mobilidade significa evolução ou regressão profissional.

Quanto ao grupo dos homens, o que mais chama a atenção é que, no momento da separação, aparece uma nova categoria que é a dos aposentados, que não exercem atividade remunerada fora do lar. Esse fato expressa o momento do ciclo vital em que ocorre a solicitação da separação, no caso, para os homens, a meia idade.

A idade das mulheres ao casar variou de 14 a 52 anos e dos homens de 14 a 56 anos. Para trabalhar com esses dados, agrupou-se de 14 a 17 anos (adolescência média), de 18 a 24 anos (adolescência final) e a partir dos 25 anos (adultos). Na tabela seguinte, apresenta-se a porcentagem de casamento das mulheres e dos homens em cada grupo etário. Observando-se que a faixa etária predominante foi dos 18 aos 24 anos (adolescência final), tanto para as mulheres (55,1%) como para os homens (60,3 %).

**Tabela 2 - Idade das mulheres e dos homens ao casar/unir**

| Idade em anos | Mulheres | Homens |
|---------------|----------|--------|
| 14 a 17       | 22,8 %   | 2,4%   |
| 18 a 24       | 55,1%    | 60,3%  |
| 25 em diante  | 22,0%    | 37,3%  |
| Total         | 100%     | 100 %  |

A idade, no momento da solicitação da separação, entre as mulheres variou de 18 a 70 anos e entre os homens de 20 a 71 anos. Para trabalharmos com os dados agrupamos de 18 a 24 anos (adolescência final), de 25 a 40 anos (adulterez jovem), de 41 a 60 anos (adulterez média) e de 61 anos em diante (terceira idade). Na tabela seguinte apresenta-se a porcentagem de solicitação de separação das mulheres e dos homens em cada grupo etário. Observando-se que, as faixas etárias predominantes foram dos 25 aos 40 e dos 41 aos 60 anos tanto para as mulheres como para os homens, predominando, portanto, a solicitação da separação na adulterez jovem e na adulterez média.

**Tabela 3 - Idade das mulheres e dos homens ao solicitar separação/dissolução**

| Idade em anos | Mulheres | Homens |
|---------------|----------|--------|
| 18 a 24       | 11,3%    | 5,1%   |
| 25 a 40       | 46,2%    | 43,5%  |
| 41 a 60       | 40,4%    | 47,1%  |
| 61 em diante  | 2,1%     | 4,3%   |
| Total         | 100%     | 100 %  |

No que se refere ao tempo de casamento/união no momento de solicitação da separação, agrupamos conforme o ciclo vital da família de zero a sete anos (formação do casal e nascimento de filhos), oito a 21 anos (período de criação dos filhos) e de 22 anos em diante (saída de casa dos filhos). Constatou-se que houve predomínio do período de oito a 21 anos (49,3%), expressiva frequência no período de zero a sete anos (29,6%) e 21,1% das solicitações de separação após 22 anos de união, podendo-se inferir desses dados que a separação conjugal pode ocorrer em qualquer momento do ciclo evolutivo do casal e da família, conforme a tabela seguinte.

**Tabela 4 - Tempo de casamento/união ao solicitar separação/dissolução**

| Número de anos de casamento | Porcentagem |
|-----------------------------|-------------|
| 0 a 7                       | 29,6%       |
| 8 a 21                      | 49,3%       |
| 22 em diante                | 21,1%       |
| Total                       | 100 %       |

Quanto à variável “quem solicitou a separação/dissolução” constatou-se a predominância feminina em 50,3% dos casos. Foi solicitada por ambos em 33,8% dos casos e pelo homem em 15,9%. Estes achados corroboram pesquisas anteriores que encontraram que a grande demanda e a decisão da separação é feminina (Carter & McGoldrick, 2001; Féres-Carneiro, 1998; 2003).

O regime predominante de comunhão de bens adotado foi a comunhão parcial (58,3%), sendo que 39,2% optaram pela comunhão universal e apenas 2,5% separação total de bens. Nesse sentido, é pertinente lembrar que a legislação brasileira adotava automaticamente a comunhão de bens universal até 1977, quando da aprovação da lei do divórcio. A partir daí o regime direto é a separação parcial de bens. Assim, se um casal quiser adotar outro regime de bens deverá fazer um pacto pré-nupcial e registrá-lo em cartório e isso será registrado na certidão de casamento.

Quanto à variável filhos, 19,5% da amostra não tinha filhos. Entre os que tiveram filhos, 28,9% tinha apenas um filho, 28,2% dois filhos, 12,8% três filhos, 6,0% quatro filhos e, 4,7% cinco filhos ou mais. Um dado que chama atenção entre os que estavam casados oficialmente (120 casos) é a expressiva porcentagem (24,3%) dos que tinham filhos gerados ou nascidos antes da oficialização do casamento, conforme certidões de nascimento e casamento anexas ao processo.

Nesse caso, pode-se pensar que casaram grávidos, o que pode ter motivado ou precipitado a oficialização da união.

Em relação ao(s) motivo(s) para separação, cabe salientar que foram colhidos através da informação registrada pelos advogados ao entrar com o pedido de separação/dissolução no Fórum e, portanto com o viés de quem quer defender a parte que o contratou. Considerando esse fato e, também, que a legislação brasileira não exige mais que sejam apresentados os motivos para separação/dissolução, constatou-se que em 79,6% dos processos não havia registro do(s) motivo(s) para separação. Entre os que os apresentavam, 59,2% apresentavam apenas um motivo e 40,8% registravam vários motivos.

A tabela a seguir mostra a frequência e a porcentagem dos motivos alegados nos processos:

**Tabela 5 -** Motivos alegados para separação/dissolução

| Motivos                                  | Frequência | Porcentagem |
|--|------------|-------------|
| Brigas e discussões frequentes           | 44         | 28,9%       |
| Agressões do cônjuge                     | 36         | 23,7%       |
| Já estavam separados de fato             | 35         | 23,0%       |
| Alcoolismo do cônjuge                    | 29         | 19,1%       |
| Agressões com envolvimento dos filhos    | 21         | 13,8%       |
| Abandono do lar pelo homem               | 14         | 9,2%        |
| Ameaça de morte                          | 13         | 8,6%        |
| Não cumprimento dos deveres do casamento | 11         | 7,2%        |
| Abandono do lar pela mulher              | 4          | 2,6%        |
| Outros fatores                           | 17         | 11,2%       |

Na linguagem jurídica, os deveres do casamento são: fidelidade recíproca; vida conjugal, no domicílio conjugal; mútua assistência; sustento, guarda e educação dos filhos; respeito e consideração mútuos (Código Civil).

Na amostra de pessoas que solicitavam separação/divórcio 100% das mulheres tinham acrescentado o sobrenome do marido e 80,2% pedia para voltar a usar o nome de solteira.

Quanto ao desfecho do processo observamos que 46,7% foi consensual, 30,9% litigioso e, em 22,4% houve abandono da ação ou reconciliação. O fato de quase um quarto da amostra ter abandonado a ação ou se reconciliado é um dado muito importante, que indica a necessidade de um espaço para as pessoas serem ouvidas, ouvirem, refletirem e avaliarem as suas dificuldades relacionais, as motivações para a dissolução das uniões antes da audiência de conciliação proposta pelo juiz.

A partir desses dados fez-se a análise comparativa utilizando o qui-quadrado a fim de buscar as possíveis associações entre o tipo de ação consensual, litigiosa e dissolução de união estável com as variáveis nível sócio-econômico da mulher, nível sócio econômico do homem e idade dos filho(a)s. Estas variáveis foram selecionadas por terem sido apontadas como motivos para a separação conjugal em estudos brasileiros (Goldenberg, 2001; Lopes, 2006).

Os resultados indicaram associação significativa entre o nível sócio-econômico da mulher e o tipo de ação ( $p < 0,048$ ). Mulheres de nível sócio-econômico alto (médio e médio-alto) solicitam separação do tipo consensual.

Provavelmente os supostos de Goldenberg (2000, 2001) de que quanto mais independente economicamente é a mulher, mais exigente ela se torna com o seu parceiro amoroso, seja um dos fatores que explicam esse achado, já que para esse perfil de mulheres o casamento não ocupa um lugar imprescindível na definição de seu sustento. Nesse caso, essas mulheres estão mais livres para negociar a sua separação conjugal e logram acordos consensuais.

Esses achados reforçam os de Sachsida, Loureiro, Mendonça e Sachsida (2003) de que as mulheres sofrem maior influência dos aspectos econômicos, tanto na hora de entrar como de romper uma relação, acrescentando que elas apresentam maior propensão para sair de um relacionamento do que os homens. Isto pode estar relacionado ao fato do casamento ser definido pelas mulheres como relação amorosa (Féres-Carneiro, 1997, 2001), e quando esta enfraquece e a mulher tem independência econômica, não tem porque manter o casamento.

Não se encontrou associação significativa ( $p = 0,059$ ) entre o nível sócio-econômico do homem e o tipo de ação.

No que se refere ao tipo de ação e idade dos filhos, constatou-se que as dissoluções de união de fato estão associadas significativamente a filhos menores ( $p = 0,02$ ). A preocupação com a

segurança e o sustento dos filhos pode ser um fator relevante que leve à legalização dessa ruptura e, portanto, a oficialização da co-responsabilidade paterna e materna no sustento dos filhos.

Para obter um perfil discriminante entre os grupos que solicitaram separação conjugal consensual e litigiosa utilizou-se a Análise Discriminante. As variáveis preditoras utilizadas foram: sexo, idade ao casar e ao solicitar a separação, escolaridade, profissão ao casar e ao solicitar a separação, melhora ou piora da profissão, nível socioeconômico atual, tempo de casamento/união, número de filhos, separação solicitada por quem, tipo de desfecho, número de motivos. Na revisão da literatura, no que se refere aos preditores de separação conjugal, identificou-se a idade dos cônjuges, o número de filhos e a idade dos filhos como variáveis significativas na ruptura conjugal (Lopes, 2006).

O grupo da separação consensual discrimina-se pelas seguintes variáveis: a separação ter sido solicitada pela mulher ( $p=0,758$ ), o nível sócio-econômico da mulher ser baixo ( $p=0,254$ ) e do homem baixo ou médio-baixo ( $p=0,177$ ), a escolaridade da mulher ( $p=0,234$ ) e do homem ( $p=0,195$ ) ter sido até o ensino fundamental e a comunhão parcial como regime de bens ( $p=0,087$ ).

Já o grupo da separação litigiosa perfila-se pelas variáveis: idade ao casar tanto do homem (-0,006) quanto da mulher (-0,090) entre os 18 e 24 anos (Mulheres - 55,1% e Homens - 60,3%), idade no momento da separação tanto do homem (-0,175) quanto da mulher (-0,268) entre a adultez jovem (Mulheres - 46,1%; Homens - 43,5%) e a adultez média (Mulheres - 40,4% e Homens - 47,1%), o fato de que tanto os homens (-0,027) quanto as mulheres (-0,006) permaneceram na sua profissão ao longo do casamento, conseqüentemente, na mesma faixa de renda econômica (Mulheres - 54,9% Homens - 78,2%), ter entre um e dois filhos (-0,222 - 28,5%), o casamento ter durado entre oito e 21 anos (-0,217 - 49,3%) e o casal alegar mais de um motivo para a separação (-0,171 - 59,2%).

A classificação obtida do perfil discriminante consegue predizer corretamente 89,6% dos casos das separações consensuais e 100% dos casos das separações litigiosas, conforme tabelas abaixo.

**Tabela 6 -** Preditores de Grupo Consensual e Litigioso - Classificação de Resultados

| Tipos de ação                | Membros do Grupo Predictor |           |       |
|------------------------------|----------------------------|-----------|-------|
|                              | Consensual                 | Litigiosa | Total |
| Contagem Original            |                            |           |       |
| consensual e divórcio direto | 43                         | 5         | 48    |
| litigiosa                    | 0                          | 67        | 67    |
| Casos não agrupados          | 3                          | 6         | 9     |
| %                            |                            |           |       |
| consensual e divórcio direto | 89,6                       | 10,4      | 100,0 |
| litigiosa                    | ,0                         | 100,0     | 100,0 |
| Casos não agrupados          | 33,3                       | 66,7      | 100,0 |

a 95,7% casos classificados corretamente do grupo original.

**Tabela 7 -** Função Discriminante Canônica - Autovalor

| Função | Autovalor | % de Variância | Cumulativo % | Correlação Canônica |
|--------|-----------|----------------|--------------|---------------------|
| 1      | 3,148(a)  | 100,0          | 100,0        | ,871                |

A Primeira Função Canônica Discriminante usada nas análises.

Assim, as características que definem prioritariamente os sujeitos envolvidos em separações consensuais são: solicitação pela mulher, mulher e homem com nível de escolaridade de ensino fundamental, mulher de nível sócio-econômico baixo e homem de nível sócio-econômico baixo e médio-baixo e regime de comunhão parcial de bens. Será que o consenso está associado, predominantemente, a estes aspectos econômicos, isto é, pessoas de nível sócio-econômico baixo, com baixo nível de aspiração, mais conformadas com sua situação de vida e que já haviam estabelecido previamente a separação parcial de bens?

Por outro lado, as características que definem majoritariamente os sujeitos envolvidos em processos litigiosos são mulheres e homens adultos (entre 25 e 60 anos), que se casaram no final da adolescência, tiveram entre um e dois filhos, tendo permanecido casados entre oito e 21 anos e que apresentam mais de um motivo para separação. No caso de litúgio, esses dados poderiam sugerir que seriam pessoas que teriam expectativas mais elevadas em relação ao casamento, as quais foram frustradas, por isso a apresentação de mais motivos para a separação? Também por terem

expectativas mais positivas e de durabilidade do casamento não teriam estipulado *a priori* o regime de bens?

### **Conclusão**

A partir desses resultados, constatou-se que a separação conjugal na contemporaneidade é um fenômeno que pode ocorrer em qualquer etapa do ciclo vital do indivíduo, do casal e da família, com casais que tenham tido filhos ou não, que tenham oficializado sua relação ou não, com casais que exerçam papéis tradicionais, sendo o homem provedor e a mulher dona de casa, ou casais de dupla renda, de dupla carreira. Nesta perspectiva, constata-se que este fenômeno não está restrito a um grupo específico de características sócio-demográficas, podendo, também por isso, ser considerado uma crise vital.

Nesta perspectiva, a constatação de que as uniões não são mais obrigatoriamente para toda a vida, mas sim que podem ser rompidas a qualquer momento gera uma maior instabilidade e uma maior ansiedade. Isso pode levar a maior investimento para a manutenção das relações, ou por outro lado, pode levar a menor comprometimento, pouco investimento e à afirmação de que a “fila anda” e que há sempre a possibilidade de novas uniões que poderão ser melhores do que a atual.

Quanto ao perfil discriminante para solicitações litigiosas com 100% de predição correta associando com a idade de casamento (18 a 24 anos), idade de separação (41 a 60 anos), mesma profissão ao casar e ao se separar, serem pais de um ou dois filhos pode apontar para casamentos baseados no modelo tradicional visto como um negócio, uma sociedade e que a separação dessa sociedade tem que ser justa e resolvida na justiça, pois seguiu o modelo ideal preconizado socialmente e “não deu certo”, frustrando expectativas idealizadas.

Em relação ao perfil discriminante para solicitações consensuais com 89,6% de predição correta envolvendo a solicitação pela mulher, o nível sócio-econômico baixo da mulher e baixo e médio-baixo do homem, nível de escolaridade fundamental de ambos e regime de comunhão de bens parcial sugere que há outras variáveis envolvidas nas separações consensuais. Esses achados apontam também para aspirações menos elevadas em relação à vida em geral e que as expectativas desses sujeitos em relação ao casamento não se baseavam tanto no modelo tradicional, portanto não há muito que discutir nem muito por que brigar judicialmente, não há muitos interesses a defender, considerando que a difícil separação de bens já estava estipulada desde o início pelo regime de comunhão parcial.

No que se refere aos motivos alegados para a separação esses podem ser expressos de diversas maneiras, com diferentes linguagens. Neste estudo, a partir dos processos judiciais, coletamos a opinião dos operadores do direito sobre os motivos para a separação. Esses relatos têm o objetivo claro e preciso de reivindicar a separação com a maior beneficência para o(a) seu(ua) cliente. Assim, nessa perspectiva dos profissionais do direito, os motivos alegados foram: brigas frequentes, agressões do cônjuge, legalização de uma situação já existente, alcoolismo do cônjuge, agressões com envolvimento dos filhos, abandono do lar pelo homem e ameaça de morte e não cumprimento dos deveres do casamento. São motivos fortes que justificam a ruptura do laço conjugal apontam para a impossibilidade de manter essa situação que causa sofrimento à outra parte e aos filho(a)s revelando, também uma quebra de contrato e um novo contrato tem que ser firmado e este é o contrato de separação que passa a ser inserido na certidão de casamento.

A partir desses achados sugere-se a realização de estudos qualitativos que possam levantar os motivos, as circunstâncias e os contextos das separações conjugais a partir das pessoas envolvidas diretamente, sem o viés dos advogados, como foi o caso deste levantamento, buscando ampliar a compreensão desse fenômeno.

### Referências

- Bisquerra, R., Sarriera, J. C. & Martinez, F. (2004). *Introdução à estatística: enfoque informático com o pacote estatístico SPSS*. Porto Alegre: Artmed.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (2001). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artmed.
- Coelho, S. V. (2000). As transformações da família no contexto brasileiro: uma perspectiva das relações de gênero. *Psique*, 10(16), 7-24.
- Féres-Carneiro, T. (1997). Escolha amorosa e interação conjugal na heterossexualidade e na homossexualidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 10(2), 354-368.
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 379-394.
- Féres-Carneiro, T. (2001). Casamento contemporâneo: construção da identidade conjugal. In T. Féres-Carneiro (org.), *Casamento e família: do social à clínica*, (pp. 67-80). Rio de Janeiro: Nau.
- Féres-Carneiro, T. (2003). Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. *Estudos de Psicologia*, 8(3), 367-374.
- Gimeno, A. (1999). *La familia: el desafío de la diversidad*. Barcelona: Ariel.
- Goldenberg, M. (org.) (2000). *Os novos desejos*. Rio de Janeiro: Record.
- Goldenberg, M. (2001). Sobre a invenção do casal. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 1(1), 89-104.
- Heilborn, M. L. (1995). O que faz um casal, casal? Conjugalidade, igualitarismo e identidade sexual em camadas médias e urbanas. In I. Ribeiro. & A. C. Ribeiro (org.), *Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade contemporânea*, (pp. 91-124). São Paulo: Loyola.
- Heilborn, M. L. (2004). *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Hollingshead, A. B. (1975). *Four factor index of social status*. Department of Sociology, Yale University, unpublished working paper.
- IBGE (2007). Acesso em 15 de junho, 2007 em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/acessoainternet>

- Jablonski, B. (1998). *Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo*. Rio de Janeiro: Agir.
- Jablonski, B. (2003). Afinal, o que quer um casal? Algumas considerações sobre o casamento e a separação na classe média carioca. In T. Féres-Carneiro (org.), *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*, (pp. 141-168). São Paulo: Loyola.
- Jorge, M. M. (2003). *Separação conjugal em famílias de baixa renda*. Dissertação de Mestrado. Psicologia. Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto.
- Lopes, N. A. (2006). *Casamento, dissolução conjugal e suas funções adaptativas*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- Nogueira, C. S. S. (2006). *Novas formas de lidar com o processo da separação conjugal na modernidade líquida*. Dissertação de Mestrado. Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
- Pais, J. M., Cairns, D., & Pappámikail, L. (2005). Jovens europeus: retrato da diversidade. *Tempo Social*, 17(2), 109-140.
- Papalia, D., Olds, S., & Feldman, R. (2006). *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed.
- Paterniani, A. L. S. (1997). A aventura amorosa do casal contemporâneo. *Revista da Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana*, 8(1), 46-60.
- Porreca, W. (2004). *Famílias recompostas: casais católicos em segunda união*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo/ Ribeirão Preto.
- Rey, L.D.V. (1997). *Estudo epidemiológico das separações conjugais na cidade de Ribeirão Preto*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto.
- Sachsida, L. B., Loureiro, P. R. A., Mendonça, M.J.C., & Sachsida, A. (2003). Fatores econômicos determinam o fim de uma relação conjugal. Acesso em 06 de junho, 2008, em: <http://www.anpec.org.br/encontro2003/artigos>.
- Silva, C. E. V. (2001). *Sem “nós” dois, o que resta sou “eu”: os caminhos da separação conjugal*. Tese de Doutorado. Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Viegas, I. L. F. (2006). *A desvinculação amorosa na relação conjugal*. Dissertação de Mestrado. Psicologia. Universidade de São Marcos, São Paulo.

## **AMOR ETERNO OU VÁRIAS PAIXÕES: O RELACIONAMENTO AMOROSO NAS REVISTAS FEMININAS E MASCULINAS**

### **Resumo**

Esta investigação teve como objetivo verificar como as revistas femininas e masculinas abordam os temas relacionamento amoroso e sexualidade. O *corpus* deste estudo foi constituído pelas revistas femininas *Claudia* e *Nova* e masculinas *Playboy* e *Vip*, edições de abril a agosto de 2009 e os dados foram submetidos à análise de conteúdo. Nas revistas femininas, prepondera a ideia de que os relacionamentos podem ser plenos de sexo e prazer e que, no fundo, as mulheres querem manter uma relação estável e duradoura, serem mães e terem uma família. Já nas masculinas é explicitada predominantemente a ideia de relacionamento amoroso-sexual sem compromisso.

*Palavras-chave:* relações amorosas; sexualidade, revistas femininas, revistas masculinas.

## **ENDLESS LOVE OR A LOT OF PASSIONS: LOVE RELATION IN FEMININE AND MASCULINE MAGAZINES**

### **Abstract**

The purpose of this study was to verify how men's and women's magazines address themes of love relationship and sexuality. The *corpus* of this study consisted of women's magazines *Claudia* and *Nova*, and men's magazines *Playboy* and *Vip*. Data compiled from editions of April to August of 2009 were submitted to a content analysis. In women's magazines, the predominant idea was that relationships can be full of sex and pleasure and that deep down, women wish to maintain a stable and lasting relationship, be mothers, and have a family. In men's magazines, the predominant idea of love and sexual relationship without compromise.

*Keywords:* Love relationship; sexuality; men's magazines; women's magazines

## Introdução

A união entre a mulher e o homem tendo, inicialmente, como finalidade principal, a sobrevivência individual e da espécie sempre esteve presente nas diferentes culturas e em diversos períodos históricos. União esta que passou a ser formalizada através do casamento civil e/ou religioso de acordo com a organização social e as religiões que influenciam a organização da sociedade e também são influenciadas pelas mudanças sociais (Zordan, Falcke & Wagner, 2005).

Estudos recentes mostram que o casamento continua sendo associado ao amor (Machado, 2001; Rocha-Coutinho, 2004; Roudinesco, 2003; Zagury, 2003; Zeglio & Rodrigues Jr., 2007; Zordan, 2003) e importante para ambos os sexos.

Assim, as uniões baseadas nas relações amorosas continuam existindo, mas não têm mais como objetivo principal a concepção de filhos e nem precisam durar por toda a vida. Estamos diante de uma pluralidade de formas de convivência, que dão origem a novas famílias reconhecidas pelo meio social e pela legislação, tais como a coabitação, a união estável, as uniões em série, os casamentos monogâmicos sequenciais e as uniões homoafetivas.

As transformações que as instituições casamento e família têm passado evidenciam a importância do contexto na construção e na vivência destas relações. Como um componente importante do contexto, existe a mídia, pois já na década de noventa, do século XX, Souza (1995) afirmava que os valores que circulam na mídia são expressões de sentido dadas tanto por quem produz, quanto por quem recebe a mensagem, o que vem sendo corroborado por estudos mais recentes que identificam a mídia como um espaço que produz e faz circular discursos que contribuem decisivamente para subjetivação (Hennigen & Guareschi, 2008). A mídia ao mesmo tempo participa da constituição de sujeitos é também por eles constituída (Miguel & Toneli, 2007).

Com o amplo desenvolvimento observado em todos os meios de comunicação de massa, também aumenta a sua capacidade de “transmitir potencialmente mensagens ideológicas através de extensas faixas de espaço e tempo e, de reimplantar essas mensagens numa multiplicidade de locais particulares (...) criou as condições para a intrusão mediada de mensagens ideológicas nos contextos práticos da vida diária” (Thompson, 1998, p. 186). De acordo com este pesquisador inglês, essa invasão midiática na vida das pessoas pode produzir uma espécie de “sobrecarga simbólica”, principalmente porque apresenta um poder de atração sobre os indivíduos que encontra poucos rivais no cotidiano contemporâneo.

Nesta perspectiva, a mídia, através dos diferentes veículos, exerce uma influência muito grande sobre as pessoas nas diferentes faixas etárias, pois leva à padronização de comportamentos, funcionando como um espelho que reflete os conceitos e as ideias que circulam na sociedade e no cotidiano social (Miranda, 2006). Atualmente a mídia é percebida e estudada como uma das grandes formadoras do ambiente social, pois molda opiniões, fabrica estilos de vida, sugere novos jeitos de ser, modela corpos, condena ou reifica comportamentos, produz, reproduz e coloca em evidência valores, legitima práticas sociais (Cruz & Pereira, 2008; Maksud, 2008; Miguel & Tonelli, 2007; Strey, 2008; Swain, 2001, Winck, 2008).

Neste sentido muitos estudos vêm sendo desenvolvidos investigando o impacto da propaganda e da mídia sobre os comportamentos (Bosi, Luiz, Morgado, Costa & Carvalho, 2006; Pinsky & Pavarino, 2007; Saikali, Soubhia, Scalfaro & Cordas, 2004). No que se refere à mídia impressa, encontramos, no meio acadêmico, estudos realizados desde a graduação, iniciação científica, monografia de graduação (Morais, Procópio & Silva, 2006; Ossagawara, 2007; Schuster & Casalf, 2009; Silva, Bacalgacini & Paulino, 2008; Souza, 2008) a dissertações e teses (Britto, 2008; Lira, 2009).

Essas investigações, inclusive têm destacado o caráter pedagógico da mídia, que nos ensina como sermos pessoas de sucesso, trabalhadores eficientes, pais e mães adequados, mulheres modernas (Strey, 2008). Mas também destacam que os modelos de relações afetivo-amorosas podem estar sendo modificados por diferentes fatores característicos da contemporaneidade, entre eles o impacto comercial da mídia (Guedes & Assunção, 2006). Tanto as mulheres como os homens são representados em reportagens, colunas assinadas, editoriais, programas de entretenimento, de acordo com os interesses dos “produtores dos veículos midiáticos e com os objetivos de cada tipo de discurso, seja publicitário, jornalístico de divulgação científica, ou outro” (Ghilardi-Lucena, 2005, p. 1020). Como a mídia ocupa um papel central na vida humana contemporânea, aquilo que ela produz e veicula acaba por ter valor de verdade.

A partir deste enfoque, este estudo tem como objetivo verificar como as revistas femininas e masculinas abordam os temas relacionamento amoroso e sexualidade.

### Método

O *corpus* deste estudo foi constituído pelas revistas femininas Claudia e Nova e masculinas Playboy e Vip, edições de abril a agosto de 2009. Foram escolhidas essas revistas por serem revistas tradicionais no mercado e de grande circulação. Claudia é uma revista brasileira, criada em 1961 e Nova é da rede internacional Cosmopolitana e foi lançada no Brasil em 1973. Já Playboy é uma revista norte-americana que circula no Brasil desde 1975, enquanto que Vip é uma revista brasileira, publicada desde 1981. Foram escolhidos números mais recentes para nosso estudo, porque o objetivo é investigar o que está acontecendo neste momento e também pela facilidade de acesso.

O quadro a seguir informa alguns dados sobre o número de exemplares do perfil do(a)s leitor(a)s por revista:

**Quadro1** – Caracterização das revistas analisadas

|         | Circulação líquida | Idade              | Sexo |     | Classe social |     |     |
|---------|--------------------|--------------------|------|-----|---------------|-----|-----|
|         |                    |                    | F    | M   | A             | B   | C   |
| Claudia | 411.612 exemplares | 20 a 49 anos - 64% | 88%  | 12% | 21 %          | 45% | 30% |
| Nova    | 233.303 exemplares | 20 a 39 anos - 57% | 84%  | 16% | 18 %          | 52% | 27% |
| Playboy | 204.094 exemplares | 20 a 39 anos - 58% | 19%  | 81% | 16 %          | 34% | 41% |
| Vip     | 65.561 exemplares  | 20 a 39 anos - 65% | 32%  | 68% | 21 %          | 39% | 31% |

Fonte: Publi Abril -publicidade das Marcas Abril disponível em <http://publicidade.abril.com.br/homes.php?MARCA> acesso em 20/08/2009

Observando o quadro, elaborado a partir das informações disponibilizadas na internet pela página de publicidade da editora das revistas, identificamos que, com exceção da revista Claudia, que atinge uma faixa de idade maior (20 a 49 anos), nas demais predomina a faixa de 20 a 39 anos. Com relação ao nível social, constata-se o predomínio da classe B, com exceção da Playboy, que apresenta maior porcentagem de leitores da classe C. Outro dado que chama a atenção é que as duas revistas femininas possuem uma circulação líquida maior do que as revistas masculinas. A revista Claudia apresenta a maior circulação líquida sendo superior ao dobro da Playboy e seis vezes a da Vip. Além disso, os números fornecidos mostram que as mulheres lêem mais as revistas masculinas que os homens lêem as revistas femininas.

### ***Procedimentos***

Inicialmente fizemos uma leitura dos sumários de cada uma das revistas identificando as seções que as compunham. A seguir optamos por fazer a coleta de dados nos seguintes segmentos das revistas: capa, publicidade, cartas de leitor(a)s e entrevistas/reportagens porque esses estavam presentes nos quatro tipos de revistas selecionadas. Também estabelecemos, a priori, as categorias: relacionamento amoroso e sexualidade, visto que o discurso amoroso tem sua vertente calcada no sexo e na sexualidade (Barthes, 2003) e porque essas categorias, de alguma forma, estão envolvidas no fenômeno investigado: as relações amorosas.

O próximo passo foi destacar todas as capas, publicidades, cartas de leitor(a)s e entrevistas/reportagens, sugestão de livros e na sequência ler e identificar cada uma das categorias já citadas. Num primeiro momento, fizemos um levantamento quantitativo: levantamos quantas vezes cada categoria apareceu em cada segmento. Esses dados foram registrados num quadro, através de uma legenda, sendo que ambos foram criados com essa finalidade (Anexo 4).

O segundo momento compreendeu um estudo qualitativo que iniciou com a digitação dos conteúdos principais de cada segmento de cada revista por categoria e por mês, conforme íamos tendo acesso às revistas, pois foi uma coleta prospectiva. Na etapa seguinte organizamos os dados por revista (Claudia, Nova, Playboy e Vip) e por categoria, considerando o que foi publicado nos cinco meses que fizeram parte deste estudo.

A seguir apresentaremos, analisaremos e discutiremos os dados coletados neste segundo momento, isto é, no estudo qualitativo, através da análise do conteúdo por revista (Claudia, Nova, Playboy e Vip) e por categoria: relacionamento amoroso e sexualidade.

### **Análise e Discussão dos Resultados**

Todas as revistas analisadas estabelecem interação com público leitor através da seção de cartas e também fazendo enquetes e apresentando matérias pela internet para que o(a)s leitor(a)s se posicionem. Esse tipo de seção é visto por Barbosa (2007) como um discurso de alto envolvimento, de gênero misto, isto é, de interação e de informação. Para essa autora, existe ênfase na informação relacional nas revistas femininas, o que não acontece nas revistas masculinas, onde há maior equilíbrio entre as informações relacionais e referenciais. Esse aspecto mostra uma orientação em direção às supostas características de gênero de mulheres e de homens.

As revistas Claudia, Nova e Vip apresentam informações de especialistas da área de comportamento e sexualidade, tais como: psicólogos, antropólogos, sociólogos, sexólogos, terapeutas sexuais, psiquiatras, ginecologistas, o que já não acontece na Playboy. Aqui, é importante considerar as disputas entre os diversos meios de comunicação. As mídias mais abrangentes são a TV, o rádio e a internet, deixando um espaço mais circunscrito às revistas impressas. Em função disso, a estratégia adotada por essas publicações é a definição, cada vez mais precisa de seu público leitor, ou seja, para homens ou mulheres, para diferentes faixas etárias, níveis sócio-econômicos, para profissionais de diversas áreas. Essas divisões por setores de interesse são construídas com base em supostos perfis diferenciados de leitores e leitoras (Casali, 2007). Assim, é mais provável que o tipo de informação que apareça num determinado tipo de revista não apareça em outro dirigido a um público diferente.

Na revista Claudia, na categoria *relacionamento amoroso* observa-se que os conteúdos estão voltados para a mulher que tem um parceiro, que tem um compromisso, tais como: “Os 7 passos de um casamento feliz”, “... no início do casamento os dois devem começar a fazer planos e fixar metas sobre a melhor época para a vinda de uma criança...”, “casamentos que se reconstroem não são malsucedidos...” sendo usada em vários momentos a expressão “relacionamento conjugal”. Os temas mais abordados são os segredos de sucesso do relacionamento, a felicidade no relacionamento conjugal, sugestões para superar dificuldades do dia-a-dia do relacionamento, ideias para fortalecimento.

Fica evidente a coexistência do modelo de relacionamento amoroso/conjugal tradicional, isto é, duradouro, expresso por “espero que passemos o resto da vida juntos” com o novo modelo, baseado na intensidade e não na duração, como se pode constatar pelas frases “nos dias de hoje quando chega a hora do final do namoro, já se está programando o que fazer naquela noite, para não pensar no assunto”. Também se constata a valorização do sexo como um componente da relação amorosa e a necessidade de investimento no sexo prazeroso e que a durabilidade dessa conquista dependerá do esforço da manutenção. Estes temas são tratados nas reportagens: “Um delicioso papo sobre os desejos das mulheres”, “100 soluções para ficar com o cabelo lindo e programas para despentear depois”, “Sexo solução”, “Sexo lacrado: um guia picante de A a AAAHHHH”, entre outras.

Na revista Nova na categoria *relacionamento amoroso*, os conteúdos estão dirigidos para mulheres que não têm um parceiro fixo, com compromisso, oficializado, não é usada a expressão

relacionamento conjugal. Aborda o contexto do relacionamento amoroso sem a formalidade do casamento, do compromisso, sem as juras de eternidade, porém, em várias ocasiões estão presentes expressões como “compromisso para vida toda”, “acreditar que vai ser para sempre”, “acreditar que sua história pode sim ter um final feliz”, “relacionamentos amorosos darem certo” e para que “ficada sem compromisso se transforme em relacionamento sério”. Para se referir ao parceiro são usadas expressões como “seu lindo”, “seu homem”, “seu amor”, “seu gato”.

O assunto mais abordado são as dicas para conquistar um homem através da leitura corporal, do conhecimento sobre os signos, de muito investimento no relacionamento sexual (“mulher experiente, o sexo fica muito melhor”) e de informações científicas sobre paixão, amor, sexo, vínculo amoroso. Nas *cartas de leitore(a)s e entrevistas/reportagens* há ênfase em dois aspectos: a) depoimentos de grande amor, paixão, destacando que para conservar a paixão é necessário fazer “manutenção” e b) descrições do homem ideal, da namorada ideal e do primeiro encontro ideal.

Além disso, nesses números há informações sobre provas de amor que entraram para a história, casais que são eternos, cartas de amor de todos os tempos, os grandes apaixonados de todos os tempos. As matérias da revista são consideradas pelas leitoras como orientações, por exemplo, quando a leitora afirma: “parece que a Terapia de 5 minutos (fevereiro) foi escrita para mim, pois me identifiquei com a jovem que quer namorar firme, mas não consegue. Eu também achava, antes de ler as orientações, que o fato de eu ser bonita e bem-sucedida assustava os pretendentes...”.

Outro aspecto a ser salientado é que a revista Nova dispõe de um espaço significativo para os homens expressarem suas opiniões, desejos, expectativas sobre relacionamento, mulheres, término das relações, namorada ideal. Também há um espaço denominado: “Para Ele Ler” onde são abordados conteúdos relacionados ao que as mulheres gostam, sentem, desejam, sugerindo dicas para “inflar a autoestima feminina”, frases sutis para “derreter o coração dela”. Neste sentido, a revista se propõe a ser uma revista feminina para ser lida por homens também, para estes se aproximarem do contexto feminino.

Nestas revistas femininas, portanto, há uma valorização do relacionamento amoroso, associado à sexualidade, com destaque para a necessidade de investimento na relação e no sexo prazeroso para a sua manutenção, pairando uma expectativa de que a relação dê certo e dar certo é ser duradoura. Essas indicações sugerem a volta da velha imagem do amor romântico como aquele

que, se for verdadeiro, durará para sempre. É uma questão contraditória na medida em que na contemporaneidade existe a idéia, mais ou menos difundida, de que nada dura para sempre. O amor é “líquido” (Bauman, 2004), a identidade (ou identidades) é “fragmentada” (Hall, 1999), a rapidez com que as pessoas constituem vínculos afetivos é proporcional ao tempo que levam para rompê-los (Silva Neto, Mosmann & Lomando, 2009) e assim por diante. Podemos pensar que essas mensagens, veiculadas pelas revistas femininas, têm a intenção de “pasteurizar” (Rodrigues, 2005) as mulheres numa imagem única, buscando oferecer referências de como agir para ser uma verdadeira mulher. Essa essência de mulher deve passar, necessariamente, por uma feminilidade que se apresenta, quase sempre, pelo viés da sedução (Matos, 2002).

Na revista *Playboy*, na categoria *relacionamento amoroso* predomina a ideia de relacionamento amoroso, sem compromisso, isto é, com a “sua namorada” ou “sua garota”, ênfase em se divertir, com mais sexo e menos chatice e o que fazer para ser mais desejado. Fica evidente, também, a ambivalência do homem em aparentar para a namorada que é fiel, ter outra e terminar com a outra sem revelar que estava com ela, mas já estava comprometido. Constata-se a preocupação em informar aos leitores como se caracteriza o relacionamento que os homens estão vivendo segundo o Código Civil com a recomendação: “confira nosso diagrama e veja se você está se comprometendo mais do que gostaria sem perceber”.

Na revista *Vip*, na categoria *relacionamento amoroso*, emergem relacionamentos sem compromisso, são oferecidas dicas para “pegar” mulheres na internet, que “são gatas e inteligentes” e “estão aos montes nos *sites* de relacionamento”. Propõe-se a revelar segredos que só elas sabem sobre sexo e relacionamentos. Apresenta sugestões de presentes para pedir para “a gata” no dia dos namorados, não há sugestões para dar para ela, ficando o homem como centro e não numa relação de reciprocidade. Também são expostos estereótipos negativos sobre o casamento, o amor e as mulheres, tais como: “O matrimônio, por si só já tem fama de andar de mãos dadas com a encrenca. Mas existe sempre a chance de ser ainda pior”, “O amor é como capim: você planta e ele cresce. E aí vem uma vaca e acaba com tudo”, “Amor é aquilo que começa com um príncipe beijando um anjo e acaba com um careca olhando para uma gorda” e “A posição sexual que os casais mais usam é a de cachorrinho: o marido senta e implora ... a mulher rola e se finge de morta”.

No que se refere ao componente excitação são propostos questionamentos para que o homem pense sobre como é sua parceira, valorize a sua percepção das coisas, por exemplo: “Você

já a conhece, não é verdade? O que o seu faro diz? Que ela vai se excitar? Ou não?” Portanto, não dá sugestões diretas e encerra com: “resumindo: siga seu faro”.

Nas revistas masculinas Playboy e Vip analisadas, constatamos que o conteúdo referente ao relacionamento amoroso enfoca relacionamentos sem compromisso voltados para o prazer e a diversão, sendo reforçados estereótipos negativos sobre o casamento e as mulheres. Barbosa (2007) constata que as revistas masculinas não estão a serviço da afetividade, mas sim da reafirmação da identidade masculina como homem poderoso, que conduz as situações de seu dia-a-dia de acordo com seus interesses pessoais momentâneos. Ser aquele que tudo pode e faz seria um comportamento esperado no universo masculino. Assim, um pouco de arrogância é visto como uma qualidade nos homens, principalmente se isso privilegia o poder e o *status* em detrimento da solidariedade, mais associada ao universo feminino.

Quanto à categoria *sexualidade*, na revista Claudia os conteúdos são predominantemente sutis. No entanto, são apresentadas ideias, sugestões sobre como lidar com o sexo casual. Entre os temas abordados destacam-se: o sexo sem vergonha como bom para a saúde, melhorar a vida por meio da prática sexual é bom, gostoso e não engorda, fazer amor consigo mesma através da busca do prazer pela masturbação, são apresentadas sugestões para buscar maior satisfação sexual, incluindo “receita” de sexóloga e um “guia picante”, bem como depoimentos sobre o melhor sexo da minha vida.

Já a revista Nova apresenta ênfase em muitos conteúdos explícitos sobre *sexualidade*, enfocando desde explicações científicas sobre cérebro e tesão, passando por novidades que cientistas estão pesquisando como orgasmo em pílula, com destaque para várias sugestões para obter e proporcionar muito prazer em relacionamento sexual, com ou sem vínculo afetivo, incluindo acessórios eróticos. Estes conteúdos mostram a mulher como fatal, ousada, opondo-se ao modelo biológico-fundamentalista que associa sexo com reprodução, apresentando a revista como um manual de amor e sexo e a mulher como responsável por dar prazer ao homem (Miranda, 2006).

Além disso, apresenta depoimentos de quem seguiu as receitas. As reportagens relatam novos comportamentos sexuais, como por exemplo, o *vaginas-in-law* – garotas que dividem o parceiro de cama com a mesma naturalidade com que emprestam um batom e que se tratam como “sócias”. Na seção “Para Ele Ler” são expressos os desejos e sugestões para os homens, porém em

vários momentos é como se a revista fosse voltada para os homens também, pois é como se dialogasse com eles.

Constata-se que a revista *Claudia* é mais conservadora, trata de sexo de forma mais sutil, como um dos temas da revista, geralmente associado a vínculo amoroso e estável. Este dado está presente nas investigações de Babo e Jablonski (2002) de que as revistas femininas buscam construir relação unindo sexo e amor. Em contrapartida, na revista *Nova*, os conteúdos relacionados à sexualidade ocupam uma posição central, são expostos abertamente, enfatizam o prazer, sem preocupação com envolvimento afetivo, compromisso, estabilidade.

Na *Playboy*, na categoria *sexualidade*, a ênfase está em fotos de mulheres nuas ou seminuas em posições sensuais, há pouco texto sobre sexualidade, aparecem sugestões de livros com fotos de mulheres. Aborda o tema pornografia e entrevista com ator pornô. Também são apresentadas perguntas feitas por leitores, principalmente relacionadas ao tamanho do pênis, sexo oral, anal e as respectivas respostas que trazem uma conotação de brincadeira, deboche, comprovando o que foi verificado por Babo e Jablonski (2002) de que as dúvidas são tratadas de forma irônica.

A categoria sexualidade é abrangente na *Vip*, sendo que se identificam muitas frases com certo grau de machismo e preconceito em relação a sexo, como exemplo: “sexo é uma das coisas mais bonitas, naturais e saudáveis que o dinheiro pode comprar”. As reportagens divulgam novidades como o uso de *piercings* em zonas erógenas e de como tirar vantagens da localização deles; também sugerem muitas dicas de como fazer, enfatizam a importância da espontaneidade e mostram a análise de especialistas sobre comportamentos sexual e dicas deles para aumentar o prazer.

Observa-se, também, que a revista oferece um amplo espaço para as mulheres manifestarem suas opiniões, seus desejos, suas expectativas em relação ao desempenho deles. Também há um espaço em que a revista publica o que está escrito nas revistas femininas e nos *blogs* femininos sobre sexo e sobre homens, dando a impressão de que se propõe a aproximar o universo feminino do universo masculino. Também são apresentados relatos de pesquisa sobre o que elas pensam sobre sexo e o que esperam deles não só na cama, mas também fora dela. Além disso, são relatadas festas, orgias baseadas em filmes e realizadas em casas especiais para grupos selecionados, em grandes centros do país, com endereço eletrônico para participar das próximas festas e a divulgação de livros de “mulheres que escrevem sem pudor”.

Nas revistas Playboy e Vip analisadas percebe-se que a proposta da Playboy é a exposição de imagens de mulheres nuas e semi-nuas, havendo pouco conteúdo escrito sobre sexualidade. Em oposição, a Vip se caracteriza por extensa exposição de conteúdos relacionados à sexualidade, incluindo opinião e análise de especialistas, dicas, sugestões e o que circula nas revistas e *blogs* femininos sobre esse tema.

Os dados levantados nestes números destas revistas corroboram a afirmação de Babo e Jablonski (2002) de que nas revistas femininas o sexo é um artifício para afirmar um relacionamento e nas masculinas é dissociado de uma relação duradoura.

### **Considerações Finais**

A rápida incursão que fizemos no mundo das revistas impressas, no caso nas Revistas Claudia, Nova, Playboy e VIP, trouxe-nos alguns elementos interessantes para reflexão sobre as relações entre homens e mulheres, principalmente no que diz respeito às relações amorosas. Embora não tenha sido um estudo exaustivo, foi possível observar que essas revistas podem contribuir para colocar ambos os sexos em lugares separados, com objetivos distintos e com pouca chance de promover o encontro e a satisfação mútua.

Começando com as revistas ditas femininas, aparece um perfil um pouco contraditório quando se compara a Revista Claudia com a Revista Nova. No entanto, quando aprofundamos um pouco mais a análise, essas discrepâncias perdem grande parte de sua força. Na primeira, fica claro que as mulheres são pessoas dedicadas à família, mas que buscam relacionamentos amorosos que podem ser plenos de sexo e prazer. Estão em busca de homens dedicados e estão dispostas a consegui-los mantendo uma boa aparência e sendo sedutoras e cumprindo com seu papel de boas mães e vigilantes ativas de seu lar e refúgio (ainda que sejam profissionais competentes lá fora). Na segunda revista, as mulheres são muito mais independentes, sensuais e atuantes no mundo. Querem sexo e diversão, mas... E aí vem o que as iguala às mulheres da Revista Cláudia: lá no fundo de suas almas querem mesmo é manter uma relação estável e duradoura, com um homem dedicado, com quem possam realizar um velho sonho que nunca foi completamente abafado: serem mães e possuírem uma família.

As revistas masculinas analisadas mostram um outro quadro no que diz respeito aos homens. Eles devem evitar, de qualquer maneira, a armadilha de brincar de casinha, permanentemente, com as mulheres. Ir para a cama está bem, sentir prazer é ótimo. Mas, até ai

chegamos. Ter apenas uma mulher parece depor contra sua masculinidade. Lugar e papel de homem é enfrentar o mundo com todos os seus desafios e não se esconder dentro de casa, rendendo-se à mesmice e se submetendo ao domínio de uma única mulher.

Comparando-se os dois perfis subentendidos nessas revistas e supondo que elas possam ter algum tipo de interferência na vida das pessoas, não é de admirar que existam tantos e tantos desencontros entre ambos os sexos. Parte quer algo do que a outra parte é incentivada a se afastar. Obviamente as revistas não são tão poderosas assim na sua influência sobre o comportamento humano, mas aportam o seu grãozinho de areia às contribuições de instituições e ideologias que circulam e apresentam modelos de convivência e expressam retroalimentação.

Os relacionamentos amorosos navegam em meio a águas conturbadas, onde estão lado a lado possibilidades que se enfrentam, se aproximam e se afastam. Quando a ordem do dia é ter plena satisfação, fica difícil enfrentar os momentos de monotonia, de pressão, de frustração. Houve épocas em que, apesar disso tudo, as mulheres não tinham outra opção que a de resignar-se e continuar envidando esforços para que a família não se esfacelasse. Já os homens, se provesses as necessidades financeiras da mulher, filhos e filhas, era permitido que procurassem outras satisfações fora de casa. Pois bem, os tempos mudaram. Hoje já não é necessário manter as aparências a todo o custo. As mulheres podem ir embora. Os homens podem ir embora. Mas a busca continua.

Novos relacionamentos, novas tentativas. Muitas vezes a experiência anterior contribui para que os caminhos sejam aplainados. Muitas vezes isso não acontece, pois permanecem sonhos impossíveis de alcançar. O outro não é visto como realmente pode ser, mas é vestido de fantasias que a realidade do dia a dia acaba por desnudar. Os estereótipos de todos os tipos são difíceis de serem modificados, posto que servem para manter a cultura e a sociedade sem muitas transformações. As revistas masculinas e femininas estão aí para comprovação.

### Referências

- Babo, T., & Jablonski, B. (2002). Folheando o amor contemporâneo nas revistas femininas e masculinas. *Alceu*, 2(4), 36-53.
- Barbosa, A. M. A. (2007). Dialetos de gênero sociedade e mídia. *CIFEFIL – Círculo Fluminense de Estudos*, XI, 39-47.
- Barthes, R. (2003). *Fragments de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Bosi, M. L. M., Luiz, R. R., Morgado, M. C., Costa, M. L. S., & Carvalho, R. J. (2006). Autopercepção da imagem corporal entre estudantes de nutrição: um estudo no município do Rio de Janeiro. *Jornal de Psiquiatria*, 55(2), 108-113.
- Brito, P. D. (2008). *Mídia e a produção discursiva de novas identidades femininas na pós-modernidade*. Dissertação de Mestrado. Letras. Universidade Estadual de Maringá.
- Casali, C (2007). Gêneros, subgêneros e formatos da mídia impressa revista no Brasil. XI Colóquio Internacional sobre a Escola Latina de Comunicação.
- Cruz, P. M., & Pereira, W. (2008, Setembro). *Sou mais eu: um estudo sobre os processos de subjetivação feminina no jornalismo impresso*. Trabalho apresentado no XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Natal, Rio Grande do Norte.
- Ghilhardi-Lucena, M. I. (2005, Outubro). *Representações do gênero masculino na mídia impressa brasileira*. Livro de Actas do 4º Congresso Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, 1018-1025.
- Guedes, D., & Assunção, L. (2006). Relações amorosas na contemporaneidade e indícios do colapso do amor romântico. *Revista Mal-Estar Subjetivo*, 6(2), 396-425.
- Hall, S. (1999). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DPFA Editora.
- Hennigen, I., & Guareschi, N. M. F. (2008). Os lugares de pais e mães na mídia contemporânea: questões de gênero. *Revista Interamericana de Psicologia*, 42(1), 81-90.
- Lira, L. C. E. (2009). *Como se constrói uma mulher: uma análise do discurso nas revistas brasileiras para adolescentes*. Dissertação de Mestrado. Letras. Universidade de Brasília. Acessado em 04 de outubro, 2009, em <http://biblioteca.universia.net/ficha.do?id=43166178>
- Machado, L. Z. (2001). Famílias e individualismo: tendências contemporâneas no Brasil. *Comunicação, Saúde e Educação*, 4(8), 11-26.

- Maksud, I. (2008). Sexualidade e mídia: discursos jornalísticos sobre o “sexual” e vida privada. *Psicologia em Estudo*, 13(4), 663-671.
- Matos, A. A. (2002). Feminilidades e gênero: re-lendo Cláudia e Nova. *Revista de Ciências Humanas, Taubaté*, 1.  
<http://WWW.unitau.br/prppg/publica/humanas/download/feminilidades-Ni-2002.pdf>.
- Miguel, R. B. P., & Toneli, M. J. F. (2007). Adolescência, sexualidade e mídia: uma breve revisão da literatura nacional e internacional. *Psicologia em Estudo*, 12(2), 285-293.
- Miranda, C. E. S. (2006). Mídia e identidade: a construção do discurso amoroso em revistas femininas. *Letras & Letras*, 22(2), 65-84.
- Morais, A. F., Procópio, M. R., & Silva, R. K. (2006). *Revista Cláudia e o conceito de independência feminina*. Acessado em 04 de outubro, 2009, em <http://intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1015-1.pdf>
- Ogassawara, J. S. (2007, agosto). *O homem em Tpm: a representação do corpo masculino na mídia impressa*. Trabalho apresentado no III Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos, São Paulo.
- Pinsky, I., & Pavarino Filho, R. V. (2007). A apologia do consumo de bebidas alcoólicas e da velocidade no trânsito no Brasil: considerações sobre a propaganda de dois problemas de saúde pública. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 29(1), 110-118.
- Publi Abril (s.d) *Publicidade das Marcas Abril*. Acesso em 20 de agosto de 2009, em <http://publicidade.abril.com.br/homes.php?MARCA>.
- Revista Cláudia (2009, Abril), 48(4), Editora Abril.
- Revista Cláudia (2009, Maio), 48(5), Editora Abril.
- Revista Cláudia (2009, Junho), 48(6), Editora Abril.
- Revista Cláudia (2009, Julho), 48(7), Editora Abril.
- Revista Cláudia (2009, Agosto), 48(8), Editora Abril.
- Revista Nova (2009, Abril), *Edição 427*, 37(4), Editora Abril.
- Revista Nova (2009, Maio), *Edição 428*, 37(5), Editora Abril.
- Revista Nova (2009, Junho), *Edição 429*, 37(6), Editora Abril.
- Revista Nova (2009, Julho), *Edição 430*, 37(7), Editora Abril.
- Revista Nova (2009, Agosto), *Edição 431*, 37(8), Editora Abril.
- Revista Playboy (2009, Abril), 407, Editora Abril.

- Revista Playboy (2009, Maio), 408, Editora Abril.
- Revista Playboy (2009, Junho), 409, Editora Abril.
- Revista Playboy (2009, Julho), 410, Editora Abril.
- Revista Playboy (2009, Agosto), 411, Editora Abril.
- Revista Vip (2009, Abril), *Edição 289*, 28(4), Editora Abril.
- Revista Vip (2009, Maio), *Edição 290*, 28(5), Editora Abril.
- Revista Vip (2009, Junho), *Edição 291*, 28(6), Editora Abril.
- Revista Vip (2009, Julho), *Edição 292*, 28(7), Editora Abril.
- Revista Vip (2009, Agosto), *Edição 293*, 28(8), Editora Abril.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2004). Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil. *Temas em Psicologia da SBP*, 12(1), 2-17.
- Rodrigues, L. V. (2005, Setembro). *A representação da mulher na imprensa feminina*. Trabalho apresentado no XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro.
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Saikali, C. J., Soubhia, C. S., Scalfaro, B. M., & Cordás, T. A. (2004). Imagem corporal nos transtornos alimentares. *Revista Psiquiatria Clínica*, 31(4), 164-166.
- Schuster, A. J., & Casalf, C. (2009). Entre o ler e o fazer: a relação dos mitos sociais de feminino e masculino nas revistas com o modo de vida de seus leitores. *Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação*, 3(1), 1-11.
- Silva, A. A. O. R., Bagalcini, B., & Paulino, R. A. F. (2008, Setembro). “*Vende-se comportamento para meninas e meninos*” *Uma análise do discurso na Revista Capricho*. Trabalho apresentado no XXXI Congresso Brasileiro de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Natal, Rio Grande do Norte.
- Silva Neto, J.A., Mosmann, C. P., & Lomando, E. (2009). *Relações amorosas & internet*. São Leopoldo: Sinodal.
- Souza, M. W. (1995). Recepção e comunicação: a busca do sujeito. In M.W. Souza (org), *Sujeito, o lado oculto do receptor*, (pp. 13-38). São Paulo: Brasiliense.
- Souza, A. C. (2008). *Traços da representação feminina na mídia: um estudo de caso das capas da revista Marie Claire*. Monografia de Conclusão do Curso de Comunicação Social. Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais.

- Strey, M. N. (2008). Encenando gênero: a mediação da cultura no dia-a-dia das mulheres. In M. N. Strey, M. E. V. M. Wilke, R.A. Rogrigues, e V.G. Balestrin (Orgs), *Encenando gênero: cultura, arte e comunicação*, (pp.07-21). Porto Alegre: Edipucrs.
- Swain, T. N. (2001). Feminismo e representações sociais: a invenção das mulheres nas revistas “femininas”. *História: Questões e Debates*, 34, 11-44.
- Thompson, J. B. (1998). *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes.
- Winck, G. E. (2008). Saindo da mídia para entrar na mídia: masculinidade e relações de gênero nos discursos midiáticos. In M. N. Strey, M. E. V. M. Wilke, R.A. Rogrigues, e V.G. Balestrin (Orgs), *Encenando gênero: cultura, arte e comunicação*, (289-305). Porto Alegre: Edipucrs.
- Zagury, T. (2003). O adolescente e a felicidade. *Ciência e Saúde Coletiva*, 8(3), 681-689.
- Zeglio, C., & Rodrigues Jr., O. M. (2007). *Amor e sexualidade: como sexo e casamento se encontram*. São Paulo: Iglu.
- Zordan, E.P. (2003). *O casamento na contemporaneidade: motivos, expectativas, atitudes e mitos*. Dissertação de Mestrado. Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Zordan, E. P., Falcke, D., & Wagner A. (2005). Copiar ou (re)criar? Perspectivas histórico-contextuais do casamento. In A. Wagner (org.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares*, (47-65). Porto Alegre: EDIPUCRS.

## **COISAS DE MULHERES E COISAS DE HOMENS: PADRÕES DE COMPORTAMENTO E RELAÇÕES DE GÊNERO EM REVISTAS FEMININAS E MASCULINAS**

### **Resumo**

Este estudo teve como objetivo verificar como as revistas femininas e masculinas abordam os temas padrões de comportamento e relações de gênero. O corpus desta pesquisa foi formado pelas revistas femininas *Claudia* e *Nova* e masculinas *Playboy* e *Vip*, edições de abril a agosto de 2009 e os dados foram submetidos à análise de conteúdo. Contatou-se que, nas revistas masculinas, as mulheres são retratadas como objetos que devem ser disputados pelos homens. Quanto às relações de gênero, há um contraste acentuado, pois, nas revistas femininas, emergem resquícios tradicionais sobre o que as mulheres querem, além de apresentarem as mulheres como cidadãs de categoria inferior. Já as revistas masculinas são persistentes em seu colorido machista, oferecendo poucas reflexões sobre as implicações das relações desiguais para os próprios homens.

*Palavras-chave:* relações de gênero, padrões de comportamento, revistas femininas, revistas masculinas.

## **WOMEN'S BUSINESS AND MEN'S BUSINESS: COMPORTAMENTS PATTERNS AND GENDER RELATIONS IN FEMININE AND MASCULINE MAGAZINES**

### **Abstract**

The purpose of this study was to verify how men's and women's magazines address themes of behavior patterns and gender relations. The corpus of this study consisted of women's magazines *Claudia* and *Nova*, and men's magazines *Playboy* and *Vip*. Data compiled from editions of April to August of 2009 were submitted to a content analysis. In men's magazines, women were portrayed as objects that should be disputed by men. Regarding gender relations, there was a sharp contrast, for in women's magazines traditional vestiges emerged concerning what women want, as well as presenting women as citizens of an inferior class. Men's magazines were persistent in their chauvinist tone, offering little reflection concerning the implications for men of non-equal gender relations.

*Keywords:* behavior patterns; gender relations; men's magazines; women's magazines

## Introdução

Pensar as relações conjugais é pensar em como as mesmas se situam em um determinado tempo e lugar. Uma rápida revisão sobre o assunto mostra como as relações humanas, entre elas as conjugais, não se dão de maneira separada, universal ou ahistórica. O contexto e as idéias circulantes muitas vezes normatizam como devem as pessoas pensar, sentir, comportar-se. Obviamente as necessidades e desejos humanos não são fruto apenas de seu contexto, mas o mesmo é crucial se quisermos entender esse fenômeno (Bronfenbrenner, 1977, 1996).

Cada época na história da humanidade aporta tecnologias, imposições, desafios que estão mesclados de maneira inseparável da forma como nos relacionamos, nos comportamos, amamos ou odiamos. Uma boa maneira de buscarmos exemplos disso é darmos uma olhada na literatura já produzida desde que os seres humanos aprenderam a se comunicar por escrito. Os textos filosóficos da idade antiga, principalmente entre os gregos; os romances de cavalaria na Europa medieval, os manuais satíricos do Renascimento; os romances da era vitoriana. Ao chegarmos ao século XX, seria quase impossível mencionarmos aqui a variedade e complexidade dos materiais aos quais podemos ter acesso para pensar a vida e nossas relações com as pessoas, os animais, a natureza e o sobrenatural ou espiritual. Esses materiais, na contemporaneidade, não são apenas escritos, mas se apresentam por ondas sonoras, digitais, eletrônicas, entre outras.

Aqui, estamos interessadas em examinar um material que encontramos em qualquer quiosque de esquina: as revistas impressas. Em geral elas não são demasiado caras, são atraentes, coloridas e chamam atenção tanto por suas imagens quanto pelas idéias estampadas nas capas. Nem sempre é necessário comprá-las, pois certamente encontraremos muitas nas salas de espera dos consultórios e nas casas que visitamos. Assim, elas estão em todos os lugares. Isso favorece que suas mensagens sejam divulgadas mais facilmente. Além disso, “a mídia oferece símbolos, mitos e recursos usados para construir uma cultura comum, que situa os indivíduos na sociedade” (Miranda-Ribeiro & Moore, 2002, p.06). Em função de um histórico afastamento da vida pública, isolamento no lar, pouco tempo sobrando devido ao investimento em um trabalho que compete com a família, as revistas costumam ser um material muito presente na vida das mulheres em geral. Mas não qualquer revista, e sim as revistas “femininas”.

Segundo Miranda-Ribeiro e Moore (2002, p.06), “as revistas femininas são textos sociais que participam da construção da percepção acerca do que é ser mulher, sugerindo formas de pensar sobre elas mesmas e tipos de estilos de vida, sugestões estas que são processadas ativamente pelas

leitoras, de acordo com suas experiências pessoais”. Provavelmente esta é a razão que levou a tantos estudos científicos sobre essas revistas. Vandresen (2007) cita que Ferguson (1983), Winship (1987), Ballaster e Beetham (1991), McCracken (1993) e Beetham (1996) usaram esse tipo de material para seus estudos sobre temas sociológicos, de Semiótica, Ideologia, Linguagem e Gênero. Ela também cita que, no Brasil, os trabalhos de Fischer (1993) e Severo (1995) destacam-se entre outros.

Esse interesse em pesquisar o assunto está também centrado no fato de que “os indivíduos são tão mais influenciados pela mídia quanto mais direta for a informação trazida pelo meio, e quanto menos informação os indivíduos tiverem acerca do assunto” (Miranda-Ribeiro & Moore, 2002, p. 07). Esta é uma questão interessante tendo em vista que, de acordo com a Teoria do Agendamento, existe uma “correlação direta e casual entre a agenda de mídia - aqui estamos pensando nas revistas femininas, mas podemos incluir as masculinas também - e a agenda do público na medida em que, numa sociedade de massa, a percepção pública dos temas relevantes é construída tendo por base as informações veiculadas na mídia (Azevedo, 2006). Essa é também a idéia sustentada por Thompson (1998) quando afirma que vivemos em um mundo cada vez mais “midiado” na medida em que os meios de comunicação de massa estão presentes em todas as instâncias da vida humana.

Encontrando um vínculo entre o estudo das relações conjugais e a influência das revistas impressas nessas relações, iniciamos uma pesquisa sobre o que aparece nas revistas sobre algumas categorias de análise das questões que nos interessam, entre as quais podemos citar os padrões de comportamento, as relações de gênero, a sexualidade e o relacionamento amoroso. No presente texto apresentaremos e discutiremos como as revistas femininas e as revistas masculinas, também, tratam de duas das categorias citadas: os padrões de comportamento e as relações de gênero.

### **Método**

O corpus deste estudo foi constituído por material coletado nas revistas femininas Claudia e Nova e masculinas Playboy e Vip, edições de abril a agosto de 2009. Foram escolhidas essas revistas por serem revistas tradicionais no mercado e de grande circulação. Claudia é uma revista brasileira, criada em 1961 e Nova pertence à rede internacional Cosmopolitam e foi lançada no Brasil em 1973. Já a Playboy é uma revista norte-americana que circula no Brasil desde 1975, enquanto que a Vip é uma revista brasileira, publicada desde 1981 (Silva, 2005). Foram escolhidos

esses números mais recentes porque o objetivo é investigar o que está acontecendo neste momento e também pela facilidade de acesso.

A partir das informações disponibilizadas na internet pela página de publicidade da editora das revistas, identificamos que, com exceção da revista Claudia, que atinge uma faixa de idade maior (20 a 49 anos), nas demais predomina a faixa de 20 a 39 anos. Com relação ao nível social, constata-se o predomínio da classe B, com exceção da Playboy que apresenta maior porcentagem de leitores da classe C. Outro dado que chama a atenção é que as duas revistas femininas possuem uma circulação líquida maior do que as revistas masculinas. A revista Claudia apresenta a maior circulação líquida sendo superior ao dobro da Playboy e seis vezes a da Vip (PubliAbril, s.d).

### ***Procedimentos***

Para a elaboração deste levantamento documental realizamos inicialmente a leitura dos sumários dos quatro tipos de revistas selecionadas para conhecer as seções que as constituem. A partir desta visão geral, optamos por restringir a coleta de informações às seguintes partes: *capa, publicidade, cartas de leitore(a)s e entrevistas/reportagens, sugestões de livros* porque estas estavam presentes em todas estas revistas escolhidas. Estabelecemos, a priori, que levantaríamos os conteúdos relacionados às categorias padrões de comportamento e relações de gênero por serem constituintes do tema que estamos investigando: relações amorosas.

A seguir destacamos todas as capas, as publicidades, as cartas de leitore(a)s e entrevistas/reportagens, sugestão de livros, após lemos e identificamos os conteúdos relativos às duas categorias já citadas. Na primeira etapa do estudo, fizemos um levantamento quantitativo, isto é, relacionamos quantas vezes cada categoria apareceu em cada parte. Esses dados foram registrados num quadro, identificados por uma legenda, tanto o quadro quanto a legenda foram criados para este fim (Anexo 4).

A segunda etapa caracterizou-se como um estudo qualitativo compreendendo a digitação dos conteúdos principais de cada parte de cada revista por categoria e por mês, conforme íamos tendo acesso às revistas, pois foi uma coleta prospectiva. A seguir organizamos os dados por revista (Claudia, Nova, Playboy e Vip) e por categoria, considerando o que foi publicado nos cinco meses que fizeram parte deste estudo.

Na sequência apresentaremos, analisaremos e discutiremos os dados coletados nesta segunda etapa, isto é, no estudo qualitativo, através da análise do conteúdo por revista (Claudia, Nova, Playboy e Vip) e por categoria: padrões de comportamento e relações de gênero.

### **Análise e Discussão dos Resultados**

Constatamos que todos os quatro tipos de revistas estabelecem interação com o(a)s leitor(a)s através da seção de cartas e também de enquetes e matérias pela internet para que o público leitor se manifeste.

Outro aspecto comum a três destas revistas Claudia, Nova e Vip é a veiculação de informações fornecidas por especialistas da área de comportamento e de relacionamento, tais como psicólogos, sociólogos, sexólogos e psiquiatras. Neste sentido, verificamos um apelo à autoridade, isto é, a invocação de uma pessoa ou instituição que legitima o que está sendo afirmado (Miranda, 2006).

A consulta às revistas que circulam em nosso meio, mas, principalmente, as que fazem parte do presente estudo, revela que são apresentados inúmeros textos que têm por objetivo aconselhar as mulheres sobre como devem ser, como comportar-se nos diferentes aspectos de suas vidas. Para tal, lançam mão de consultores de diferentes áreas, tidos como autoridades, que sabem o que dizem (Rosa, 2007). Aqui, podemos lembrar Barbosa (2007, p. 05), que refere que os “estudos sobre revistas femininas apontam para o uso excessivo de diretivas, conjunto de instruções ou indicações para se tratar e levar a termo um plano, uma ação”. Segundo a autora, essas diretivas “prescrevem não apenas a conduta feminina, mas, ainda, os pensamentos, conceitos e valores da mulher”. Isso pressupõe que existe alguém que sabe mais e alguém que, por saber menos, necessita de conselhos e indicações sobre como agir, ou, quem sabe, até mesmo sobre o que pensar e como pensar.

É possível perceber que, apesar da imensa variedade de novos e possíveis papéis que as mulheres podem aspirar após as batalhas travadas para ampliar seus espaços de ação, os velhos e tradicionais papéis são os mais enfatizados, com destaque à maternidade e à sensibilidade afetiva feminina. A revista acena com distintas possibilidades, mas aponta o que deveria ser essencial. É necessário lembrar que “existe pedagogia em qualquer lugar em que o conhecimento é produzido, em qualquer lugar em que existe a possibilidade de traduzir a experiência e construir verdades, mesmo que essas verdades pareçam irremediavelmente redundantes, superficiais e próximas ao lugar-comum” (Giroux & MacLaren, citado em Goellner & Figueira, 2002, p.03). Nesse sentido, as

revistas ensinam e costumam ser referência para muitas mulheres, tanto é que “os títulos ‘como conquistar o homem ideal’, ‘como criar filhos’, ‘dicas de vestuário’ e muitas outras ‘dicas’ fazem parte de todas as edições das revistas ‘femininas’ (Rodrigues, 2005, p.02).

Assim, na categoria padrões de comportamento, nos números analisados da revista *Claudia*, há grande destaque para o tema do desafio da mulher poder conciliar maternidade, beleza, vaidade, cuidado consigo, universo interior, amor, trabalho, casa, sucesso, não necessariamente nesta ordem. Contata-se um grau de exigência e expectativa de que as mulheres consigam desempenhar todos estes papéis de forma equilibrada. Também é enfatizado que “o papel da mulher é cuidar das relações sociais, das tarefas domésticas, da educação dos filhos”, inclusive há uma publicidade cujo título é “Educação é dever de mãe” e a cada mês apresenta diferentes mandamentos da “mãe nota 10”.

A valorização da maternidade pode ser exemplificada pela frase: “A maternidade é o maior presente que uma mulher pode receber” e também pela reportagem em que “a ciência começa a comprovar que a maternidade torna as mulheres mais espertas, mais eficientes, menos estressadas e profundamente habilidosas para interpretar os sentimentos alheios”. A importância da maternidade também pode ser verificada no depoimento da mulher que viveu muitas experiências diferentes e “agora sonho encontrar um amor e ter filhos”.

Esse interesse central na maternidade pode ser, entre outros, derivado da reconfiguração que a Revista *Claudia* sofreu a partir de março de 2003, quando passou a reativar “os códigos morais que a sustentam reafirmando sua identidade, cujo eixo é a família” (Silva, 2005, p.553). A história da revista revela sempre interesse pelas questões da família, mas desde a década de 60 do século XX, apresentou inúmeros e diversificados discursos, onde outras questões eram postas, revelando a coexistência de modelos e valores tradicionais e inovadores, às vezes, inclusive, de uma maneira em que se assemelhavam aos discursos da Revista *Nova*.

No que se refere aos cuidados com a aparência, observa-se uma ambivalência que ora mostra a luta contra o envelhecimento em tempo de rejuvenescer e, em outro momento, mostra a mulher de hoje como segura de si, sem medo da passagem do tempo.

Na perspectiva da conciliação entre o papel profissional e o papel tradicional, a valorização da mulher no espaço público é destacada pelo prêmio *Claudia*. Este prêmio é oferecido anualmente para as mulheres que se sobressaem nas categorias ciências, cultura, negócios, políticas públicas e trabalhos sociais. A vencedora em cada categoria é escolhida por três júris: o de notáveis, o da

redação e o das leitoras. Chama a atenção que a revista refere-se a leitoras, assumindo-se como uma revista dirigida somente para mulheres. O próprio site da Editora da revista revela que, no público leitor, apenas 12% é do sexo masculino (PubliAbril, s.d).

Por outro lado, observa-se que, quando a revista se refere aos homens é valorizando aquele que é companheiro, pai amoroso, marido apaixonado e expressa o desejo de que a família permaneça saudável e feliz. Como veremos adiante, essa imagem masculina diverge da apresentada pelas Revistas Playboy e Vip.

Apesar do amplo predomínio no conteúdo da revista deste padrão de comportamento feminino e masculino mais conservador, emerge o padrão mais contemporâneo através de temas como: “a libido está ganhando da segurança e fidelidade”, relatando que as mulheres comprometidas estão traindo; também questiona o que o homem sente quando ela “topa” ir para cama no primeiro encontro e a paternidade fora do casamento. Quanto aos livros sugeridos, enfocam autoconhecimento e relações amorosas, como sendo os conteúdos que mais interessam às mulheres.

Na revista Nova, no que se refere aos padrões de comportamento, identifica-se a coexistência de um padrão mais conservador e, ao mesmo tempo, posicionamentos divergentes de mulheres e homens em relação aos padrões de comportamentos mais contemporâneos.

O padrão mais conservador pode ser exemplificado por frases relacionadas à maternidade: “Toda mãe cuida e protege”, “Gerar e proteger uma vida, transbordar de alegria”, “Sonho de ser mãe”, cuidados com o corpo durante a gravidez. Este padrão conservador também está presente na descrição da mulher ideal como: “companheira, carinhosa, simpática, vaidosa, leal” e do marido ideal como: de boa família, formado, com boa situação financeira. Ainda como exemplo de padrão mais tradicional, há uma matéria sobre as oito descombinações de amor, as quais se baseiam na diferença de idade, de renda, de sociabilidade e de organização.

Já os posicionamentos divergentes em relação aos padrões de comportamentos mais contemporâneos podem ser verificados nos momentos em que as mulheres expressam alegria, prazer com maior liberdade e os homens afirmam que “algumas mulheres confundem liberdade com libertinagem”. Outro exemplo, quando as mulheres dizem “está cada vez mais difícil encontrar um homem que não encare com preconceito quem curte a noite” ou “não estão acostumados com independência feminina preferem ganhar mais e dar as cartas”.

A não aceitação da maior liberdade econômica, social, afetiva, sexual da mulher pode ser constatada pela dificuldade em decidir o que revelar e o que omitir em relação ao número de parceiros que já teve, bem como na sugestão de “valorizar-se para os homens passarem a desejar de novo se comprometer”. Outro padrão contemporâneo está presente na reportagem que aborda os falsos namorados com câmera escondida para mostrarem que são “bons de cama”.

A coexistência de um padrão de comportamento mais conservador e de um mais contemporâneo pode ser percebida, também, nas sugestões de livros e filmes, onde aparecem, simultaneamente, indicações de obras sobre grandes amores, paixão, segredos de moda, estilo e bem viver e de livro com 400 fotos de membros masculinos.

Fazendo uma comparação entre as revistas femininas e as masculinas, Barbosa (2007) mostra que os discursos veiculados nas primeiras é o de quem se importa mais com suas leitoras. Já nas revistas masculinas, seria o de reafirmar a identidade do homem como poderoso. “Neste contexto de seriedade e confronto, o humor recheado de conotações sexuais quebra o gelo e aproxima os participantes. O erotismo é o grande apelo à audiência masculina na projeção de uma outra faceta deste modelo masculino: o homem sacana. Neste cenário, as mulheres são as fontes privilegiadas para se obter este prazer/entretenimento. O desejo de possuí-la (poder) relaciona sexo e poder” (Barbosa, 2007, p.13).

Essa questão pode ser vista no levantamento que realizamos. Na Playboy, nos diversos segmentos analisados neste estudo: *capa, publicidade, cartas de leitore(a)s e entrevistas/reportagens* percebe-se uma mensagem de aceitação/estímulo para que o homem tenha relacionamento com mais de uma mulher simultaneamente, isto é, sem exclusividade. Este aspecto fica explicitado na publicidade que mostra um modelo de carro para buscar a mulher e outro para buscar a amante, na reportagem sobre a garota de programa com quem o jogador de futebol X, que é casado, passou a noite, no mesmo mês em que este jogador está na capa de outra revista com a esposa, bem como na reportagem sobre o poeta que manteve por 30 anos uma amante 25 anos mais nova e isso em nada afetou o casamento com a esposa de toda a vida. Este valor ainda está presente no destaque para os maiores *playboys* de todos os tempos.

De uma forma geral, nas entrevistas, interessam os homens que passam a ideia de machões, “pegadores” e são estimulados a contar sobre suas conquistas, reforçando este padrão de comportamento masculino. Em uma delas, um cantor conta que, em 1980, era 20% machista. Acha que agora é dez por cento machista, pois se disser “não sou machista, viro viado”.

Já quando uma mulher tem a possibilidade de expressar suas opiniões nesta revista, manifesta que mulher que paga suas contas, escolhe o que diz, o que faz com o corpo dela, com quem ela dorme, que mulher que se comporta assim é chamada “Vadia”. Desta forma, a verbalização desta mulher explicita o duplo padrão de comportamento esperado de mulheres e homens.

Outra idéia que expressa como as mulheres são consideradas por esta revista pode ser retirado do comentário sobre uma atriz jovem bonita “que tem outra característica que a torna uma das atrizes mais populares e interessantes: gosta de pensar”. Um tema constante nos exemplares analisados é a opinião das diversas pessoas sobre posar nua. Um pai e um marido afirmam que é uma decisão pessoal da filha ou da mulher e uma atriz responde que não posaria nua novamente a menos que fosse uma coisa que realmente mudasse seu patrimônio. Na Playboy, os livros sugeridos vão ao encontro dos padrões de comportamento esperados para os homens, tratam de relação apimentada, guia dos prazeres, de divagações e fantasias sexuais e mostram mulheres peladas.

A revista Vip é voltada para o público masculino, porém, propicia a exposição de ideias de homens e mulheres. Observa-se que os padrões de comportamento explicitados tanto por eles quanto por elas são conservadores, estereotipados e preconceituosos.

Como exemplo de opiniões femininas conservadoras, podemos citar a descrição da mulher como romântica, que acredita em príncipe e de outra que diz “ser modelo não combina com ter uma família”. Esse padrão antigo também pode ser identificado na opinião de outra mulher ao se referir às casas noturnas “tem esposa que não sabe agradar o marido que acaba procurando fora o que não tem em casa”, acrescentando “se traz divertimento aos homens cumpre seu papel”.

Já para exemplificar o preconceito dos homens, a frase “beleza já é um privilégio, imagine com inteligência” e a opinião sobre a entrevista de uma mulher, “além de bela e sensual, respondeu todas as perguntas de forma inteligente e com o tom certo de humor”. Ainda a respeito do atributo inteligência “Pode-se ver um monte de sujeitos inteligentes com mulheres burras, mas você dificilmente verá uma mulher inteligente com um sujeito burro”.

Reforçando estas opiniões preconceituosas é dito que mulher alta é legal, não quer dizer que o preconceito contra tenha sumido, “parece que eles admiram, mas não se aproximam”. Ainda sobre mulheres grandes, que estão fora do padrão atual de beleza, “fotografam bem e têm jeito tão sexy”.

Além disso, a revista destaca que os interesses do homem são: sexo, balada, futebol, comida boa, carros. Nesse sentido, um anúncio publicitário usa a chamada: “brinquedo de homem para olhar o céu e espiar a vizinha”. Uma reportagem sobre literatura aborda uma seleção de escritores que escrevem sobre libertino, libertário, cenas chocantes, provocação, lascívia, beleza, comportamentos fora do padrão, mundo pornô, submundo, comportamentos marginais, bebedeira e transas, como sendo o que interessa aos homens. Na indicação de livros, encontramos expressões como: “filmes para macho”, e a respeito de um livro sobre pernas femininas com 400 fotos que “mesmo antigas seguem provocantes”.

Nesta perspectiva de estereotipia e preconceito, encontramos as seguintes frases referidas nos números da revista analisados: “casamento é igual piscina gelada depois que o primeiro tonto entra, fica falando para os outros: “pula que a água tá boa”; “Já que cada vez mais mulheres estão indo em busca de seus direitos, bem que na volta poderiam trazer uma cerveja”; “Mulher é loteria, pode acabar cedendo um dia”; “O casamento foi para ele uma espécie de passeio ao Corcovado ora todos são de acordo que do Corcovado, se goza de uma vista, magnífica, mas ninguém lembrou da ideia de lá fundar uma cidade. Ninguém fica lá, sobe-se, goza-se, desce-se”. “Num país inteiramente desmoralizado, quando o cidadão ouve dizer ‘Não cobiçarás a mulher do próximo’ acha que o estão autorizando a todas as outras”.

Como fica aparente nas matérias e conteúdos das duas revistas masculinas que apresentamos acima, as mulheres são retratadas como objetos que devem ser disputados pelos homens. Isso inclusive fica claro nas palavras de mulheres veiculadas na revista Vip principalmente. Esses são padrões de comportamento difíceis de serem ultrapassados depois de serem incutidos, transmitidos e reproduzidos nos espaços culturais, familiares, midiáticos. O machismo e sua aceitação por parte das mulheres não é algo que surge ao acaso, como que por geração espontânea. É necessário muito, muito tempo de treinamento extensivo e intensivo em transformar homens que poderiam ser diferentes naquilo que essas revistas insistem em mostrar. O mesmo passa com as mulheres que se submetem e aceitam o papel de objetos ou meros apêndices dos homens.

Esses padrões de comportamento dicotômicos são produzidos pelas relações de gênero que, por serem naturalizadas ficam invisíveis, difíceis de serem escrutinadas e desafiadas (Strey, 2002).

Os textos, reportagens e “conselhos” que aparecem nas revistas, colocam as mulheres em posições contraditórias (principalmente se forem adolescentes), “na medida em que elas precisam

encantar os homens e, ao mesmo tempo, assumirem a culpa se elas fracassam na manutenção desta construção patriarcal” (Miranda-Ribeiro & Moore, 2002, p.09). Por outro lado, em uma época de tantas e rápidas transformações sociais, não só no seio da família, mas nos indivíduos e na cultura como um todo, apresentar relações de gênero claramente ultrapassadas traria também o risco da perda de leitores e leitoras. Assim, “as representações veiculadas pela mídia ao mesmo tempo em que derivam das atitudes dos indivíduos e dos valores que cada segmento social considera, também reforçam tendências de comportamento ou propiciam a instauração de novos valores, dando uma espécie de aval para que determinadas modificações comportamentais se solidifiquem. Há, nesse caso, uma via de mão dupla em que tanto a mídia constrói as representações do mundo real, quanto este se transforma, em grande parte, pelas representações veiculadas nos meios de comunicação. Representações midiáticas tornam-se, então, realidade” (Ghilardi-Lucena, 2005, p.1020).

Como veremos abaixo, nosso levantamento revela exatamente essas contradições, mas que, em última instância, recupera, em grande parte, relações de gênero ainda marcadas por ideais patriarcais.

Dentro da categoria de análise que denominamos *relações de gênero*, então, na revista Claudia, as mulheres são descritas como diferentes dos homens, a começar pelo coração. É valorizado o papel da mulher como mãe e as dificuldades que a mulher ainda enfrenta para se destacar profissionalmente e que, quando isso ocorre, traz uma dose de conflito. Além disso, três reportagens destacam as dificuldades que as mulheres enfrentam no mundo, ficando claro um certo viés feminista da revista ao defender as causas das mulheres.

Uma destas reportagens enfoca o tráfico de mulheres para exploração sexual, expressando a opinião de um cafetão “que declarou que é melhor vender mulher a drogas e armas por que drogas e armas só se vendem uma vez – e a mulher pode ser revendida até morrer de aids, ficar louca ou se matar”. Nessa matéria, fica evidente que o tráfico só existe por que há uma grande demanda machista e que a mulher, continua a não ter cidadania de primeiro grau, como o homem.

A outra reportagem salienta que os países têm feito muito pouco – ou quase nada – para diminuir a diferença salarial entre homens e mulheres, acabar com a mortalidade materna e dar condições para as mulheres assumirem a parte que lhes cabe na gestão dos negócios e da política. No entanto, informa que nos países beneficiários pelo relatório UNIFEM (Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher), ganham força os orçamentos sensíveis ao gênero, os quais prevêm recursos econômicos para ampliar a autonomia feminina. Uma outra

reportagem aborda a violência doméstica, ressaltando que, “quando uma mulher sofre violência doméstica toda sociedade é desrespeitada”.

Assim, pela forma como são abordados os temas, fica claro que as relações de gênero são desiguais, ou seja, que a sociedade continua machista e as mulheres permanecem como cidadãs de segunda categoria. De uma forma geral, são os homens que continuam mandando no dinheiro e no trabalho e, assim pagando pelo trabalho delas o que eles acham que devam pagar. Do mesmo jeito seguem mandando no corpo das mulheres e no sexo, traficando, explorando e praticando a violência doméstica.

Ainda nessa perspectiva de relações de gênero desiguais, encontramos a afirmativa de que alguns homens se assustam com mulheres extremamente independentes, pois na “visão masculina mulher muito independente pode fazer o parceiro perder o referencial de masculinidade”, pois “o marido tem prazer em exercer o papel de forte, historicamente é dele”.

Outro assunto abordado é sexo com ou sem envolvimento afetivo. Segundo a revista, mulher precisa de um envolvimento maior do que o sexo masculino, mas os homens também acham que sexo com amor e intimidade é melhor, embora sejam capazes de se envolver muito menos do que as mulheres.

Na revista Nova, os conteúdos acerca das relações de gênero expressam a tendência a mostrar relações mais igualitárias, pois aparece em suas páginas um homem que afirma lidar bem com o fato da namorada ganhar mais do que ele; namorar uma mulher que vai para cama no primeiro encontro e aprovar a mulher tomar a iniciativa. Ao mesmo tempo em que uma mulher salienta que as mulheres de Nova são modernas, “antenadas”, confiantes tomam a iniciativa na paquera, falam o que gostam na cama, são superocupadas e que não prendem os homens porque prezam a sua liberdade.

Essa tendência mais igualitária pode ser percebida também no comentário de que, a partir dos anos 80 a mulher se tornou independente e passou a ter direitos iguais aos do homem, inclusive de trair, de “aprontar”. “Um quarto de século é pouco tempo para uma mudança tão intensa de sentimento (embora não seja muito tempo para uma mudança de pensamento)”. Quanto aos livros, são sugeridos os que tratam sobre o casamento de amantes e lua de mel na praia.

No que se refere às relações de gênero, na revista Playboy identifica-se frases preconceituosas, pejorativas e de duplo sentido, exatamente como vimos na categoria *padrões de comportamento*. Entre elas, “antes de casar, a mulher esquece tudo. Depois, que memória!”; “certas

mulheres dizem não três vezes. Outras não chegam nem na segunda”; “existem mulheres impróprias para dezoito anos”; “um homem que nunca deixou uma mulher irritada falhou miseravelmente na vida” e numa publicidade de preservativo: “boa notícia para as mulheres: os homens estão sentindo cada vez mais a relação”.

A revista *Vip*, ao se referir às mulheres o faz de forma preconceituosa, negativa e desvalorizada, dando destaque a ideias preconcebidas, tais como: o funcionamento da cabeça das mulheres é um assunto complicadíssimo e tagarelar é papel feminino. Outro exemplo é o da reportagem sobre perfis de mulheres apaixonadas que são todos negativos, afirmando que a paixão pode transformar uma mulher supostamente normal em alguém capaz de extremos destrutivos e ainda faz um alerta “fique atento a certos perfis básicos para não se meter em encrencas”. Os perfis descrevem a mulher que ao ser rejeitada acaba com a paz, a que apronta, quebra-tudo e dá escândalo, a que cria uma mentira atrás da outra, a linguaruda que liga para titular e entrega tudo, a que é malandra e se bobear, você vai dar falta de algum objeto valioso na casa.

Além desses conteúdos, uma matéria sobre mulheres do cinema com quem não se deve casar, onde são elencados 12 filmes, sendo referido o nome do filme, o nome da atriz e o papel desempenhado que são descritos de forma preconceituosa e desvalorizada, ao mesmo tempo em que valoriza os homens.

Novamente vemos, no que diz respeito, às relações de gênero, um contraste acentuado entre as revistas femininas e as masculinas. As primeiras, embora com resquícios tradicionais sobre o que as mulheres querem, também apresentam aspectos das relações que colocam as mulheres como cidadãs de categoria inferior, mostrando maior tendência à solidariedade para com as mulheres. As revistas masculinas são persistentes em seu colorido machista, oferecendo poucas oportunidades de reflexão sobre as implicações das relações desiguais para os próprios homens.

### **Considerações Finais**

O levantamento compilado vai ao encontro de uma série de outros estudos sobre as revistas femininas e masculinas (Babo & Jablonski, 2002; Goellner & Figueira, 2002; Ghilhardi-Lucena, 2005; Pires, 2008; Rodrigues, 2005; Rosa, 2007; Silva, 2005). As revistas servem tanto como espelho que reflete o que as pessoas pensam, sentem, vivem numa determinada sociedade como para propor formas de comportamento e relações, influenciando o modo de pensar, sentir e viver do(a)s leitor(a)s, às vezes na direção da superação de estereótipos, às vezes na sua confirmação e

cristalização. Para além disso, não podemos perder de vista a dimensão de que uma parte dos ganhos destas publicações vem dos anunciantes, estando, portanto, comprometidas com apresentar matérias, reportagens, conteúdos, enfim que os beneficiem.

### Referências

- Azevedo, S. R. S. (2006). Direitos sexuais e reprodutivos e violência contra a mulher em pauta na mídia impressa paraibana: construindo uma agenda cidadã. Trabalho apresentado no Fazendo Gênero 7, Florianópolis, Santa Catarina.
- Babo, T., & Jablonski, B. (2002). Folheando o amor contemporâneo nas revistas femininas e masculinas. *Alceu*, 2(4), 36-53.
- Barbosa, A. M. A. (2007). Dialetos de gênero sociedade e mídia. *CIFEFIL – Círculo Fluminense de Estudos*, XI, 39-47.
- Bronfenbrenner, U. (1977). Toward an experimental ecology of human development. *American Psychologist*, 32, 513-531.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ghilhardi-Lucena, M. I. (2005, Outubro). *Representações do gênero masculino na mídia impressa brasileira*. Livro de Actas do 4º Congresso Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, 1018-1025.
- Goellner, S. V., & Figueira, M. L.M. (2002). Corpo e gênero: a Revista Capricho e a produção de corpos femininos. *Motrivivência*, 13(19), 13-33.
- Miranda-Ribeiro, P., & Moore, A. (2002). Já nas bancas: a saúde reprodutiva das adolescentes vista através das revistas Querida e Capricho. *Revista Brasileira de Estudos da População*, 19(2), 263-276.
- Pires, V. L. (2008, Agosto). *A representação discursiva das subjetividades de gênero na mídia publicitária*. Trabalho apresentado no Fazendo Gênero 8, Florianópolis, Santa Catarina.
- Publi Abril (s.d) *Publicidade das Marcas Abril*. Acesso em 20 de agosto de 2009, em <http://publicidade.abril.com.br/homes.php?MARCA>.
- Revista Cláudia (2009, Abril), 48(4), Editora Abril.
- Revista Cláudia (2009, Maio), 48(5), Editora Abril.
- Revista Cláudia (2009, Junho), 48(6), Editora Abril.
- Revista Cláudia (2009, Julho), 48(7), Editora Abril.
- Revista Cláudia (2009, Agosto), 48(8), Editora Abril.
- Revista Nova (2009, Abril), *Edição 427*, 37(4), Editora Abril.
- Revista Nova (2009, Maio), *Edição 428*, 37(5), Editora Abril.

- Revista Nova (2009, Junho), *Edição 429*, 37(6), Editora Abril.
- Revista Nova (2009, Julho), *Edição 430*, 37(7), Editora Abril.
- Revista Nova (2009, Agosto), *Edição 431*, 37(8), Editora Abril.
- Revista Playboy (2009, Abril), 407, Editora Abril.
- Revista Playboy (2009, Maio), 408, Editora Abril.
- Revista Playboy (2009, Junho), 409, Editora Abril.
- Revista Playboy (2009, Julho), 410, Editora Abril.
- Revista Playboy (2009, Agosto), 411, Editora Abril.
- Revista Vip (2009, Abril), *Edição 289*, 28(4), Editora Abril.
- Revista Vip (2009, Maio), *Edição 290*, 28(5), Editora Abril.
- Revista Vip (2009, Junho), *Edição 291*, 28(6), Editora Abril.
- Revista Vip (2009, Julho), *Edição 292*, 28(7), Editora Abril.
- Revista Vip (2009, Agosto), *Edição 293*, 28(8), Editora Abril.
- Rodrigues, L. V. (2005, Setembro). *A representação da mulher na imprensa feminina*. Trabalho apresentado no XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro.
- Rosa, A. L. T. (2007). O conselho em revistas femininas: dar ou pedir? Uma questão de autoridade. Trabalho apresentado na Feira Científica e Cultural da UFPE. Recife, Pernambuco.
- Silva, M. C. (2005). Imagem e publicidade em revistas femininas: a mulher na propaganda de lingerie... *Revista eletrônica O Olho da História*, 7. [www.olhodahistoria.ufba.br](http://www.olhodahistoria.ufba.br).
- Strey, M. N. (2002). Aprendendo a ser inferior: as hierarquias de gênero. In M.N. Strey, A.V. Lyra & L. M. Ximenes (org.), *Gênero e questões culturais: a vida de mulheres e homens na cultura*, (pp. 21-48). Recife: Ed Universitária da UFPE.
- Thompson, J. B. (1998). *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes.
- Vandressen, M. (2007). Moda e elegância na narrativa das revistas femininas. Trabalho apresentado no I Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas. São Paulo.

## **SEPARAÇÃO CONJUGAL: ASPECTOS IMPLICADOS NESSA DECISÃO, REVERBERAÇÃO E PROJETOS FUTUROS**

### **Resumo**

Este artigo analisa os motivos, os aspectos pessoais, familiares e contextuais implicados na decisão de separação, a reverberação da separação para o indivíduo e as perspectivas de relacionamento futuro. Participaram deste estudo cinco mulheres e três homens na faixa etária de 25 a 60 anos, com tempo de duração do casamento de 1 ano a 36 anos e tempo de separação de 4 meses a 18 anos. Utilizou-se como instrumento de pesquisa uma entrevista semi-estruturada, o método empregado foi a análise de conteúdo. Constatou-se que os motivos de maior relevância para separação foram a traição e a não aceitação dos papéis tradicionais, isto é, a relação de dominação do homem e o papel de provedor exclusivo do homem. Isto mostra que as pessoas estão desejosas de uma relação mais verdadeira e igualitária, na manutenção da exclusividade da relação amorosa-sexual e que este contrato exige a distribuição semelhante de direitos e deveres, em que os homens aceitam que as mulheres tenham mais direitos, mas que estes também sejam acompanhados de deveres.

*Palavras-chave:* separação conjugal, motivos, contextos.

## **CONJUGAL SEPARATION: ASPECTS IMPLIED IN THIS DECISION, REVERBERATION AND THE PROSPECTS OF FUTURE RELATIONSHIP**

### **Abstract**

This article analyzes the motives for separation, as well as personal, familiar and contextual aspects implied in the decision of separation, the reverberation of separation for the individual, and the prospects of future relationship. The participants of this study were five women and three men, all between 25 and 60 years old, time of marriage ranging between one year and 36 years, and time of separation ranging from four months to eighteen years. A semi-structured interview was used as the research instrument, and resultant data were subjected to a content analysis. The motives of principal relevance for separation were infidelity and the non-acceptance of traditional roles, that is, the relational dominance of men and the role of men as exclusive providers. The findings demonstrate that people desire a truer and more egalitarian relationship, and the maintenance of exclusivity in sexual-love relations. Such a relationship demands a more egalitarian distribution of

rights and duties, in which men accept that women have more rights, but that these rights also be accompanied by duties.

*Keywords:* conjugal separation; motives; contexts.

## Introdução

A clássica expressão “casaram e viveram felizes para sempre” está cada vez mais distante e soa como algo um pouco ultrapassado. Aspectos relativos à profissionalização e à independência econômica da mulher, à revolução sexual, ao aumento da expectativa de vida, à modernização dos costumes e o maior grau de exigência nas relações têm contribuído para o aumento das separações conjugais e a busca de novos parceiros e novas uniões.

Neste sentido, a percepção mais realística da conjugalidade considera que “não existe casamentos sem problemas” e que o casamento de um projeto estável (perene) passa a uma perspectiva distópica (poderá não durar), sendo a premissa da durabilidade contestada antes do início do relacionamento (Garcia & Tassara, 2001, 2003).

Os dados da realidade brasileira, no último censo, informam que 70,9% dos casamentos acabaram em divórcio e que a sua duração média é de dez anos e meio, sendo que, na época da dissolução, os cônjuges têm, em média mais de trinta anos (IBGE, 2007). Visando compreender este fenômeno, vários estudos têm sido realizados a respeito da instabilidade, dos conflitos e das separações conjugais.

As pesquisas brasileiras têm encontrado causas psicossociais permeando os conflitos que levam à ruptura do laço conjugal, associando os fatores psicológicos e destacando a influência da família de origem e do meio social sobre as pessoas que vivenciam o processo de separação (Jorge, 2003; Nogueira, 2006; Silva, 2001; Viegas, 2006).

Quanto aos motivos que levam à separação conjugal, as investigações brasileiras identificaram: o alcoolismo, a infidelidade conjugal, a incompatibilidade de gênios, o desgaste da dimensão amorosa, a busca pela realização pessoal e o maior grau de exigência das mulheres economicamente independentes, diminuição do desejo sexual, constantes conflitos, interferência de terceiros (Brito et al., 2006; Goldenberg, 2001; Porreca, 2004; Rey, 1997; Viegas, 2006). A traição masculina aparece como causa da maioria das separações (Féres-Carneiro, 2003). Comparando os gêneros, verificou-se que os homens se separam mais por incompatibilidade ou por abandonarem o lar. Como fatores preditores de separação conjugal são descritos: a idade dos cônjuges, o número de filhos e a idade dos mesmos (Lopes, 2006).

Outro aspecto evidenciado nas investigações se refere às relações econômicas, as quais são inerentes ao casamento e ficam muito mais presentes na ruptura do casamento civil, pois a separação corresponde ao momento de se fazer cálculos e assegurar direitos (Digiovanni, 2003;

Varela, 2005). Mesmo que não tenha havido um casamento civil, ao procurarem o reconhecimento da união estável e a sua dissolução, as pessoas buscam assegurar aspectos econômicos.

No entanto, ainda são identificadas lacunas no campo da pesquisa e da intervenção a respeito da separação já que esta pode ocorrer em qualquer momento do ciclo vital e as investigações têm se centrado em famílias com filhos pequenos e adolescentes (Cano, Gabarra, Moré & Crepaldi, 2007).

A partir dessa revisão da literatura sobre a separação como um fenômeno frequente e complexo, que envolve fatores individuais, familiares e contextuais, este estudo buscou levantar os motivos, as circunstâncias e os contextos das separações conjugais, a partir de entrevistas com pessoas que vivenciaram a separação conjugal.

### **Método**

Para respondermos às questões deste estudo, optamos por utilizar a metodologia qualitativa, a fim de compreendermos o fenômeno e suas peculiaridades. Este projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS registrado sob o CEP 07/03976 (Anexo 3).

#### ***Participantes***

O presente estudo contou com a participação de cinco mulheres e três homens, na faixa etária de 25 a 60 anos. O tempo de duração do casamento variou de um ano a 36 anos e o tempo que estão separados de quatro meses a 18 anos. Todos os participantes possuíam nível sócio-econômico médio e residiam em uma região do interior do Rio Grande do Sul e na capital do mesmo Estado. Os participantes foram selecionados a partir dos critérios de indicação e conveniência. Todas as mulheres indicadas aceitaram participar da entrevista. Situação diferente foi verificada com os homens. Para um deles telefonamos três vezes, deixamos recado, mas ele não retornou a ligação e outro chegou a marcar a entrevista, não compareceu e não fez mais contato conosco.

#### ***Instrumentos***

O instrumento utilizado foi uma entrevista semi-estruturada com um roteiro flexível que abordava: motivos da separação conjugal, dinâmica do casal antes do processo de separação,

dinâmica do casal durante o processo de separação, aspectos pessoais, familiares e contextuais implicados na decisão de separação, reverberação da separação conjugal para o indivíduo e projetos futuros quanto a relações amorosas.

### ***Procedimentos***

Todos os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias, autorizando a gravação e divulgação dos dados com a preservação do anonimato.

Os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo (Laville & Dionne, 1999), isto é, através de um estudo minucioso das palavras e frases, dando sentido e reconhecendo as ideias principais.

### **Resultados**

A seguir apresentaremos a síntese dos casos estudados. Com o objetivo de manter o anonimato dos participantes, os dados biodemográficos e contextuais foram modificados.

#### ***Caso 1 – Antônio***

Antônio é o terceiro filho de uma prole de nove filhos, foi criado na zona rural e saiu de casa cedo para estudar e trabalhar. Concluiu o Ensino Médio e trabalha na administração de um hospital. Seus pais ficaram casados por mais de 50 anos, até a morte do pai.

Ele está com 47 anos, ficou casado durante 14 anos e está separado há um ano e cinco meses. Tem uma filha adolescente e um filho pré-adolescente que moram com ele.

Antônio tinha 33 anos e Eliane 22 anos quando se conheceram na casa de parentes dele que eram vizinhos dela. Começaram a conversar e seguiram se encontrando. Após alguns meses, decidiram casar porque “gostavam um do outro e a relação dava tudo certo”.

Nos doze primeiros anos de casados, a relação deles foi muito boa, saíam juntos, eram parceiros, embora ele reconheça que a ex-esposa era rebelde e estourada, de gênio forte. Ele se descreve como calmo e tranquilo. Ela trabalhava fora quando casaram, depois que nasceu a primeira filha passou a se dedicar aos cuidados da filha e às tarefas domésticas. Retornou ao trabalho fora de casa quando a menina estava com seis anos e o menino com cinco anos. Ambos contribuíam economicamente para a manutenção da família e dividiam as tarefas da casa e o cuidado com os filhos.

Ele desconfiou, pelas atitudes dela, de que estava sendo traído. Passou a segui-la e na terceira vez que ela saiu para encontrar as amigas, ele viu que ela estava se encontrando com outro homem e deu o flagrante. A partir deste momento, ela não voltou mais para casa deles, passou a residir com a mãe e um irmão. Não houve brigas, ele encaminhou os papéis e ela aceitou as condições dele. Frente ao juiz assinaram a separação consensual. Ele ficou com a casa, com os filhos e ela com visita livre desde que avisasse com antecedência. Também ficou estipulado que ela teria que pagar uma pensão, embora não tenha sido definido o valor.

Ele considera que ter dado o flagrante, da forma como ocorreu, não havia o que conversar. Sentiu muito, pois considera que sempre foi um bom marido, acima da média das pessoas que conhece e com as quais eles conviviam. Além disso, tinham bom relacionamento, saíam sempre juntos, dividiam as tarefas da casa. Foi uma decepção muito grande para ele. Tinha certeza de que a sua família o apoiaria, o que realmente aconteceu e as irmãs têm ajudado bastante com os filhos.

Inicialmente sentiu-se constrangido porque nos lugares que frequentava seguidamente as pessoas perguntavam por ela. Também refere a dificuldade financeira, pois os filhos são pré-adolescentes e a cada momento querem coisas novas e ele está arcando sozinho com todas as despesas, pois ela não está pagando a pensão combinada. Como outra consequência, aponta uma série de dificuldades emocionais que a filha mais velha vem apresentando e que ele se sente sem condições de ajudá-la por ser homem.

Em relação ao futuro, se encontrar uma pessoa, gostaria de morar junto porque anda cansado e gostaria de alguém para ajudar um pouquinho, mas não tem tempo para namorar. Afirma que “já apareceu só que elas querem levar a coisa a sério e isso aí me deixa um pouco preso e vamos que não dê certo com os filhos. Quem foi queimado com água quente tem medo de água fria”.

### ***Caso 2 – Pedro***

Pedro é o filho mais novo e tem duas irmãs. Durante a infância, sua família mudou de cidade várias vezes em função do trabalho dos pais, funcionários de um banco estatal. Ele concluiu o ensino superior e é funcionário público federal. Seus pais estão casados há mais de 50 anos.

Ele está com 49 anos, ficou casado durante dois anos, está separado há 10 anos e tem um filho pré-adolescente. Mora sozinho desde que se separou, acha que assim tem mais liberdade para receber o filho e acompanhar melhor o seu desenvolvimento.

Pedro tinha 35 anos e Marília 33 anos quando se conheceram no local de trabalho dela. Ambos já tinham tido vários relacionamentos, mas não tinham oficializado nenhum e nem morado junto. Ele de imediato achou que ela tinha as características que desejava para ser a mãe dos filhos dele. Namoraram durante três meses e ela engravidou. Como ele queria muito ter um filho e achava importante que este nascesse de pais casados, propôs casamento e ela aceitou. Apesar do pouco tempo de namoro, ele percebeu, desde o início da convivência, que ela tinha uma insegurança, em relação ao dinheiro e se preocupava em poupar para uma necessidade.

O motivo da separação conjugal foi financeiro, pois ambos trabalhavam fora e ele tinha a expectativa que ela contribuísse para as despesas da casa e ela achava que esta era uma obrigação dele. Depois de um desentendimento em função de dinheiro, ela saiu de casa e não voltou mais. Após alguns dias eles se encontraram para definir a separação, divisão de bens, a guarda do filho, pensão, mas o conflito continuou porque ela não queria abrir mão de nada. Uns dois meses após essa conversa, ela entrou com pedido de separação.

Na percepção dele, a forma como os familiares de ambos lidaram com a crise que eles estavam vivendo dificultou uma possível reconciliação. Nos primeiros tempos após a separação, a relação entre ele e a ex ficou complicada, pois se encontravam frequentemente em função do filho pequeno, e porque as famílias de origem deles moravam próximas. Esses encontros reavivavam os sentimentos que nutriam um pelo outro e ficavam juntos como quando estavam casados. Essas atitudes não eram entendidas pelas pessoas com as quais eles conviviam.

Pedro ficou muito deprimido com a separação da esposa e a ausência do filho, afastou-se do convívio familiar e social e passou a usar bebida alcoólica com frequência, sendo que quase perdeu o emprego por este motivo. Levou em torno de cinco anos para poder aceitar que a relação tinha acabado, mas que o filho continuava filho, não estava com ele, mas podia conviver com ele. Além disso, passou a desacreditar das relações de casamento. Afirma que levou uns seis anos para se sentir separado.

Ele não pensa em casar novamente, pois acredita que “a vida é mais bem vivida como namorados do que casados, isto é, cada um morando na sua própria casa”.

### ***Caso 3 – Ivan***

Ivan é o filho caçula, tem duas irmãs e um irmão. Concluiu o Ensino Médio e administra uma empresa junto com a mãe. Seus pais se separaram quando ele tinha 15 anos.

Ele está com 25 anos, ficou casado um ano e está separado há quatro meses. Não teve filhos e continua morando com a mãe.

Ivan e Bete namoravam há três anos quando ela foi morar com ele na casa da mãe dele. Aproximadamente três anos após estarem coabitando, resolveram casar, porque o pai dela sempre dizia que tinha que casar, que o casal um dia tinha que oficializar. O relacionamento conjugal era difícil porque ela era nervosa e ele era tranquilo.

Ele está separado há quatro meses. Foi ele quem pediu a separação, mas não estão claros os motivos pelos quais quis se separar, no entanto, aponta: “a princípio foram pequenos desentendimentos, um pouco de imaturidade dos dois e teimosia”.

Ivan afirma que estava muito confuso, não sabia o que queria, também estava muito preocupado com a empresa, com a concorrência e focava todos os problemas na esposa e ela, por outro lado, era muito preocupada com a limpeza da casa e “esquecia da nossa relação”. Na opinião dele, a mãe dela interferia por querer controlar a vida dela. Ela, por sua vez, incomodava-se porque ainda moravam com a mãe dele. As pessoas próximas com as quais falava sobre separação, todas o aconselharam a pensar melhor, a buscar ajuda, nenhuma disse para ele se separar.

Após a separação houve alguns comentários de familiares dela dizendo que ele se separou por causa de outra mulher e isso o chateou bastante. Ele refere que sofreu com a separação, sua família e a família dela também. Além disso, perdeu amigos que eram comuns.

Afirma que no momento “eu não tô preparado emocionalmente para levar uma relação séria com outra pessoa”, e acrescenta: “sou complicado, sou uma pessoa teimosa, uma pessoa orgulhosa, sabe?”. Pensa em se dedicar ao trabalho para ajudar a lidar com a separação. Acredita que, no futuro, possa vir a se casar, agora não.

#### ***Caso 4 – Anete***

Anete é a quarta filha e tem seis irmãos. A mãe faleceu quando ela tinha 25 anos e já estava casada há aproximadamente sete anos. Seu pai casou de novo e teve mais dois filhos. Anete concluiu o Ensino Fundamental e trabalha em seu próprio negócio.

Ela está com 40 anos, ficou casada 21 anos e está separada há seis meses. Tem uma filha adulta jovem e outra com nove anos. A filha mais nova mora com ela.

Casou aos 18 anos com o primeiro namorado, após dois anos de namoro. Seu pai era muito severo. Durante o namoro se encontravam pouco, só nos finais de semana. Ela morava no interior

e ele na cidade, onde costumava frequentar bailes sozinho. Casaram porque o pai dela disse que já estava na hora e que se não casasse com o primeiro namorado não casaria mais. Refere que não tinha certeza se o amava ou não. Logo após o casamento, o marido disse que ela tinha que dar tudo que ganhava no trabalho dela para ele porque ele seria o “cabeça do casal”. Sempre tiveram muitas brigas, nunca combinaram em nada, e o que ele dizia era lei. Ele tomava todas as decisões, não permitia que ela opinasse sobre nada, escolheu o nome das filhas, obrigava-a a almoçar na casa dos pais dele no domingo. Quando estavam casados, há mais ou menos 10 anos, ela quis se separar, mas ele não admitiu e ela foi ficando e teve mais uma filha.

O motivo pelo qual se separou foi porque “acabou o amor, acabou tudo”. Ela cansou de ter que obedecer sempre, de não poder ter opinião e começou a contrariar e se rebelar. Uns dois anos antes da separação, começou a dizer tudo que pensava e sentia e que queria se separar, ele não aceitou e ficou mais de um ano num clima ruim. Até que ela consultou um advogado e falou para ele. Ele buscou outro advogado e disse que seria com o que ele tinha escolhido. Ela aceitou porque “estava aceitando qualquer coisa”. Cedeu bens materiais porque percebeu que ele já estava incomodando por isso e ela não suportava mais a vida ao lado dele. A filha mais velha, de 19 anos, ficou com o pai porque tinha pena dele e também para que ele continuasse pagando os estudos dela, pois pretende fazer faculdade. Ela alugou uma casa e se mudou levando a filha mais nova.

No que se refere à reação da família à separação, conta que, no início, o pai não queria, já os irmãos falaram que a apoiariam na sua decisão. Ela sabia que iria ter que se manter sem a ajuda dele, embora pudesse contar com ele para a manutenção das necessidades das filhas, em especial para os estudos delas, que ela valoriza muito por não ter tido a oportunidade de estudar mais.

Ela está separada há seis meses e se sente “uma outra pessoa, bem melhor, livre, tirei um peso enorme das minhas costas e não senti falta dele pra nada”. Continuaram se falando até uns dois meses depois da separação, mas ele continuava querendo mandar nela e cuidando onde ela ia. Aí ela decidiu se afastar definitivamente dele.

Quanto ao futuro pensa em ficar sozinha, “não ter outro marido, jamais”. Em relação a namorar, afirma que hoje em dia está muito difícil poder confiar nas pessoas, não se incomoda porque gosta de ficar sozinha.

### ***Caso 5 – Naira***

Naira é a terceira filha e tem cinco irmãos. Concluiu o curso de pós-graduação e trabalha na área da educação. Os pais dela viveram juntos até o falecimento do pai há 13 anos atrás.

Ela está com 47 anos, ficou casada quase sete anos, está separada há 18 anos e tem uma filha de 21 anos que mora com ela.

Naira casou com Ernesto após dois anos de namoro, engravidaram e partiu dele a ideia de casar. Ela já era independente da família, trabalhava e se sustentava. Ela afirma que os primeiros três ou quatro anos de casamento foram ótimos, depois disso “foram tentando porque a sociedade e a família não aceitariam uma separação após tão pouco tempo de casamento.” Ele era uma boa pessoa, um bom pai, um bom marido, tratava-a muito bem. Por motivo de trabalho passou a morar em outra cidade.

O motivo para a separação foi a traição e a perda da confiança. Após a separação, ele mudou para outra cidade com a pessoa com a qual estava envolvido. Ela seguiu com os projetos de estudo, de trabalho e protegendo a filha para que não sofresse com a ausência do pai. Quatro meses depois, ele quis se reconciliar, mas a pessoa com quem ele vive já estava grávida e eu achei que não ia dar, eu não ia conseguir”.

Descobrir a traição foi uma decepção muito grande, não tinha mais como manter a relação porque ia de encontro aos “valores e princípios morais e éticos que realmente tem que ter, o respeito, aquela coisa muito forte e isso mexeu com aquilo que era meu e acho que não poderia deixar também por uma aparência, ou seja, para satisfazer, de repente, o desejo da família, da sociedade”. Ela encaminhou tudo sozinha, sem contar para ninguém. Para a família dela contou após dois meses, porque os convidaram para uma festa e ela teve que revelar que estava separada e foi um choque para todos.

Após a separação passou a investir na sua formação profissional que era algo que o ex impedia. No início, sentiu certo preconceito por parte dos colegas de trabalho, mas aos poucos foi participando de outros grupos de estudo e trabalho onde se sentiu muito bem.

Nos primeiros anos, preocupou-se com a filha e a carreira profissional. Com o passar do tempo, foi se tornando mais exigente e, atualmente, não sabe se está preparada ou se quer uma relação para viver junto.

**Caso 6 – Telma**

Telma é a terceira filha e tem três irmãos. Concluiu o Ensino Superior na área da saúde e está aposentada há oito anos. Seus pais viveram juntos até a morte do pai alguns anos atrás.

Ela está com 57 anos, ficou casada 11 anos e está separada há quase 17 anos. Tem dois filhos, ambos casados e está esperando o primeiro neto.

Telma e Júlio casaram após um ano de namoro porque se davam muito bem, tinham os mesmos interesses, gostavam de sair, divertir-se, festas e foi assim durante os primeiros anos de casados. Ela ajudou para que ele pudesse estudar e ascender profissionalmente.

O motivo principal para a separação foi a traição, “não foi uma nem duas vezes, foram várias vezes e a última eu não agüentei. Me senti muito humilhada e aí começou muitas brigas em casa”. Ele propôs continuar com ela e com a outra e ela não aceitou. Como ele tinha projetos profissionais de estudos no exterior, para os quais precisava estar com seus documentos atualizados, ele encaminhou rapidamente a separação amigável como se chamava na época.

Telma encarou com naturalidade a separação, pois se considerava uma pessoa muito positiva, que tomava decisões e seguia em frente. Além disso, já convivia com dois irmãos separados e recebeu muito apoio dos amigos e familiares.

No início sentiu um pouco a falta dele, mas depois passou a levar uma vida normal, sair bastante, ter amigos, viajar. Teve alguns relacionamentos, mas nada sério.

Atualmente tem uma turma de “ex-colegas e amigos muito boa, muito divertida, isso aí preenche a vida da gente, quando tu vê tu não tem aquela falta”, pois saem para dançar, viajam e isso a deixa cada vez mais distante de ter alguém ao seu lado, pois está acostumada e sente muito prazer com a vida que leva. Um companheiro poderia impedir essa liberdade e prazer ao qual está acostumada.

**Caso 7 – Neiva**

Neiva é a filha mais velha e tem dois irmãos. Concluiu o Ensino Médio e sempre foi responsável pelas tarefas domésticas. Seus pais viveram juntos até a morte do pai.

Ela está com 60 anos, ficou casada durante 36 anos e está separada há quatro anos. Tem três filhos adultos casados e mora sozinha.

Neiva estava com 18 anos quando casou com Airton, após quase três anos de namoro. Decidiram casar porque se amavam, ele tinha emprego e os pais deles ajudaram a montar a casa.

Aos poucos ela foi se dando conta de que “ele me amava, mas do jeito dele, ele não ficava com uma mulher só. Isso aí foi desde os primeiros meses de casamento.”

Os filhos foram nascendo e ela foi assumindo os filhos e ele se afastando de casa. Ela foi tomando conhecimento de que ele tinha outras mulheres, quis se separar, mas os filhos não quiseram que ela se separasse. Relata que “aí eu já não queria mais ele, já queria me separar, porque eu acho que se eu tivesse me separado naquela época hoje eu estaria melhor, porque eu era jovem bonita podia reconstruir um outro lar.” Alguns anos depois, quando o filho mais novo se formou, ela achou que não tinha mais porque ficarem juntos.

Ela não contou nada para os filhos e foi juntando provas para não ser prejudicada na divisão de bens, pois ele não queria a separação. Quando contou para os filhos eles a apoiaram, assim como os irmãos a apoiaram, já a mãe dela não.

Ela conta que ficou muito, muito triste, mas que não tinha mais volta. No primeiro mês após a separação, ele telefonava várias vezes para ela para contar o que se passava com ele como costumava fazer quando estavam casados, depois foi se afastando.

Acha que deveria ter se separado mais cedo para poder ter reconstruído sua vida, agora não se sente em condições de iniciar um relacionamento sério.

### ***Caso 8 – Márcia***

Márcia é a segunda filha e tem cinco irmãos. Concluiu o Ensino Médio e trabalha na indústria de uma das irmãs. Seus pais viveram juntos até o falecimento do pai recentemente.

Ela está com 54 anos, ficou casada 25 anos e está separada há seis anos. Tem dois filhos adultos solteiros e uma filha adolescente.

Márcia casou aos 24 anos e teve outros namorados antes do Fernando. Engravidou após um ano de namoro e, como para aquela época já era considerada “titia”, resolveram casar. Ela afirma que ele não foi o amor da vida dela e nem ela foi o amor da vida dele.

Sempre se deram bem e se dão bem até hoje, sempre foram mais amigos do que namorados. Afirma que ele sempre foi bom para ela e sempre deu tudo o que ela precisava.

Num final de ano, tiveram uma discussão e ele disse que ia embora, ela disse que não era motivo para ir embora. Aí ele contou que tinha outra há quase 10 anos. Seguiram morando na mesma casa, separaram-se no papel, mas não contaram nada para os filhos. Os negócios dele não estavam bem e ela achou que não era o momento para se separarem. Quando ele encerrou a fábrica

e foi morar em outra cidade com a companheira dele é que os filhos deles e os parentes ficaram sabendo.

Estavam mais ligados pela amizade e ela não se incomodava de ficar convivendo com ele, oferecendo uma família para os filhos mesmo que eles não tivessem uma vida de casal. Na visão dela, a separação decorreu do problema financeiro e por ele ter precisado se mudar para outra cidade.

Ela diz que encarou com naturalidade, foi tranquilo, pois tinham uma relação mais de amizade e foram se separando aos pouquinhos. Ele segue ajudando financeiramente quando ela e os filhos precisam. Ela se dá bem com a atual esposa dele e todos frequentam festas de família.

Acredita que não se acostumaria mais com marido, ter que fazer janta, deixar de sair com as amigas, não quer nem pensar num relacionamento.

### **Discussão**

A revisão da literatura e a análise do conteúdo das entrevistas sugeriram cinco eixos principais: (a) por que se casaram, (b) motivos que levaram à separação, (c) aspectos pessoais, familiares e contextuais implicados na decisão de separação, (d) reverberação da separação para o indivíduo e (e) projeto futuro quanto a relacionamento amoroso.

#### ***a) Por que se casaram***

Os motivos pelos quais estas pessoas casaram foram por amor, por se gostarem, terem afinidade (duas mulheres e um homem), gravidez (duas mulheres e um homem), o pai dela disse que tinham que casar (uma mulher e um homem). Isso mostra aspectos pessoais e aspectos contextuais implicados na decisão de casar. No caso dos aspectos contextuais, já revelariam uma fragilidade dos motivos e a gravidez pré-conjugal foi apontada nos estudos compilados por Peck e Manocherian (2001) como um fator de instabilidade conjugal. No caso do jovem de 25 anos, a atribuição do motivo para o casamento a aspectos contextuais soma-se à idade dele e dela como indicativo de instabilidade conjugal (Lopes, 2006; Peck & Manocherian, 2001). Quanto aos motivos pessoais, amar, gostar, ter afinidade corrobora os resultados de outros estudos brasileiros que indicam que o casamento está ligado ao amor (Figueredo, 2005; Machado, 2001; Rocha-Coutinho, 2004; Roudinesco, 2003; Zagury, 2003; Zeglio & Rodrigues Jr., 2007).

***b) Motivos que levaram à separação***

Em relação aos motivos para separação a traição foi o motivo apontado na metade dos casos estudados, sendo que, em três casos foi o homem que traiu e em um caso a mulher. Estes dados corroboram os resultados de outras pesquisas que apontam a infidelidade conjugal e a traição masculina como causa da maioria das separações (Brito et al., 2006; Féres-Carneiro, 2003; Goldenberg, 2001). Outro motivo referido foi o desgaste da dimensão amorosa, verificado também por Porreca (2004). Ainda o motivo financeiro confirma que as relações monetárias são inerentes ao casamento (Digiovanni, 2003; Varela, 2005) e que hoje os homens esperam que as mulheres contribuam com as despesas da família (Rocha-Coutinho, 2004). Este aspecto também está presente na emergência dos casais de dupla renda e de dupla carreira, que propõem uma mudança de papéis em relação aos casais tradicionais, nos quais o homem era o provedor (Monteiro, 2001).

***c) Aspectos pessoais, familiares e contextuais implicados na decisão de separação***

Neste eixo, identificam-se especificidades de cada caso que inviabilizavam a manutenção da relação, como o flagrante de traição, o abandono do lar pela mulher, o desgaste da relação acompanhado do desejo de liberdade, as traições sucessivas, indicadores de que a situação chegara a um ponto que não havia mais condições de manter o contrato inicial de convivência. Estes resultados corroboram os encontrados por Santana, Lima, Nascimento, Oliveira e Aloise (2006), sobre uma situação-limite que ocorre com a decepção causada pela dor da traição. Os resultados também sugerem que a decisão pela separação está diretamente relacionada à impossibilidade de manter uma relação por aspectos específicos da relação, ou seja, independente de aspectos familiares vinculados à família de origem ou à família atual ou outros aspectos contextuais. Além disso, confirmam o predomínio de interesses individuais e a ênfase da conjugalidade de tipo relacional, a qual valoriza a autonomia, a independência, a individualidade e a liberdade como valores intrínsecos da pessoa moderna (Coelho, 2000; Heilborn, 2004; Pais, Cairns & Pappámikail, 2005).

Um outro dado significativo quanto aos aspectos familiares é que os pais de cinco dos entrevistados viveram juntos até a morte do homem, os pais de um deles ainda vivem juntos, o pai de uma das entrevistadas viuviu e casou novamente e somente um deles, o mais novo passou pela experiência de separação dos pais na adolescência. Isso confirma a ideologia predominante nas gerações anteriores do casamento “até que a morte nos separe” e que as novas gerações estão

enfrentando uma maior instabilidade na relação conjugal que leva à separação até mesmo sem ter claro os motivos, mas pela facilidade com que este vínculo pode ser rompido.

#### ***d) Reverberação da separação para o indivíduo***

Quanto às repercussões da separação para o indivíduo, identificamos que quatro mulheres relatam ter superado com naturalidade investindo nos filhos, no trabalho e nas amizades, uma relata ter sido difícil, ter sofrido. É importante referir que são mulheres que estão separadas há 17 e 18 anos, portanto já tiveram a oportunidade de elaborar o luto decorrente da separação e talvez nem queiram lembrar ou nem lembrem do sofrimento vivido imediatamente após a separação. Entretanto, uma delas está separada há seis meses e refere se sentir bem melhor do que antes. Essas informações apontam que a separação pode ser um passo para o crescimento, bem como de aumento da auto-estima e da liberdade para tomar decisões (Santana et al., 2006).

Já entre os homens, um ainda está sofrendo e atrapalhado com os sentimentos, outro ficou deprimido e passou a fazer uso abusivo de álcool e o terceiro relatou constrangimento diante de conhecidos, dificuldade financeira e para lidar com a filha adolescente. Esses dados sugerem que a separação reverberou mais negativamente para os homens do que para as mulheres. Isso poderia estar associado à concepção de homens do casamento como constituição de família (Féres-Carneiro, 1997) e a separação seria perder não só a esposa, mas a família e toda esta estrutura que ela representa. Outro fato que poderia explicar esta maior dificuldade dos homens seria o indicador de que são as mulheres quem mais frequentemente solicitam a separação (Carter & McGoldrick, 2001; Féres-Carneiro, 1998, 2000) e, ao solicitarem já teriam feito todas as tentativas, esgotadas as possibilidades e concluído que o melhor era a separação e por isso estariam mais preparadas para a vida pós-separação.

#### ***e) Projeto futuro quanto a relacionamento amoroso***

Das cinco mulheres entrevistadas três não querem mais ter um relacionamento conjugal, uma não sabe se está preparada ou se quer uma nova relação e a outra não se sente em condições de iniciar uma relação amorosa.

Já dos três participantes homens, um não pensa em casar novamente ou morar junto, outro gostaria de encontrar uma pessoa que o ajudasse e o terceiro, mais jovem, acredita que no futuro possa vir a se casar novamente. Esses dados sugerem que mulheres e homens têm expectativas

diferentes em relação ao casamento após a separação, sendo que as mulheres são mais exigentes e pensam “antes só do que mal acompanhada”.

### **Considerações Finais**

As relações conjugais, sua manutenção, ruptura e a busca de novas relações é um ingrediente relevante no cotidiano dos indivíduos. A motivação que leva as pessoas a se unirem em casamento está associada à expectativa de viverem em harmonia, de encontrarem a felicidade, porém a vida conjugal envolve tarefas, responsabilidades e compromissos que muitas vezes suscitam divergências, conflitos que os envolvidos não conseguem superar ou até mesmo não querem superar, por dar muito trabalho. Além disso, está cada vez mais presente a separação como solução para os conflitos, sem tanta preocupação com as repercussões para os filhos, já que a conduta está pautada em valores como: autonomia, liberdade, individualidade, independência, havendo maior preocupação com a satisfação pessoal e conjugal, em detrimento do grupo familiar que preponderava em outros tempos.

Em alguns casos a convivência se torna insuportável, inclusive por terem objetivos diferentes, por exemplo, em relação à fidelidade, um cônjuge espera exclusividade enquanto que o outro deseja variedade, ou está mais envolvido com outra pessoa.

Neste estudo, os motivos de maior relevância para separação foram a traição, a não aceitação dos papéis tradicionais, isto é, a relação de dominação do homem e o papel de provedor exclusivo do homem. Isto mostra que as pessoas estão desejosas de uma relação mais verdadeira e igualitária, na manutenção da exclusividade da relação amorosa-sexual e que este contrato exige a distribuição mais igualitária de direitos e deveres, em que os homens aceitam que as mulheres tenham mais direitos, mas que estes também sejam acompanhados de deveres.

Quanto ao fato das mulheres terem lidado melhor com a separação podemos atribuir ao treinamento que as meninas recebem desde cedo para cuidarem de si e dos outros, para darem conta das tarefas de sobrevivência, para administrarem a casa e com elas a vida das pessoas. Por outro lado, os meninos são cuidados e treinados para exercerem atividades remuneradas fora do lar, não aprendendo a cuidarem de si e gerenciarem as suas vidas.

Em relação às mulheres expressarem receio de nova relação amorosa podemos creditar à desilusão amorosa sofrida e a expectativa predominantemente positiva dos homens podemos

atribuir à importância que o homem dá para ter uma família, uma esposa que organize a casa e cuide dele, infligindo maior peso para este papel do que para a relação amorosa-sexual.

### Referências

- Brito, A., Jennings, A. R., Lima, A. N. F., Portilho, G. B., Araújo, M. W., Oliveira, A. R. N., & Aloise, M. (2006). A realidade do divórcio retratada pelas mulheres do Conjunto Rio Verde. *Opinio Verbis*, 3(1), 111-117.
- Cano, D. B., Gabarra, L. M., Moré, C. O., & Crepaldi, M. A. (2007). As transições familiares do divórcio ao recasamento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(2), 214-222.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (2001). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artmed.
- Coelho, S. V. (2000). As transformações da família no contexto brasileiro: uma perspectiva das relações de gênero. *Psique*, 10(16), 7-24.
- Digiovanni, R. (2003). *Rasuras nos álbuns de família: um estudo sobre separações conjugais em processos jurídicos*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.
- Féres-Carneiro, T. (1997). Escolha amorosa e interação conjugal na heterossexualidade e na homossexualidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 10(2), 354-368.
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 379-394.
- Féres-Carneiro, T. (2003). Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. *Estudos de Psicologia*, 8(3), 367-374.
- Figueredo, P. M. V. (2005). A influência do locus de controle conjugal nas habilidades sociais conjugais e da comunicação conjugal na satisfação com o casamento. *Ciências & Cognição*, 6, 123-132.
- Garcia, M. L. T., & Tassara, E. T. O. (2001). Estratégias de enfrentamento do cotidiano conjugal. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(3), 635-642.
- Garcia, M. L. T. & Tassara, E. T. O. (2003). Problema no casamento: uma análise qualitativa. *Estudos de Psicologia*, 8(1), 127-133.
- Goldenberg, M. (2001). Sobre a invenção do casal. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 1(1), 89-104.
- Heilborn, M. L. (2004). *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond.

- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2007). *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira, Vol. 21*. Estudos e Pesquisas. Informação demográfica e sócioeconômica. Rio de Janeiro, R.J.: Autor.
- Jorge, M. M. (2003). *Separação conjugal em famílias de baixa renda*. Dissertação de Mestrado. Psicologia. Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto.
- Laville, C. & Dionne, J.(1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lopes, N. A. (2006). *Casamento, dissolução conjugal e suas funções adaptativas*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- Machado, L. Z. (2001). Famílias e individualismo: tendências contemporâneas no Brasil. *Comunicação, Saúde e Educação*, 4(8), 11-26.
- Monteiro, A. M. (2001). Avanços no estudo da conjugalidade: os casais de dupla carreira. *Psicologia Ciência e Profissão*, 21(3) 10-19.
- Nogueira, C. S. S. (2006). *Novas formas de lidar com o processo da separação conjugal na modernidade líquida*. Dissertação de Mestrado. Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
- Pais, J. M., Cairns, D., & Pappámikail, L. (2005). Jovens europeus: retrato da diversidade. *Tempo Social*, 17(2), 109-140.
- Peck, J. S., & Manocherian, J. R. (2001). O divórcio nas mudanças do ciclo de vida familiar. In B. Carter & M. McGoldrick, *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*, (pp. 291-320). Porto Alegre: Artmed.
- Porreca, W. (2004). *Famílias recompostas: casais católicos em segunda união*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo/ Ribeirão Preto.
- Rey, L.D.V. (1997). *Estudo epidemiológico das separações conjugais na cidade de Ribeirão Preto*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2004). Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamentos no Brasil. *Temas em Psicologia*, 12(1), 2-17.
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Santana, C. Lima, J. T. Nascimento, S. T. Oliveira, A. R. N. & Aloise, M. (2006). A mulher divorciada: uma nova identidade perante a sociedade. *Opinio Verbis*, 3(1), 65-70.

- Silva, C. E. V. (2001). *Sem “nós” dois, o que resta sou “eu”: os caminhos da separação conjugal*. Tese de Doutorado. Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Varela, N. A. (2005). *Até que a vida nos separe: relações íntimas, gênero e transações econômicas*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- Viegas, I. L. F. (2006). *A desvinculação amorosa na relação conjugal*. Dissertação de Mestrado. Psicologia. Universidade de São Marcos, São Paulo.
- Zagury, T. (2003). O adolescente e a felicidade. *Ciência e Saúde Coletiva*, 8(3), 681-689.
- Zeglio, C., & Rodrigues Jr., O. M. (2007). *Amor e sexualidade: como sexo e casamento se encontram*. São Paulo: Iglu.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão da literatura e o estudo piloto foram mostrando o que os estudos seguintes parecem ter conseguido confirmar. A separação conjugal decorre de motivos pessoais relacionados às expectativas quanto à vivência em casal, quanto ao contrato consciente e inconsciente estabelecido, bem como do cumprimento das tarefas vinculadas ao papel de marido e de esposa e, nos casos em que há filhos, ao papel de pais e mães.

Na contemporaneidade, a separação é mais aceita, o que faz com que as pessoas que vivem relacionamentos insatisfatórios optem por separar-se, abrindo a possibilidade de se sentirem mais felizes sozinhas ou de buscarem novos relacionamentos, neste caso estabelecendo novos contratos baseados nas experiências positivas e/ou negativas das primeiras relações.

A análise dos processos judiciais evidenciou os motivos apontados pelos ex-casais para os advogados, que redigiram os documentos que constam no Fórum, ficando evidente a existência de conflitos e frustrações que levavam a brigas e agressões, embora não se possa saber a causa dos mesmos.

Visando buscar os motivos, na perspectiva das pessoas que vivenciaram a separação conjugal, identificamos, nas entrevistas realizadas, que predominou a traição como causa de pedido de separação para as mulheres e para um dos homens. Isto mostra o quanto é valorizada a exclusividade pelas mulheres e o quanto é difícil para os homens este comprometimento; também demonstra que é um motivo relevante para ruptura do laço conjugal. Ao mesmo tempo, podemos constatar que os homens não se constroem em dar vazão aos seus desejos, independente de combinações ou expectativas de suas parceiras, ou por outro lado, isso talvez ocorra para que elas tomem a iniciativa de romper a relação já que eles não sabem como ou não querem terminar os relacionamentos.

Outro aspecto evidente nas entrevistas com as pessoas na faixa dos 40 anos é que a decisão de se separarem não foi intempestiva, mas decorreu de sucessivas frustrações e insatisfações. Já para o entrevistado mais jovem, a decisão de se separar foi tomada sem ter muito claro o que queria. Neste sentido, tem sido um fato comum os jovens passarem a viver juntos, fazer um *test drive* como chamam, ou coabitarem como os profissionais denominam ou ainda oficializarem precocemente a relação, e assim como se unem rapidamente, também precocemente rompem a relação, o que sugere que para a geração mais nova, o casamento tem um peso bem menor do que

para as gerações mais velhas, podendo ser rompido a qualquer hora e por qualquer motivo. Este fato vem sendo favorecido no Brasil pela legislação que está cada vez mais facilitando o processo de dissolução do casamento. Por exemplo, neste mês está para ser votado, em segundo turno no Senado Nacional, a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) do divórcio direto que elimina a necessidade de separação por um ano para conversão em divórcio.

Ao mesmo tempo, na análise dos conteúdos das revistas femininas e masculinas, verificamos que seguem reforçando mensagens que distanciam ambos os sexos, perpetuando estereótipos e preconceitos que dificultam uma visão de mundo e de relacionamento mais próxima, bem como o estabelecimento de projetos compartilhados. Estes conteúdos seguem estimulando ideias do amor romântico para as mulheres e a falta de comprometimento e a busca do prazer, sem compromisso para o homem. Em pleno século XXI, estas revistas seguem disseminando universos diferentes para mulheres e homens e o que é pior, privilegiando as posições do homem e inferiorizando as mulheres. Neste estudo enfocamos as revistas, mas se analisássemos outras mídias como a televisão, os programas de entrevistas, programas de auditório e as novelas, com certeza encontraríamos resultados semelhantes.

Resta questionar a serviço de que e de quem está a mídia?

Qual o papel do(a)s psicólogo(a)s em especial dos que trabalham com casais e famílias neste contexto? As perguntas continuam emergindo e esperamos poder continuar, no futuro, já fora do doutorado, a trabalhar para respondê-las.

**ANEXOS**

## ANEXO 1



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

PODER JUDICIÁRIO

**TERMO DE COMPROMISSO**

Considerando o pedido da Doutoranda **ELIANA PICCOLI ZORDAN**, aluna do Doutorado em Psicologia da PUCRS, para a realização de pesquisa acadêmica sobre separações e divórcios através de processos judiciais.

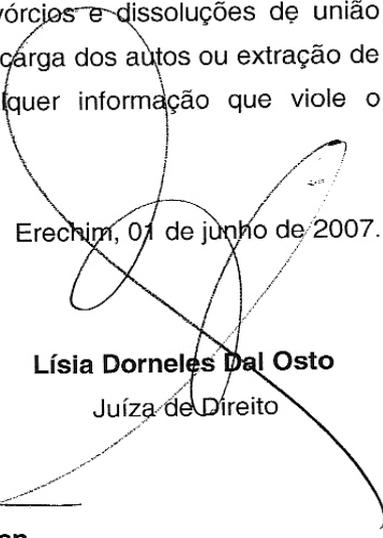
Considerando que os processos judiciais são fontes de pesquisa, assim considerados pelo meio acadêmico, podendo auxiliar no aprofundamento da pesquisa no tema proposto pela Doutoranda.

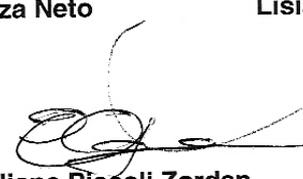
*Os Juízes de Direito Victor Sant'Anna Luiz de Souza Neto, da 2ª Vara Cível, e Lísia Dorneles Dal Osto, da 3ª Vara Cível especializada em Família, Sucessões Infância e Juventude, da Comarca de Erechim, RESOLVEM:*

DEFERIR o pedido, autorizando ELIANA PICCOLI ZORDAN a realizar a pesquisa nos processos judiciais de família arquivados na 2ª Vara Cível, abrangidos aqueles referentes a separações, divórcios e dissoluções de união estável, no Arquivo Judicial, sem possibilidade de carga dos autos ou extração de cópias, comprometendo-se a não divulgar qualquer informação que viole o segredo de justiça que protege estes feitos.

Erechim, 01 de junho de 2007.

  
**Victor Sant'Anna Luiz de Souza Neto**  
Juiz de Direito

  
**Lísia Dorneles Dal Osto**  
Juíza de Direito

  
**Eliana Piccoli Zordan**  
Doutoranda

## ANEXO 2

## Levantamento Biodemográfico

Caso: \_\_\_\_\_

Tipo de Ação:

- |  |   |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Separação consensual        | <input type="checkbox"/> Separação judicial litigiosa       |
| <input type="checkbox"/> Divórcio direto             | <input type="checkbox"/> Divórcio litigioso                 |
| <input type="checkbox"/> Dissolução de união de fato | <input type="checkbox"/> Conversão de separação em divórcio |

Dados referentes à Mulher:

Data de nascimento: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Profissão antes: \_\_\_\_\_ Profissão atual: \_\_\_\_\_

Idade ao casar: \_\_\_\_\_ Idade solicitação separação: \_\_\_\_\_

Dados referentes ao Homem:

Data de nascimento: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Profissão antes: \_\_\_\_\_ Profissão atual: \_\_\_\_\_

Idade ao casar: \_\_\_\_\_ Idade solicitação separação: \_\_\_\_\_

Data do casamento: \_\_\_\_\_ Data solicitação separação: \_\_\_\_\_

Tempo duração casamento: \_\_\_\_\_ Separação solicitada por: \_\_\_\_\_

Sexo e Datas de Nascimento do(a) Filho(a)s:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Motivos alegados: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Bens:  móveis  imóveis  carrosMulher pede para voltar nome de solteira  sim  não

Desfecho: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## ANEXO 3



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Ofício 1398/07-CEP

Porto Alegre, 21 de novembro de 2007.

Senhor(a) Pesquisador(a):

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS apreciou e aprovou seu protocolo de pesquisa registro CEP 07/03976, intitulado: **"A separação na contemporaneidade: motivos, circunstâncias e contextos"**.

Sua investigação está autorizada a partir da presente data.

Relatórios parciais e final da pesquisa devem ser entregues a este CEP.

Atenciosamente,

Prof. Dr. José Roberto Goldim  
COORDENADOR DO CEP-PUCRS

Ilmo(a) Sr(a)  
Dr(a) Adriana Wagner  
N/Universidade

**PUCRS**

Campus Central  
Av. Ipiranga, 6690 – 3º andar – CEP: 90610-000  
Sala 314 – Fone Fax: (51) 3320-3345  
E-mail: [cep@pucrs.br](mailto:cep@pucrs.br)  
[www.pucrs.br/ornaa/cep](http://www.pucrs.br/ornaa/cep)

## ANEXO 4

## LEVANTAMENTO REVISTAS ABRIL 2009

CATEGORIAS: Relacionamento Amoroso  
Sexualidade  
Padrões de Comportamento  
Relações de Gênero

LEGENDA: CPRA – Capa Relacionamento Amoroso  
PRA – Publicidade Relacionamento Amoroso  
CRA – Carta Relacionamento Amoroso  
ERA – Entrevista Relacionamento Amoroso  
CPSX – Capa Sexualidade  
PSX – Publicidade Sexualidade  
CSX – Carta Sexualidade  
ESX – Entrevista Sexualidade  
CPPC – Capa Padrões de Comportamento  
PPC – Publicidade Padrões de Comportamento  
CPC – Cartas Padrões de Comportamento  
EPC – Entrevistas Padrões de Comportamento  
CPRG – Capa Relações de Gênero  
PRG – Publicidade Relações de Gênero  
CRG – Cartas Relações de Gênero  
ERG – Entrevistas Relações de Gênero

## Categoria 1 - Relacionamento amoroso

|                              | Claudia                                   | Nova  | Playboy | VIP            |
|------------------------------|---|---|---------|----------------|
| Capa                         | 1 CPRA                                    | 1CPRA<br>2 CPRA<br>3 CPRA   |         | 1 CPRA         |
| Publicidade                  | 1 PRA                                     | 1 PRA   |         |                |
| Cartas                       | 1 CRA<br>2 CRA<br>3 CRA                   | 1 CRA<br>2 CRA  |         | 1 CRA<br>2 CRA |
| Entrevistas e<br>reportagens | 1 ERA<br>2 ERA<br>3 ERA<br>4 ERA<br>5 ERA | 1 ERA 7 ERA<br>2 ERA 8 ERA<br>3 ERA 9 ERA<br>4 ERA 10 ERA<br>5 ERA<br>6 ERA |         | 1 ERA<br>2 ERA |

## Categoria 2 - Sexualidade

|                           | Claudia        | Nova  | Playboy        | VIP                                       |
|---------------------------|----------------|---|----------------|---|
| Capa                      | 1 CPSX         | 1 CPSX  |                |   |
| Publicidade               | 1 PSX<br>2 PSX | 1 PSX<br>2 PSX  |                |   |
| Cartas                    |                | 1 CSX   |                | 1 CSX<br>2 CSX<br>3 CSX<br>4 CSX<br>5 CSX |
| Entrevistas e reportagens | 1 ESX          | 1 ESX 8 ESX<br>2 ESX 9 ESX<br>3 ESX 10 ESX<br>4 ESX 11 ESX<br>5 ESX 12 ESX<br>6 ESX 13 ESX<br>7 ESX | 1 ESX<br>2 ESX | 1 ESX                                     |

## Categoria 3 - Padrões de comportamento

|                           | Claudia                          | Nova                    | Playboy        | VIP                     |
|---------------------------|----------------------------------|-------------------------|----------------|-------------------------|
| Capa                      |                                  |                         |                |                         |
| Publicidade               | 1 PPC<br>2 PPC<br>3 PPC<br>4 PPC | 1 PPC<br>2 PPC<br>3 PPC | 1 PPC<br>2 PPC | 1 PPC<br>2 PPC          |
| Cartas                    |                                  |                         |                |                         |
| Entrevistas e reportagens | 1 EPC<br>2 EPC                   | 1 EPC<br>2 EPC<br>3 EPC | 1 EPC<br>2 EPC | 1 EPC<br>2 EPC<br>3 EPC |

## Categoria 4 - Relações de gênero

|                           | Claudia        | Nova           | Playboy | VIP                     |
|---------------------------|----------------|----------------|---------|-------------------------|
| Capa                      |                |                |         |                         |
| Publicidade               | 1 PRG          |                |         |                         |
| Cartas                    |                |                |         | 1 CRG<br>2 CRG          |
| Entrevistas e reportagens | 1 ERG<br>2 ERG | 1 ERG<br>2 ERG | 1 ERG   | 1 ERG<br>2 ERG<br>3 ERG |

## LEVANTAMENTO REVISTAS MAIO 2009

CATEGORIAS: Relacionamento Amoroso  
Sexualidade  
Padrões de Comportamento  
Relações de Gênero

LEGENDA: CPRA – Capa Relacionamento Amoroso  
PRA – Publicidade Relacionamento Amoroso  
CRA – Carta Relacionamento Amoroso  
ERA – Entrevista Relacionamento Amoroso  
CPSX – Capa Sexualidade  
PSX – Publicidade Sexualidade  
CSX – Carta Sexualidade  
ESX – Entrevista Sexualidade  
CPPC – Capa Padrões de Comportamento  
PPC – Publicidade Padrões de Comportamento  
CPC – Cartas Padrões de Comportamento  
EPC – Entrevistas Padrões de Comportamento  
CPRG – Capa Relações de Gênero  
PRG – Publicidade Relações de Gênero  
CRG – Cartas Relações de Gênero  
ERG – Entrevistas Relações de Gênero

## Categoria 1 - Relacionamento amoroso

|             | Claudia        | Nova             | Playboy | VIP            |
|-------------|----------------|------------------|---------|----------------|
| Capa        | 1 CPRA         | 1 CPRA<br>2 CPRA |         | 1 CPRA         |
| Publicidade | 1 PRA<br>2 PRA | 1 PRA            |         | 1 PRA<br>2 PRA |
| Cartas      |                | 1 CRA            |         |                |

|                           |                |   |                                  |                |
|---------------------------|----------------|---|----------------------------------|----------------|
|                           |                |   |                                  |                |
| Entrevistas e reportagens | 1 ERA<br>2 ERA | 1 ERA 8 ERA<br>2 ERA 9 ERA<br>3 ERA 10 ERA<br>4 ERA 11 ERA<br>5 ERA 12 ERA<br>6 ERA 13 ERA<br>7 ERA | 1 ERA<br>2 ERA<br>3 ERA<br>4 ERA | 1 ERA<br>2 ERA |

### Categoria 2 - Sexualidade

|                           | Claudia | Nova   | Playboy                 | VIP                     |
|---------------------------|---------|--|-------------------------|-------------------------|
| Capa                      |         | 1 CPSX<br>2 CPSX<br>3 CPSX   | 1 CPSX                  |                         |
| Publicidade               |         |  |                         | 1 PSX                   |
| Cartas                    |         | 1 CSX<br>2 CSX   |                         | 1 CSX<br>2 CSX<br>3 CSX |
| Entrevistas e reportagens |         | 1 ESX 7 ESX<br>2 ESX 8 ESX<br>3 ESX 9 ESX<br>4 ESX<br>5 ESX<br>6 ESX | 1 ESX<br>2 ESX<br>3 ESX | 1 ESX<br>2 ESX<br>3 ESX |

### Categoria 3 - Padrões de comportamento

|               | Claudia                                      | Nova                    | Playboy | VIP            |
|---------------|--|-------------------------|---------|----------------|
| Capa          | 1 CPPC<br>2 CPPC                             |                         |         |                |
| Publicidade   | 1 PPC<br>2 PPC<br>3 PPC<br>4 PPC             | 1 PPC<br>2 PPC<br>3 PPC | 1 PPC   | 1 PPC<br>2 PPC |
| Cartas        | 1 CPC 5 CPC<br>2 CPC 6 CPC<br>3 CPC<br>4 CPC |                         |         |                |
| Entrevistas e | 1 EPC 5 EPC                                  | 1 EPC 5 EPC             | 1 EPC   | 1 EPC          |

|             |                         |                |                         |       |       |                                  |
|-------------|-------------------------|----------------|-------------------------|-------|-------|----------------------------------|
| reportagens | 2 EPC<br>3 EPC<br>4 EPC | 6 EPC<br>7 EPC | 2 EPC<br>3 EPC<br>4 EPC | 6 EPC | 2 EPC | 2 EPC<br>3 EPC<br>4 EPC<br>5 EPC |
|-------------|-------------------------|----------------|-------------------------|-------|-------|----------------------------------|

Categoria 4 - Relações de gênero

|                           | Claudia                          | Nova  | Playboy | VIP                     |
|---------------------------|----------------------------------|-------|---------|-------------------------|
| Capa                      | 1 CPRG                           |       |         |                         |
| Publicidade               | 1 PRG                            |       | 1 PRG   | 1 PRG<br>2 PRG          |
| Cartas                    | 1 CRG<br>2 CRG                   |       |         |                         |
| Entrevistas e reportagens | 1 ERG<br>2 ERG<br>3 ERG<br>4 ERG | 2 ERG |         | 1 ERG<br>2 ERG<br>3 ERG |

LEVANTAMENTO REVISTAS JUNHO 2009

CATEGORIAS: Relacionamento Amoroso  
Sexualidade  
Padrões de Comportamento  
Relações de Gênero

LEGENDA: CPRA – Capa Relacionamento Amoroso  
PRA – Publicidade Relacionamento Amoroso  
CRA – Carta Relacionamento Amoroso  
ERA – Entrevista Relacionamento Amoroso  
CPSX – Capa Sexualidade  
PSX – Publicidade Sexualidade  
CSX – Carta Sexualidade  
ESX – Entrevista Sexualidade  
CPPC – Capa Padrões de Comportamento  
PPC – Publicidade Padrões de Comportamento  
CPC – Cartas Padrões de Comportamento  
EPC – Entrevistas Padrões de Comportamento  
CPRG – Capa Relações de Gênero  
PRG – Publicidade Relações de Gênero

CRG – Cartas Relações de Gênero  
 ERG – Entrevistas Relações de Gênero

Categoria 1 - Relacionamento amoroso

|                              | Claudia  | Nova   | Playboy   | VIP                                       |
|------------------------------|--|--|---|---|
| Capa                         | 1 CPRA<br>2 CPRA   | 1 CPRA   |   |   |
| Publicidade                  | 1 PRA<br>2 PRA   | 1 PRA<br>2 PRA<br>3 PRA<br>4 PRA<br>5 PRA                      | 1 PRA 6 PRA<br>2 PRA 7 PRA<br>3 PRA 8 PRA<br>4 PRA<br>5 PRA | 1 PRA<br>2 PRA                            |
| Cartas                       | 1 CRA<br>2 CRA   | 1 CRA<br>2 CRA   |   | 1 CRA<br>2 CRA<br>3 CRA<br>4 CRA          |
| Entrevistas e<br>reportagens | 1 ERA 7 ERA<br>2 ERA 8 ERA<br>3 ERA<br>4 ERA<br>5 ERA<br>6 ERA | 1 ERA 7 ERA<br>2 ERA 8 ERA<br>3 ERA<br>4 ERA<br>5 ERA<br>6 ERA | 1 ERA<br>2 ERA  | 1 ERA<br>2 ERA<br>3 ERA<br>4 ERA<br>5 ERA |

Categoria 2 - Sexualidade

|                              | Claudia | Nova                             | Playboy                                   | VIP                              |
|------------------------------|---------|----------------------------------|---|----------------------------------|
| Capa                         | 1 CPSX  | 1 CPSX<br>2 CPSX                 | 1 CPSX<br>2 CPSX                          | 1 CPSX                           |
| Publicidade                  | 1 PSX   |                                  | 1 PSX<br>2 PSX<br>3 PSX<br>4 PSX<br>5 PSX | 1 PSX<br>2 PSX                   |
| Cartas                       |         |                                  |   | 1 CSX<br>2 CSX<br>3 CSX<br>4 CSX |
| Entrevistas e<br>reportagens | 1 ESX   | 1 ESX<br>2 ESX<br>3 ESX<br>4 ESX | 1 ESX<br>2 ESX<br>3 ESX<br>4 ESX          | 1 ESX<br>2 ESX<br>3 ESX          |

### Categoria 3 - Padrões de comportamento

|                           | Claudia                          |                                  | Nova                             |                         | Playboy                          |      | VIP                              |                                  |
|---------------------------|----------------------------------|----------------------------------|----------------------------------|-------------------------|----------------------------------|------|----------------------------------|----------------------------------|
| Capa                      | 1 CPPC                           |                                  |                                  |                         |                                  |      |                                  |                                  |
| Publicidade               | 1 PPC<br>2 PPC<br>3 PPC<br>4 PPC | 5 PPC<br>6 PPC<br>7 PPC<br>8 PPC | 1 PPC<br>2 PPC<br>3 PPC<br>4 PPC | 5 PPC                   | 1 PPC                            |      | 1 PPC                            |                                  |
| Cartas                    | 1 CPC<br>2 CPC<br>3 CPC<br>4 CPC | 5 CPC<br>6 CPC<br>7 CPC<br>8 CPC | 1 CPC                            |                         |                                  |      | 1 CPC<br>2 CPC<br>3 CPC<br>4 CPC |                                  |
| Entrevistas e reportagens | 1 EPC<br>2 EPC<br>3 EPC<br>4 EPC | 5 EPC<br>6 EPC<br>7 EPC<br>8 EPC | 1 EPC<br>2 EPC<br>3 EPC<br>4 EPC | 5 EPC<br>6 EPC<br>7 EPC | 1 EPC<br>2 EPC<br>3 EPC<br>4 EPC | 5EPC | 1 EPC<br>2 EPC<br>3 EPC<br>4 EPC | 5 EPC<br>6 EPC<br>7 EPC<br>8 EPC |

### Categoria 4 - Relações de gênero

|                           | Claudia                          |  | Nova  |  | Playboy |  | VIP   |  |
|---------------------------|----------------------------------|--|-------|--|---------|--|-------|--|
| Capa                      |                                  |  |       |  |         |  |       |  |
| Publicidade               | 1 PRG<br>2 PRG<br>3 PRG<br>4 PRG |  | 1 PRG |  | 1 PRG   |  |       |  |
| Cartas                    |                                  |  | 1 CRG |  |         |  | 1 CRG |  |
| Entrevistas e reportagens | 1 ERG                            |  |       |  | 1 ERG   |  |       |  |

### LEVANTAMENTO REVISTAS JULHO 2009

CATEGORIAS: Relacionamento Amoroso  
Sexualidade  
Padrões de Comportamento  
Relações de Gênero

LEGENDA: CPRA – Capa Relacionamento Amoroso

PRA – Publicidade Relacionamento Amoroso  
 CRA – Carta Relacionamento Amoroso  
 ERA – Entrevista Relacionamento Amoroso  
 CPSX – Capa Sexualidade  
 PSX – Publicidade Sexualidade  
 CSX – Carta Sexualidade  
 ESX – Entrevista Sexualidade  
 CPPC – Capa Padrões de Comportamento  
 PPC – Publicidade Padrões de Comportamento  
 CPC – Cartas Padrões de Comportamento  
 EPC – Entrevistas Padrões de Comportamento  
 CPRG – Capa Relações de Gênero  
 PRG – Publicidade Relações de Gênero  
 CRG – Cartas Relações de Gênero  
 ERG – Entrevistas Relações de Gênero

#### Categoria 1 - Relacionamento amoroso

|                              | Claudia                          | Nova                                      | Playboy                          | VIP                                       |
|------------------------------|----------------------------------|---|----------------------------------|---|
| Capa                         | 1 CPRA<br>2 CPRA                 | 1 CPRA                                    |                                  |   |
| Publicidade                  |                                  | 1 PRA                                     |                                  |   |
| Cartas                       |                                  | 1 CRA<br>2 CRA<br>3 CRA                   |                                  | 1 CRA                                     |
| Entrevistas e<br>reportagens | 1 ERA<br>2 ERA<br>3 ERA<br>4 ERA | 1 ERA<br>2 ERA<br>3 ERA<br>4 ERA<br>5 ERA | 6 ERA<br>7 ERA<br>1 ERA<br>2 ERA | 1 ERA<br>2 ERA<br>3 ERA<br>4 ERA<br>5 ERA |

#### Categoria 2 - Sexualidade

|             | Claudia | Nova                       | Playboy                 | VIP            |
|-------------|---------|----------------------------|-------------------------|----------------|
| Capa        |         | 1 CPSX<br>2 CPSX<br>3 CPSX | 1 CPSX<br>2 CPSX        | 1 CPSX         |
| Publicidade | 1 PSX   | 1 PSX<br>2 PSX             | 1 PSX<br>2 PSX<br>3 PSX | 1 PSX<br>2 PSX |
| Cartas      |         | 1 CSX                      |                         | 1 CSX<br>2 CSX |

|                           |  |   |                         |                         |
|---------------------------|--|---|-------------------------|-------------------------|
|                           |  |   |                         |                         |
| Entrevistas e reportagens |  | 1 ESX<br>2 ESX<br>3 ESX<br>4 ESX<br>5 ESX | 1 ESX<br>2 ESX<br>3 ESX | 1 ESX<br>2 ESX<br>3 ESX |

Categoria 3 - Padrões de comportamento

|                           | Claudia                                   |                         | Nova                                      |                | Playboy                                   |                | VIP                                       |                |
|---------------------------|---|-------------------------|---|----------------|---|----------------|---|----------------|
| Capa                      | 1 CPPC<br>2 CPPC<br>3 CPPC                |                         |   |                | 1 CPPC                                    |                | 1 CPPC                                    |                |
| Publicidade               | 1 PPC<br>2 PPC<br>3 PPC<br>4 PPC<br>5 PPC | 6 PPC<br>7 PPC<br>8 PPC | 1 PPC<br>2 PPC<br>3 PPC<br>4 PPC<br>5 PPC | 6 PPC<br>7 PPC | 1 PPC<br>2 PPC<br>3 PPC<br>4 PPC<br>5 PPC | 6 PPC<br>7 PPC | 1 PPC                                     |                |
| Cartas                    | 1 CPC<br>2 CPC<br>3 CPC<br>4 CPC          | 5 CPC<br>6 CPC          | 1 CPC<br>2 CPC<br>3 CPC                   |                |   |                | 1 CPC<br>2 CPC<br>3 CPC                   |                |
| Entrevistas e reportagens | 1 EPC<br>2 EPC<br>3 EPC<br>4 EPC<br>5 EPC | 6 EPC<br>7 EPC          | 1 EPC<br>2 EPC<br>3 EPC<br>4 EPC<br>5 EPC | 6 EPC          | 1 EPC<br>2 EPC<br>3 EPC<br>4 EPC<br>5 EPC | 6 EPC          | 1 EPC<br>2 EPC<br>3 EPC<br>4 EPC<br>5 EPC | 6 EPC<br>7 EPC |

Categoria 4 - Relações de gênero

|                           | Claudia        |  | Nova           |  | Playboy |  | VIP   |  |
|---------------------------|----------------|--|----------------|--|---------|--|-------|--|
| Capa                      |                |  |                |  |         |  |       |  |
| Publicidade               | 1 PRG<br>2 PRG |  | 1 PRG<br>2 PRG |  | 1 PRG   |  | 1 PRG |  |
| Cartas                    |                |  | 1 CRG          |  | 1 CRG   |  |       |  |
| Entrevistas e reportagens | 1 ERG          |  | 1 ERG          |  |         |  | 1 ERG |  |

|  |  |  |  |  |
|--|--|--|--|--|
|  |  |  |  |  |
|--|--|--|--|--|

## LEVANTAMENTO REVISTAS AGOSTO 2009

CATEGORIAS: Relacionamento Amoroso  
Sexualidade  
Padrões de Comportamento  
Relações de Gênero

LEGENDA: CPRA – Capa Relacionamento Amoroso  
PRA – Publicidade Relacionamento Amoroso  
CRA – Carta Relacionamento Amoroso  
ERA – Entrevista Relacionamento Amoroso  
CPSX – Capa Sexualidade  
PSX – Publicidade Sexualidade  
CSX – Carta Sexualidade  
ESX – Entrevista Sexualidade  
CPPC – Capa Padrões de Comportamento  
PPC – Publicidade Padrões de Comportamento  
CPC – Cartas Padrões de Comportamento  
EPC – Entrevistas Padrões de Comportamento  
CPRG – Capa Relações de Gênero  
PRG – Publicidade Relações de Gênero  
CRG – Cartas Relações de Gênero  
ERG – Entrevistas Relações de Gênero

## Categoria 1 - Relacionamento amoroso

|                              | Claudia                                   | Nova  | Playboy        | VIP                     |
|------------------------------|---|---|----------------|-------------------------|
| Capa                         |   | 1 CPRA  |                |                         |
| Publicidade                  |   | 1 PRA   | 1 PRA          |                         |
| Cartas                       | 1 CRA<br>2 CRA<br>3 CRA<br>4 CRA          | 1 CRA<br>2 CRA                                  |                | 1 CRA                   |
| Entrevistas e<br>reportagens | 1 ERA<br>2 ERA<br>3 ERA<br>4 ERA<br>5 ERA | 1 ERA 6 ERA<br>2 ERA<br>3 ERA<br>4 ERA<br>5 ERA | 1 ERA<br>2 ERA | 1 ERA<br>2 ERA<br>3 ERA |

## Categoria 2 - Sexualidade

|                           | Claudia | Nova                             | Playboy  | VIP                                       |
|---------------------------|---------|----------------------------------|--|---|
| Capa                      | 1 CPSX  | 1 CPSX<br>2 CPSX                 |  | 1 CPSX<br>2 CPSX                          |
| Publicidade               | 1 PSX   |                                  | 1 PSX 7 PSX<br>2 PSX<br>3 PSX<br>4 PSX<br>5 PSX<br>6 PSX | 1 PSX<br>2 PSX<br>3 PSX<br>4 PSX<br>5 PSX |
| Cartas                    |         |                                  |  | 1 CSX<br>2 CSX                            |
| Entrevistas e reportagens | 1 ESX   | 1 ESX<br>2 ESX<br>3 ESX<br>4 ESX | 1 ESX<br>2 ESX<br>3 ESX<br>4 ESX<br>5 ESX<br>6 ESX       | 1 ESX<br>2 ESX<br>3 ESX                   |

Categoria 3 - Padrões de comportamento

|                           | Claudia  | Nova   | Playboy                                   | VIP   |
|---------------------------|--|--|---|---|
| Capa                      | 1 CPPC<br>2 CPPC   |  | 1 CPPC                                    |   |
| Publicidade               | 1 PPC 10 PPC<br>2 PPC 11 PPC<br>3 PPC 12 PPC<br>4 PPC 13 PPC<br>5 PPC 14 PPC<br>6 PPC 15 PPC<br>7 PPC 16 PPC<br>8 PPC 17 PPC<br>9 PPC 18 PPC | 1 PPC<br>2 PPC<br>3 PPC  | 1 PPC<br>2 PPC<br>3 PPC<br>4 PPC<br>5 PPC | 1 PPC<br>2 PPC<br>3 PPC<br>4 PPC<br>5 PPC<br>6 PPC<br>7 PPC |
| Cartas                    | 1 CPC<br>2 CPC<br>3 CPC<br>4 CPC   | 1 CPC<br>2 CPC<br>3 CPC<br>4 CPC   |   |   |
| Entrevistas e reportagens | 1 EPC 6 EPC<br>2 EPC 7 EPC<br>3 EPC 8 EPC<br>4 EPC 9 EPC<br>5 EPC  | 1 EPC 6 EPC<br>2 EPC 7 EPC<br>3 EPC 8 EPC<br>4 EPC 9 EPC<br>5 EPC 10 EPC | 1 EPC<br>2 EPC<br>3 EPC<br>4 EPC          | 1 EPC<br>2 EPC  |

Categoria 4 - Relações de gênero

|                           | Claudia | Nova  | Playboy | VIP |
|---------------------------|---------|-------|---------|-----|
| Capa                      |         |       |         |     |
| Publicidade               | 1 PRG   |       |         |     |
| Cartas                    |         |       |         |     |
| Entrevistas e reportagens |         | 1 PRG |         |     |